



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

AMIRALDO DO SOCORRO SOARES DA CUNHA

**MUDANÇAS E ADAPTAÇÕES NO MODO DE VIDA NA VILA MAINARDI
(BREVES, PARÁ): OS IMPACTOS DA DECADÊNCIA DA ATIVIDADE
MADEIREIRA**

**BELÉM
2021**

AMIRALDO DO SOCORRO SOARES DA CUNHA

**MUDANÇAS E ADAPTAÇÕES NO MODO DE VIDA NA VILA MAINARDI
(BREVES, PARÁ): OS IMPACTOS DA DECADÊNCIA DA ATIVIDADE
MADEIREIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como um requisito da Qualificação de Curso.

Área de concentração: Organização e Gestão do Território

Linha de pesquisa: Dinâmicas Socioambientais e Recursos Naturais na Amazônia

Orientador: Prof. Dr. Christian Nunes da Silva

BELÉM
2021

AMIRALDO DO SOCORRO SOARES DA CUNHA

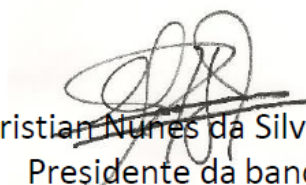
**MUDANÇAS E ADAPTAÇÕES NO MODO DE VIDA NA VILA MAINARDI
(BREVES, PARÁ): OS IMPACTOS DA DECADÊNCIA DA ATIVIDADE
MADEIREIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como um requisito da Qualificação de Curso.

Data de avaliação: 30/09/2021

Conceito: APROVADO

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Christian Nunes da Silva- PP GEO/UFPA
Presidente da banca



Prof. Dr. João Marcio Palheta da Silva - PP GEO/UFPA
Examinador interno



Prof. Dr. Leonardo Souza dos Santos - IESP – FAAM
Examinador externo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C972m Cunha, Amiraldo do Socorro Soares.
MUDANÇAS E ADAPTAÇÕES NO MODO DE VIDA NA
VILA MAINARDI (BREVES, PARÁ): OS IMPACTOS DA
DECADÊNCIA DA ATIVIDADE MADEIREIRA / Amiraldo do
Socorro Soares Cunha. — 2021.
127 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Christian Nunes da Silva
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Geografia, Belém, 2021.

1. Populações Tradicionais. 2. Modo de vida. 3.
Estratégias territoriais de sobrevivência. 4. Mapeamento
Participativo. 5. Vila Mainardi. I. Título.

CDD 900

*Aos meus pais, esposa e familiares, à comunidade
N. Sra. do Perpétuo Socorro da Vila Minardi
e à toda sociedade brevense,
dedico!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Senhor e Razão de toda existência. Toda honra e toda glória a Ti, Senhor.

Aos meus pais Estandislau Cardoso da Cunha e Domingas Soares da Cunha, a quem devo tudo aquilo, em que fui capaz de me transformar; minhas referências de dignidade e de superação e o meu alicerce em todos os momentos; fontes vivas de incomparável amor.

Ao meu digníssimo e estimado professor orientador Dr. Christian Nunes da Silva, cujas grandezas humana, espiritual, intelectual e profissional, compartilhadas criaram as bases fundantes para a concretização deste meu projeto de vida, que se transformou em nosso e que se tornou possível pela sua compreensão e pela sua crença, a verdadeira luz-guia em todos os momentos desta construção. Todo o meu respeito e a minha eterna gratidão.

Ao professor Dr. Leonardo dos Santos, meu reconhecimento, meu respeito e minha gratidão, por ter compartilhado sua irretocável arte, agregando, a esta produção, significativos e precisos elementos, de naturezas científica e geográfica.

A minha querida esposa Vera Lúcia Miranda Saraiva, com quem tenho a felicidade de compartilhar a vida em todos os momentos e em todas as circunstâncias, por sua crença inabalável, por sua preciosa compreensão em todas as nossas caminhadas, pelos indiscutíveis exemplos de amor, de zelo, de carinho e de fortaleza familiar, sobretudo, quando a vida teima em nos desafiar. Meu respeito, meu afeto e minha mais profunda e eterna gratidão.

Ao Dr. Dante Giubilei, ortopedista cirurgião de coluna, sem cujos cuidados os rumos de minha trajetória muito provavelmente seriam outros, sinceramente obrigado pelo tratamento humanizado e pelo singular profissionalismo dedicado a mim e a todos aqueles que demandam de seus brilhantes conhecimentos.

Ao professor Dr. Carlos Élvio das Neves Paes, meu reconhecimento, meu respeito e minha gratidão, pelos anos de vida dedicados à promoção da educação marajoara e pela implementação do visionário Programa de Criação do Núcleo Integrado de Geoinformação da Educação de Breves (ProGeo-Breves), cuja promoção nos oportunizou participar do certame do Mestrado Acadêmico pela PPGeo-UFPA.

Aos meus amados irmãos Amaury de Jesus Soares da Cunha, Alacid Soares da Cunha, Jesus Soares da Cunha, Rosana Soares da Cunha, Ana Rosa Soares da Cunha, Amarildo Soares dos Anjos, Jorge Furtado da Cunha Luiz, Janira Furtado da Cunha, pelo apoio, pelo estímulo e pelo encorajamento em todas as horas. Bem sabemos que nem sempre estamos juntos, mas nada

nos separa. Saibam da minha eterna gratidão e do meu amor por todos vocês. Todos e cada um, ao seu modo, com suas possibilidades e com suas limitações, tornaram possível esta conquista.

Aos professores e à equipe administrativa do PPGeo-Ufpa, meu profundo agradecimento, pela convivência fraterna e pelo compartilhamento de novos saberes. Viver, aprender e vencer os desafios em tempos tão incertos, só com a ousadia e com a crença dessa tão competente equipe.

Ao digníssimo professor Manoel Raimundo Ferreira Câmara (*in memoriam*), grande amigo e incentivador de jornadas, expresso eterna gratidão, pelos anos de virtuosa convivência, pelo compartilhamento de frutíferos diálogos e, sobretudo, pelas indelévels contribuições à educação do município de Breves.

Ao ilustríssimo senhor Vilson Fernandes Mainardi, proprietário do complexo industrial-portuário Mainardi e da vila Mainardi, pelo cordial acolhimento e pela disponibilidade em compartilhar suas memórias e suas contribuições históricas nas transformações territoriais, referentes às construções da Vila Mainardi e do complexo industrial madeireiro, no município de Breves. Minha sincera gratidão.

A comunidade N. Sra. do Perpétuo Socorro da Vila Mainardi, pela acolhida fraterna, pela logística disponibilizada e pelo apoio dispensado em todas as atividades de campo. José Admir Teixeira Dantas, Deuzimar Neves Dantas, Ivanilson Dias da Silva e Cássia Suely das Neves Dantas, minha eterna gratidão.

Aos nossos colaboradores de jornada em campo, residentes da Vila Mainardi e do seu entorno, pelo fraterno acolhimento e pelo compartilhamento das suas memórias, das suas vivências e das suas distintas percepções de realidade, e pelo amplo e vasto acervo informativo a mim disponibilizado, reportando suas histórias de vida na relação construtiva de seu território, sem as quais seria impossível a concretização desta dissertação. Adilson Gonçalves Dias, Ana Maria Miranda, Benedito Machado Nascimento, Cássia Suely das Neves Dantas, Delma Dias Xavier, Deuzimar Neves Dantas, Elindomar Passos das Neves, Francisco Péricles Campos Aires, Gilvã dos Anjos Santos, Gracindo Barbosa Ferreira, Geovandro Serrão, Hugo Marcelo Lacerda Carneiro, Ivanilson Dias da Silva, Ivone de Jesus Miranda, Joaquim Fogaça de Miranda, Joel Carneiro de Miranda, Joel dos Santos Teixeira, José Admir Teixeira Dantas, José Fernandes de Souza, Joséli Neves Dantas, Jucirema de Souza Carvalho, Luiz Teixeira, Manoel Mercês Cirino, Maria Raimunda Miranda, Maria Santana dos Anjos, Maria de Jesus Balieiro, Marcos Fogaça, Paulo Afonso Miranda, Raimundo Raposo Ferreira, Regina Maria Ferreira Dias, Reginaldo Almeida Ferreira, Rosenildo dos Anjos Miranda e Vilson Fernandes Mainardi.

O território [...] não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São esses atores que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há, portanto, um 'processo' do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder, que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável, mas que constituem invariáveis na qualidade de categorias obrigatórias.

Claude Raffestin (1983)

RESUMO

O presente trabalho pretende realizar análises e debates, a partir de pesquisas bibliográfica e documental e de dados de campo, enfatizando as atividades de subsistência realizadas por populações tradicionais do Marajó, apresentando categorias e ferramentas de análise geográfica, que podem ser trabalhadas no entendimento do modo de vida e do uso dos recursos naturais, por parte destas populações. Esta proposta partiu da consideração de que a produção local, gerada na execução das chamadas estratégias territoriais de sobrevivência dessas populações tradicionais é de extrema importância para os abastecimentos dos centros urbanos e das próprias comunidades. Dessa forma, esta pesquisa buscará, também, verificar e discutir sobre a viabilidade do uso das técnicas de Cartografia social no mapeamento participativo das populações tradicionais pesquisadas, buscando entender como o ordenamento territorial pode integrar: informações sobre o modo de vida das populações tradicionais; atividades econômicas dos moradores; e geotecnologias e as informações sobre equipamentos utilizados na coleta e na captura de recursos naturais — pesqueiros e florestais. As pesquisas bibliográficas, integradas aos dados oriundos da pesquisa de campo e do mapeamento participativo, na vila Mainardi, no município de Breves, ilha do Marajó, estado do Pará, além dos trabalhos em laboratório, com utilização de técnicas de geoprocessamento, permitiram mapear a complexidade dinâmica de algumas relações socioespaciais e socioambientais estruturais da área de estudo, evidenciando como as técnicas de mapeamento participativo podem servir de auxílio ao entendimento do ordenamento dos recursos naturais, tanto por parte dos gestores públicos quanto por parte dos próprios usuários, que poderão ver suas territorialidades no mapa.

Palavras-chave: Populações tradicionais. Modo de vida. Estratégias territoriais de sobrevivência. Mapeamento Participativo. Vila Mainardi, Breves, Marajó.

ABSTRACT

The present work intends to carry out an analysis and debates, based on bibliographic and documental research and field data, emphasizing the subsistence activities performed by traditional populations of Marajó, presenting categories and tools of geographic analysis, which can be worked on the understanding of the way of life and the use of natural resources by these populations. This proposal started from the consideration that local production, generated in the execution of the so-called territorial strategies of survival of these traditional populations is extremely important for supplying both urban centers and communities themselves. In this way, this research will also seek to verify and discuss the viability of using social cartography techniques in the participative mapping of the traditional populations researched, seeking to understand how territorial planning can integrate information about: the traditional populations' way of life; the residents' economic activities; and geotechnologies and equipment used in the collection and capture of natural resources - fish and forests. The bibliographical research, integrated with data from the field research and participatory mapping in the village Mainardi, in the municipality of Breves, Marajó Island, Pará State, in addition to laboratory work, using geoprocessing techniques, allowed us to map the dynamic complexity of some socio-spatial and socio-environmental structural relations in the study area, showing how participatory mapping techniques can help the understanding of natural resource planning, by both the public managers and the users themselves, who will be able to see their territorialities on the map.

Keywords: Traditional populations. Way of life. Territorial survival strategies. Participatory Mapping. Vila Mainardi, Breves, Marajó.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Síntese dos procedimentos metodológicos das fases documental, analítica e operacional.....	16
Figura 2 – Síntese dos procedimentos metodológicos das fases modo de vida, mapeamento participativo e base cartográfica participativa	18
Figura 3 – Mapas em branco, disponibilizados para a construção da base cartográfica participativa	23
Figura 4 – Processo de troca de informações em oficina de construção do mapa participativo	24
Figura 5 – Processo de construção de mapas no mapeamento participativo.....	24
Figura 6 – Mapeamento participativo em grupos focais	25
Figura 7 – Processo de interpretação territorial/uso da terra da Vila Mainardi em imagem de satélite.....	26
Figura 8 – Uso dos Sistemas de Informações Espaciais (SIE) no mapeamento participativo .	28
Figura 9 – Reuniões para o mapeamento participativo e para a análise pós-exploração da área de estudo.....	30
Figura 10 – Município de Breves na Mesorregião do Marajó, estado do Pará, Brasil.....	32
Figura 11 – Morador do rio Jaburu, descendente direto dos antigos proprietários da Ilha Santa Cruz, local em que foi construída a Vila Mainardi.....	39
Figura 12 – Evolução histórica da Vila Mainardi, do Porto Norsul, da empresa Macasa S. A. e da empresa Madeiras Mainardi Ltda.	40
Figura 13 – Montagem de ilustrações, com imagem anterior e atual do senhor Wilson Fernandes Mainardi, empresário do setor madeireiro, fundador do grupo Mainardi e proprietário da Vila Mainardi.....	42
Figura 14 – Declaração histórica de cumprimento nº 068/2005	45
Figura 15 – Imagens da construção da sede social da Associação Vida Nova na vila Mainardi e registros da promoção de eventos desportivos e da confraternização anual	47
Figura 16 – Característica das moradias da área de entorno da Vila Mainardi na Amazônia marajoara/paraense	49
Figura 17 – Algumas das estruturas do período áureo da exploração madeireira na Vila Mainardi.....	51
Figura 18 – Fábrica de laminados na Vila Mainardi, em 2008	58
Figura 19 – Manejo florestal feito pela empresa Mainardi Ltda.	59
Figura 20 – Produção de madeira beneficiada, pela Global Madeira, em 2008.....	59
Figura 21 – Serraria com máquinas sofisticadas na Vila Mainardi.....	60
Figura 22 – Síntese dos ciclos econômicos no território da Vila Mainardi e adjacências	62
Figura 23 – Organização e estilo das residências na Vila Mainardi	63

Figura 24 – Residências de empregados, que possuíam família, às margens do rio Jaburu	64
Figura 25 – Imagens da montagem das jangadas de toras e do pátio de armazenamento da madeira, para o corte na serraria.....	65
Figura 26 – Serraria com serras de fita na Vila Mainardi, no período de grande produção.....	66
Figura 27 – Imagens do auge da exploração madeireira na Vila Mainardi.....	67
Figura 28 – Vista panorâmica da área controlada do Porto Mainardi.....	68
Figura 29 – Imagens de operações de embarque no Porto Alfandegado Mainardi.....	70
Figura 30 – Imagens da Vila Mainardi, após a saída de grande parte de seu contingente populacional.....	75
Figura 31 – Estruturas, setores e equipamentos de serrarias sucateados na Vila Mainardi	78
Figura 32 – Imagens de obras estruturantes paralisadas na Vila Mainardi: creche, escola e ginásio poliesportivo.....	81
Figura 33 – Atividade desempenhada por mulheres na Vila Mainardi.....	83
Figura 34 – Produção de farinha na Vila Mainardi.....	86
Figura 35 – Locais de extração do açaí na Vila Mainardi.....	87
Figura 36 – Produtor de açaí no rio Jaburu, na Vila Mainardi, em período de colheita e de comercialização	88
Figura 37 – Sede da Norsul Fruits no rio Jaburu, na Vila Mainardi (Porto Norsul)	90
Figura 38 – Açaí congelado e Ferry Boat Açaí, para o transporte do açaí em fruto para a fábrica da Norsul Fruits	91
Figura 39 – Plantio racional de açaí em terra-firme, consorciado à roça e a espécies de valor comercial, na Vila Mainardi	94
Figura 40 – Locais de coleta de açaí e de extração de palmito, próximos à Vila Mainardi.....	96
Figura 41 – Locais de atividade de extração de açaí, próximos à Vila de Mainardi.....	98
Figura 42 – Atividade extrativista do pescado na Vila Mainardi.....	99
Figura 43 – Localização de atividades de extração de pescados e de camarão e de piratarias, próximas à Vila Mainardi	100
Figura 44 – Momentos de interlocução em rodada de conversas com membros da comunidade da Vila Mainardi sobre o tema modo de vida e estratégias de sobrevivência	102
Figura 45 – Imagens da malha fluvial e do fluxo de transporte de pessoas e de mercadorias	114
Figura 46 – Localização das atividades de comércio e das padarias, próximas à Vila Mainardi	116
Figura 47 – Síntese das considerações mais relevantes, resultantes da pesquisa.....	118

LISTA DE SIGLAS

AVN	Associação Vida Nova
CONPORTOS	Comissão Nacional de Segurança Pública nos Portos, Terminais e Vias Navegáveis
CESPORTOS	Comissões Estaduais de Segurança Pública nos Portos, Terminais e Vias Navegáveis
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
CREAS	Centro de Referência Especializado em Assistência Social
DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral
FNS	Fundo Nacional de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
ISPS COD	Código Internacional para Segurança de Navios e Instalações Portuárias
IMAZON	Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira
IPEA	Instituto de Pesquisa e Ensino Avançado
ONU	Organização das Nações Unidas
OGMO	Órgão Gestor de Mão-de-obra
PC	Polícia Civil
PF	Polícia Federal
PPGEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia
PM	Polícia Militar
RF	Receita Federal
SECTI	Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação
SEFIN	Secretaria Municipal de Finanças
SEMTRAS	Secretaria Municipal de Trabalho, Renda e Assistência Social.
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SESPA	Secretaria de Estado de Saúde do Estado do Pará
SIMPAM	Sistema de Proteção da Amazônia

SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
SUS	Sistema Único de Saúde
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WTC	World Trade Center

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 METODOLOGIA.....	16
2.1 LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICO E DOCUMENTAL	16
2.2 METODOLOGIA ANALÍTICA.....	17
2.3 METODOLOGIA OPERACIONAL	17
2.4 O MODO DE VIDA NO ENTENDIMENTO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	18
2.5 O MAPEAMENTO PARTICIPATIVO PARA A REPRESENTAÇÃO TERRITORIAL	21
2.5.1 A base da Cartografia Participativa	22
2.5.2 Sistema de Informações Espaciais (SIE).....	26
2.6 ANÁLISE PÓS-EXPLORAÇÃO	29
3 ÁREA DE ESTUDO	32
4 CARACTERIZAÇÕES HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DA VILA MAINARDI	35
4.1 A COMUNIDADE DA VILA MAINARDI.....	35
4.2 PORTOS NA VILA MAINARDI.....	40
4.3 ASSOCIAÇÕES NO CONTEXTO TERRITORIAL DA VILA MAINARDI	46
4.4 MOVIMENTO MIGRATÓRIO NA VILA MAINARDI.....	54
4.5 CICLOS ECONÔMICOS DA VILA MAINARDI	57
4.6 A DECADÊNCIA DA ATIVIDADE MADEIREIRA NA VILA MAINARDI	62
4.7 A IMPLANTAÇÃO DO PORTO ALFANDEGADO E AS ALTERAÇÕES NO MODO DE VIDA, NA VILA MAINARDI.....	67
4.8 ENERGIA ELÉTRICA NA VILA MAINARDI: MUDANÇAS, ADAPTAÇÕES E PERSPECTIVAS	81
5 MODO DE VIDA E ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DE SOBREVIVÊNCIA NA VILA MAINARDI, APÓS A DECADÊNCIA DA ATIVIDADE MADEIREIRA	85
5.1 ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DE SOBREVIVÊNCIA NA VILA MAINARDI ...	85
5.2 ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DE SOBREVIVÊNCIA NA VILA MAINARDI ...	95
5.3 MANIFESTAÇÕES RATIFICADORAS DO MODO DE VIDA E DAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA NA VILA MINARDI	101
5.4 A MALHA FLUVIAL E A CIRCULAÇÃO DE PESSOAS: MEIOS DE TRANSPORTE E DE SOBREVIVÊNCIA NA VILA MINARDI	114
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS.....	121

1 INTRODUÇÃO

Ao pensar os processos socioambientais na Amazônia, devemos considerar as características ambientais e sociais que integram esse importante território transnacional, desde o período da ocupação humana, anterior ao dito “descobrimento europeu” (LA CONDAMINE, 2000), até os dias atuais. As ocupações indígenas, e as comunidades locais — de pescadores, de agricultores, de extrativistas, entre outras — que habitam a região da Amazônia na atualidade se desenvolveram, em razão das novas culturas/economias, criadas pelos modelos e pelos “ciclos econômicos”, (re)criando dinâmicas socioeconômicas e (re)produzindo novas territorialidades (LITTLE, 2002).

Neste contexto, é importante ponderar sobre as forças geopolítica e estratégica dos recursos naturais presentes no território¹ amazônico, relativamente aos interesses dos grandes grupos econômicos, revelados nas explorações da biodiversidade e dos povos da região, a exemplo do chamado “ciclo da borracha”, que utilizou, inicialmente, as mãos de obra escrava e indígena, e, posteriormente, os grupos de nordestinos, ditos soldados da borracha², que foram aproveitados nos sistemas de extração e de aviamento dos produtos para outros países.

Há décadas, as populações tradicionais amazônicas tiveram modificações significativas em seus modos de vida; muito expressivas, se considerarmos a inserção de tecnologias atuais em seus modos de vida, que vêm mudando seus costumes e suas táticas territoriais de sobrevivência, em relação ao meio que os circunda. Estas táticas são chamadas *estratégias territoriais de sobrevivência*, que são formas de subsistência, as quais os indivíduos utilizam para garantir seus modos de vida.

Fazem parte dessas estratégias territoriais de sobrevivência as técnicas e as tecnologias, bem como os saberes, adquiridas de geração em geração, que garantem a manutenção e a subsistência da família. É importante reforçar que, no momento atual, os indivíduos agregam novos valores e modos de vida, que vêm complementando estas estratégias, como o comércio

¹ Entendemos que a produção do território se dá, a partir do espaço, por meio do uso que a sociedade faz de seus potenciais sociais e ecológicos (SACK, 1986; RAFFESTIN, 1993). No território, os atores sociais, ao realizarem suas ações político-econômico-sociais, territorializam práticas sociais para suas permanências nele. Mas nem sempre as práticas territoriais se revelam desejadas por todos os atores sociais no espaço geográfico; muitas vezes, dependem de um conjunto de fatores de negociação e de conflitos, que envolvem, quase sempre, mais de um interesse no território.

² O exército da borracha tinha a missão vital de salvar os países aliados do colapso, fornecendo a matéria-prima estratégica para a indústria bélica. O presidente Getúlio Vargas, estrategicamente, utilizou a imprensa para a militarização da sociedade e invocar sentimentos patrióticos como mostra a mensagem presidencial publicada no jornal do Acre em maio de 1943: “Seringueiros’ Dediquei todas as energias à batalha de borracha. Precisamos de mais borracha, pois é sobre ela que se encontra a guerra moderna. Pois são grandes os equipamentos que necessitam da goma elástica, produzidas sem repouso [...]. Nas guerras modernas não fazem parte somente soldados que estão no campo de batalha, mas, toda a nação: homens mulheres, velhos e crianças.

formal/informal e os serviços públicos, que garantem uma fonte de renda a parte significativa dos habitantes, permitindo-lhes a manutenção familiar.

Este trabalho procura resgatar a história da economia da Vila Mainardi, evidenciando as questões do desenvolvimento e da decadência da indústria madeira tropical na Amazônia, enfatizando a importância dos diversos atores sociais que habitaram esta região e/ou que aqui permanecem.

Neste argumento, os objetivos deste estudo são de verificar, de analisar e de cartografar o modo de vida dos habitantes da Vila Mainardi, no município de Breves, no Ilha do Marajó, no estado do Pará, Brasil, caracterizando as ações das chamadas **estratégias territoriais de sobrevivência**, relativamente aos impactos causados pela decadência na produção madeireira daquele município, nos últimos anos, auxiliado pelos seguintes objetivos específicos:

- Identificar e mapear o modo de vida e as principais estratégias territoriais de sobrevivência adotadas por populações com tradição no uso dos recursos naturais marajoaras. A realização deste mapeamento mostrará como estes indivíduos estão configurando seus territórios de influência, de forma que a apropriação da Cartografia e do mapeamento participativo sirva como ferramenta de empoderamento e de reconhecimento da cultura local, valorizando este saber na construção dialógica com o conhecimento científico;
- Analisar, com a utilização de técnicas de mapeamento participativo, as atividades das populações tradicionais na Amazônia marajoara/paraense, tendo, como estudo de caso, a Vila Mainardi, localizada no município de Breves, Marajó, estado do Pará;
- Gerar mapas e cartas analíticas, a partir dos dados coletados com o mapeamento participativo na área estudada, os quais serão publicados na versão final desta dissertação e direcionados para revistas científicas e para livros acadêmicos.

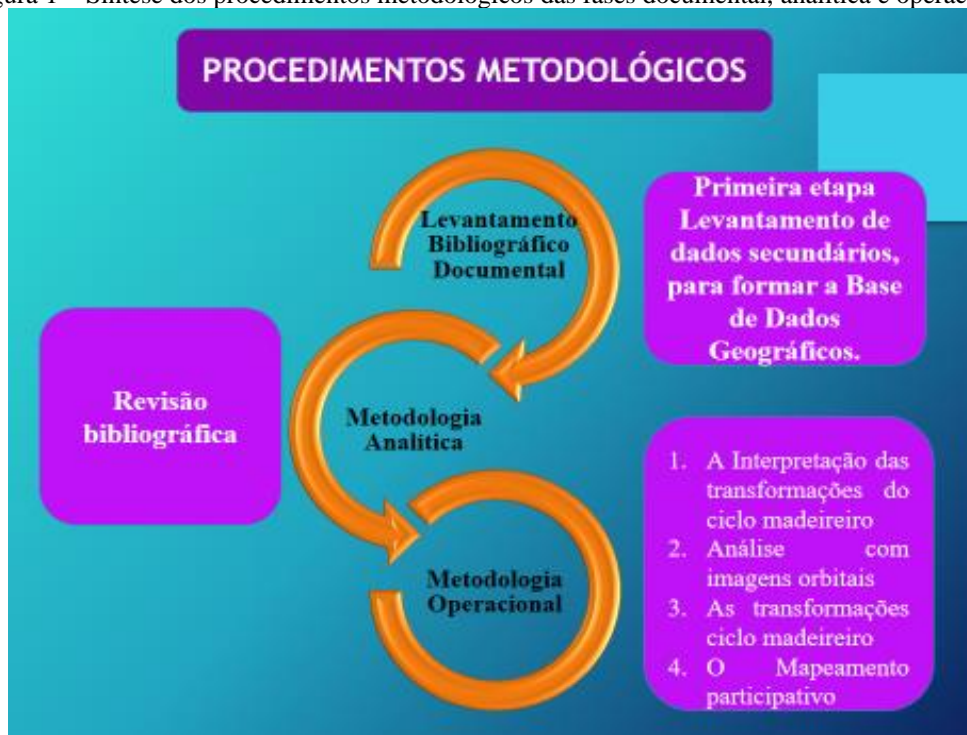
2 METODOLOGIA

Os procedimentos para a construção da pesquisa envolveram metodologias analíticas e operacionais de base bibliográfica, enquanto os processos de mapeamentos técnico-estético e técnico-quantitativo, direcionados à discriminação de elementos espaciais e organizacionais da Vila Mainardi, após a diminuição da exploração madeireira, demandou o levantamento de dados georreferenciados oficiais (bases vetoriais e imagens de satélites) e não oficiais.

2.1 LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICO E DOCUMENTAL

A realização do levantamento bibliográfico e documental é considerado o primeiro passo de toda pesquisa, pois essa parte é necessária ao fortalecimento teórico do projeto, através de levantamento, de seleção, de produção de resenhas e de arquivamento de informações e de documentação, relacionadas direta e indiretamente à pesquisa. A Figura 1 sintetiza os procedimentos metodológicos das fases documental, analítica e operacional.

Figura 1 – Síntese dos procedimentos metodológicos das fases documental, analítica e operacional



Fonte: Arquivo do autor - 2021

Esta etapa preliminar objetiva o levantamento de dados secundários, com a finalidade, não, somente, de coletar informações necessárias à pesquisa (documental, etc...), mas, também, de formar um banco de dados bibliográficos sobre a Geografia Humana e sobre o modo de vida na Amazônia paraense. Para tanto, foi realizado um levantamento em bibliotecas virtuais (IPEA, SUS, SUDAM, IPEA, UNB, Biblioteca Nacional, ONU, UNESCO, IBGE, etc.), em bibliotecas públicas (SUDAM, UFPA, Museu Goeldi, IBGE, DNPM, CPRM, FNS, SESPA, SEDUC, SEFIN, SECTI, etc.) e nas secretarias e nos arquivos dos municípios que fazem parte da pesquisa; e foi feita a visita a sítios de periódicos, como os da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), da *Social Science Citation Index* (SSCI), entre outros, que possuam, em seus bancos de dados, trabalhos científicos de mestrado e doutorado, por exemplo, com temas relacionados às geografias humana e regional.

2.2 METODOLOGIA ANALÍTICA

Diz respeito à revisão bibliográfica de livros, de artigos de periódico, de dissertação, de teses, de boletins e relatórios técnicos e de resumos de eventos com temas correlatos aos dos objetivos propostos.

Nesta etapa, realizou-se um estudo do ciclo econômico da Vila Mainardi, após o ciclo de exploração madeireira, que nos possibilitou acompanhar a trajetória econômica, a partir de marcos histórico, sendo um pré-requisito para reconstituir as transformações trazidas pelo ciclo madeireiro.

2.3 METODOLOGIA OPERACIONAL

Diz respeito a quatro tipos de abordagem:

- (i) Descrição das transformações trazidas pelo ciclo madeireiro na Vila Mainardi;
- (ii) Análise das transformações no espaço da Vila Mainardi, a partir das imagens orbitais;
- (iii) Interpretação das transformações causadas pelo ciclo madeireiro na Vila Mainardi;
- (iv) Mapeamento participativo do ciclo madeireiro na Vila Mainardi.

Ainda na metodologia operacional, realizou-se as construções de um Sistema de Banco de Dados Georreferenciados (SBDG) e de uma base cartográfica participativa da Vila Mainardi, além de um trabalho de campo, a partir do uso complementar de alguns *softwares*. Tais etapas são detalhadas nos próximos itens.

2.4 O MODO DE VIDA NO ENTENDIMENTO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Partindo das hipóteses de que o modo de vida e de que o ordenamento territorial das populações tradicionais na Amazônia paraense são reflexos diretos das estratégias territoriais de sobrevivência que essas populações engendram, pergunta-se quais são as principais estratégias territoriais de sobrevivência utilizadas pelas populações tradicionais e se o mapeamento participativo pode revelar tais estratégias em seus modos de vida. A Figura 2 apresenta a síntese dos procedimentos metodológicos nas fases modo de vida, mapeamento participativo e base cartográfica participativa.

Figura 2 – Síntese dos procedimentos metodológicos das fases modo de vida, mapeamento participativo e base cartográfica participativa



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Assim, na metodologia, realizou-se uma análise do modo de vida, baseando-se, principalmente, nas concepções de La Blache (1954) e de Sorre (2002), verificando como seus

conceitos podem ser utilizados para analisar o modo de vida do habitante amazônico, mais especificamente, o modo de vida dos moradores da Vila Mainardi, no município de Breves (PA).

Nas concepções de La Blache (1954) e de Sorre (2002), deve-se levar em consideração que o indivíduo é reflexo de uma miscigenação biológica ocorrida entre diversas etnias e culturas diferentes, europeias, africanas ou indígenas, conforme verificou Wagley (1988) em meados do século XX, com seus estudos na Região Amazônica. Para o autor, o caboclo possui um modo de vida peculiar, que alia a forma de subsistir no ambiente tropical ao conhecimento cultural, adquirido durante séculos de convivência “estável” com a natureza.

O conceito de modo de vida é chave na compreensão das formas, pelas quais os indivíduos utilizam os recursos naturais e pelas quais vivem em seus territórios. Nesse sentido, os costumes, os hábitos e as culturas do grupo social definem as características da ocupação do espaço geográfico e imprimem neste suas forma e estrutura, agregadas de tecnologia e de objetos, que demonstram como os grupos sociais são, de fato.

Entretanto, o conceito de modo de vida deve ser entendido, aqui, segundo a íntima relação existente entre os recursos naturais e o modo de produção — as técnicas de produzir e de reproduzir o espaço (HAESBAERT, 2004), bem como quanto aos aspectos culturais, que caracterizam as sociedades, pois são estes aspectos que as desenvolvem e que as singularizam. Desta forma, o modo de vida define como a população se territorializa em um determinado espaço, isto é, de que modo a população se apropria dos recursos existentes no espaço em que atua.

A obra do autor Paul Vidal de La Blache (1954) vem nos mostrar a maneira, pela qual o ser humano se adaptou ao ambiente selvagem, como ele evoluiu no domínio das técnicas de cultura agrícola, na domesticação dos animais, na construção de habitações, entre outros, e também nos mostra como este evoluiu socialmente no convívio com seus pares, descrevendo como as divisões sociais se originaram, com o passar do tempo.

Lembre-se, apenas, que o livro de La Blache não foi escrito para gerar uma crítica à evolução social do ser humano, mas para ilustrar qual foi o método usado por ele para conseguir se adaptar ao meio. Em outras palavras, não foi o objetivo de La Blache dizer se foi certa ou errada a maneira, pela qual o ser humano agiu; apenas, mostrar os resultados da evolução e os seus instrumentos.

Em seu livro *Princípios de Geografia Física*, Paul Vidal de La Blache fala sobre o modo de vida humano em várias regiões do globo. Sendo que, o modo de vida das comunidades amazônicas tropicais, foi analisado por Charles Wagley (1988) em meados do século passado,

demonstrando uma série de características que singularizam estes indivíduos, com suas técnicas e com seus padrões culturais de manejos dos recursos naturais, como, por exemplo, na extração do pescado, no chamado comércio de regatão, na extração de madeira, entre outros. Para Mello (2006), é preciso entender a região amazônica como um espaço que representa a simultaneidade de interesses nacionais e locais, regionais e globais; um espaço construído por populações diversas.

Este amálgama de técnicas e de padrões culturais do habitante amazônico vem sofrendo influência constante das novas tecnologias exteriores ao meio rural amazônida, fazendo com que este indivíduo absorva novos paradigmas culturais, que influenciam seus padrões comportamentais, como, por exemplo, a utilização de novos materiais na pesca artesanal, como as redes de fio de náilon e o barco motorizado, ou a aquisição da televisão e de outros eletrodomésticos, os quais são considerados, por alguns moradores dessas comunidades amazônicas, um “progresso”, que alteram o ritmo e a velocidade do cotidiano, e a produção dos habitantes da região.

Em Vila Mainardi, o período pós-ciclo econômico madeireiro é marcado pelo retorno às atividades de subsistência, tradicionais, que foram afetadas, em parte, pelos processos de industrialização da madeira desenvolvidos pelas empresas Porto Norsul, Madeiras Acará S. A., Madeiras Mainardi Ltda. e Global Madeiras Comércio e Indústria Ltda., de 1970 a 2016.

Ao contrário daquelas famílias que migraram para a vila, oriundas de outras cidades, e que foram dispersas difusamente com a paralização da atividade madeireira, as famílias residentes no entorno da Vila, que passaram pelo processo de assalariamento, viram-se momentaneamente desestabilizadas, entretanto, em pleno ambiente de crise, originou-se um processo de rearranjos familiares, formados por uma ou por mais famílias, que, valendo-se de suas propriedades — posses e terrenos de suas propriedades —, voltaram-se às atividades produtivas de seus antepassados e passaram a trabalhar com mais ênfase em atividades, como manejos de açazais, caça, coleta, pequenas vendas em suas residências, pesca e agricultura familiar de subsistência. Tais atividades se desenvolvem paralelamente a atividades extrativas, em menor escala, de madeira, para pequenas serrarias, destinadas à produção de cabos para vassouras, e, residualmente, de palmito.

Na nova dinâmica produtiva, baseada em roçados, em hortifrúteis e em pequenos negócios, pesca e cata de camarão, os ganhos obtidos pelo trabalho na natureza, aliados aos recursos recebidos de programas de transferências de renda, como o Bolsa Família e o Auxílio Emergencial, ajudam na composição da renda das famílias, garantindo o sustento das que não dispõem de açazais, de pequenas serrarias, de fabriquetas de palmito e de comércios de médio

porte, uma vez que estes grupos familiares compõem suas rendas, em maior volume, a depender da sazonalidade, principalmente, na safra do açaí.

2.5 O MAPEAMENTO PARTICIPATIVO PARA A REPRESENTAÇÃO TERRITORIAL

O mapeamento participativo ou Cartografia participativa é definido como um tipo de mapeamento auxiliado pelas comunidades que estão inseridas na área de estudo, com o objetivo facilitar a interpretação dos mapas para estas comunidades e, conseqüentemente, conhecer as particularidades de um território (SILVA; VERBICARO, 2016; ARAÚJO; ANJOS; ROCHA-FILHO, 2017).

A Cartografia participativa, diante de um novo paradigma de ciência, apoiada na tecnologia computacional pode se tornar uma importante ferramenta para analisar as diversas territorialidades do espaço geográfico, territorialidades essas baseadas no cotidiano de quem vive e habita um determinado território. Por meio do mapeamento participativo como metodologia de análise do território, este artigo pretende essencialmente dialogar com essa categoria, entendendo o território de forma (I) material, baseado nas relações do sujeito nessa determinada fração do espaço. Diante dessa perspectiva, serão apresentadas as principais metodologias de mapeamento participativo disponíveis para os pesquisadores. Nesse sentido, após a apresentação das metodologias serão feitas recomendações que podem servir às práticas de mapeamento participativo, que traduzirão as complexidades das ações sociais que o homem realiza no espaço, levando a utilização do mapa como instrumento de lutas e representação social. (SILVA; VERBICARO, 2016)

O mapeamento participativo será norteado pelos debates contidos em Acsehrad (2008) e em IFAD (2009), que apresenta uma discussão inovadora a respeito deste tema e de sua aplicabilidade na construção de representações cartográficas, partindo de um olhar empírico dos grupos sociais em estudo. IFAD (2009) afirma que o mapeamento participativo é um processo de produção cartográfica, que busca tornar visível a associação entre terra — e seu uso — e comunidades locais, por meio da linguagem comumente entendida e reconhecida da Cartografia.

A obra também expõe que o mapeamento participativo fornece uma representação visual valiosa do que uma comunidade percebe como seu território e das características significativas, dentro do espaço; características que incluem representações dos traços físicos naturais, assim como dos traços socioculturais conhecidos pela própria comunidade (ACSELRAD, 2008).

Neste sentido, a maneira como as populações tradicionais se localizam e mapeiam seu território de atuação deve ser considerada, pois, na maioria das vezes, os organismos governamentais somente consideram o recurso natural no momento de elaboração de políticas públicas para o ordenamento dos recursos econômicos. Assim, a forma como as populações tradicionais cartografam seu território de atuação deve ser mostrada pelos próprios usuários, os quais, por meio da aplicação de geotecnologias, poderão visualizar tal mapeamento.

Deste mapeamento participativo surgirão, conseqüentemente, um diagnóstico e um modelo de ordenamento territorial dos recursos naturais, que, além de levar em consideração a localização dos bens, mostrará o território estipulado pelos diversos indivíduos que atuam em determinada região, de cujos rios e florestas extraem os meios necessários a sua subsistência.

De tal modo, o apontamento cartográfico teve, como resultado, um mapa, gerado através da sequência lógica das atividades, que compõem um processo de trabalho de levantamento, o qual resultará do uso ou não de *software(s)* de apoio. Tal produto cartográfico permitiu enxergar a distribuição dos elementos espaciais e objetivou fornecer informações, examinar e conhecer os modos de vida e os desafios das comunidades da área mapeada. Por sua vez, as fontes cartográficas secundárias estratificadas foram construídas, a partir de croqui, representação cartográfica de cunho participativo em escala distintas, correspondendo a uma espécie de representação mental, que depende da percepção de seu elaborador.

2.5.1 A base da Cartografia Participativa

Nesta etapa, realizou-se a construção de croqui de mapeamento participativo, com o uso de mapas impressos, adquiridos junto ao Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), e de cartas imagens, com produtos de sensoriamento remoto provenientes do satélite Landsat, obtidas do repositório público de dados do serviço geológico americano (USGS), conhecido como *Earth Explorer*.

A base cartográfica participativa resultou em um Plano de Informação (PI), gerado a partir da interpretação da localização espacial das transformações resultantes do ciclo madeireiro da Vila Mainardi, coletadas em oficinas e em entrevistas e fundamentada na periodização dos marcos históricos da trajetória de algumas pessoas da localidade, como líderes comunitários, antigos moradores, professores e líderes religiosos.

Durante as oficinas, foram realizadas as apresentações das orientações gerais do trabalho e, posteriormente, com ajuda de um mapa na escala de 1:95.000, procedeu-se à

especialização dos distintos ambientes de atividades produtivas, que incluem as áreas das pequenas agriculturas de terra firme e de várzea, os locais de extração do açaí, do palmito, das frutas, etc. e os espaços de pesca. Os mapas finais, apresentam detalhes, como legenda, escalas e *layout*, bem definidos, para que sejam representativos para a comunidade.

Na construção da base cartográfica participativa, foram disponibilizados mapas “em branco” (apenas com informações geográficas básicas: rios, estradas, limites) da região, para que os participantes da pesquisa pudessem plotar suas próprias referências geográficas, como casas, escolas, locais de pesca e de agricultura, campos de futebol, sedes festivas, locais de conflitos, etc. (Figura 3).

No mapeamento participativo, alguns princípios foram seguidos: elaboração de croquis geográficos, embasados em questionários e em discussões feitas em oficinas sobre o mapeamento participativo. O croqui em folha de papel representa o mapeamento da memória cartográfica dos mapeados, normalmente, feitos com base no mapa falado ou como primeira experiência.

Figura 3 – Mapas em branco, disponibilizados para a construção da base cartográfica participativa



Fonte: acervo do autor (2021)

Na Figura 4, observam-se a realização e os diálogos nas oficinas participativas, em que ocorreu a troca de informações para a construção do mapa mental, a partir do uso de documentos cartográficos, com focos no conhecimento das pessoas sobre o espaço geográfico e nas suas organizações de trabalho e de produção.

Figura 4 – Processo de troca de informações em oficina de construção do mapa participativo



Fonte: acervo do autor (2021)

Na Figura 5, observa-se o processo do mapeamento participativo, com os objetivos de tornar visível e de especializar o território e os seus usos tradicionais, os seus conflitos, as suas fragilidades, as suas potencialidades, por meio de diferentes símbolos, camadas e escalas. Nessa etapa, foi feita superposição de papel vegetal nas imagens de satélites, com o auxílio da comunidade.

Figura 5 – Processo de construção de mapas no mapeamento participativo



Fonte: acervo do autor (2021)

Como forma de agregar maior número de informações relevantes ao mapeamento participativo, recorreu-se, ainda, à estratégia de interlocução, na forma de grupos focais, promovendo-se a conversação com colaboradores, cujo perfis se assemelham em *expertise*, por suas atuações em áreas estratégicas no período de funcionamento das empresas madeireiras e pelo acúmulo de informações, em função da longa convivência com o modo de vida ribeirinho, na Vila Mainardi e em seu entorno.

A coleta de dados de grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas se basear na tendência humana de formar opiniões e atitudes, na interação com outros indivíduos. Ele contrasta, nesse sentido com dados colhidos em questionários fechados ou em entrevistas individuais, onde o indivíduo é convocado a emitir opiniões sobre assuntos que talvez ele nunca pensados respeito anteriormente. As pessoas em geral precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias. e constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas a discussões de grupos. É exatamente este processo que o grupo focal tenta captar. (PELICIONI, 2001)

Ou seja, parte do mapeamento participativo foi realizado, após a aplicação de questionários e a realização de oficinas, para a geração, inicialmente, de croquis, e, posteriormente, de produtos cartográficos do tipo mapa temático, para a transcrição das sintaxes da experiência cotidiana do processo de exploração, dos usos tradicionais, dos conflitos, das fragilidades e das potencialidades da Vila Mainardi. A Figura 6 retrata alguns desses momentos de construção coletiva em ambientes mais restrito, cujas informações acrescentaram muito, em termos de qualidade e de fidedignidade.

Figura 6 – Mapeamento participativo em grupos focais



Fonte: acervo do autor (2021)

As atenções e os diálogos, durante o mapeamento participativo, foram voltados para os períodos de elevada prosperidade e, principalmente, para os momentos posteriores aos do fechamento da empresa Global Madeiras e do Porto Alfandegado Mainardi e da chegada da empresa alimentícia Norsul Fruits.

2.5.2 Sistema de Informações Espaciais (SIE)

Nesta etapa, fez-se uso dos Sistemas de Informações Espaciais (SIE), tecnologias que auxiliam na geração de bases cartográficas e na execução de análises espaciais. Os SIE são ferramenta extremamente necessária para o resultado final do mapeamento participativo.

O SIE *Google Earth*[®] e o Sistema de Informação Geográfica (SIG) *QGIS*[®], licenciado pela *General Public License* (GNU), foram utilizados para criar bases de dados digitais atuais em nível de campo, bem como para armazenar, para recuperar, para analisar, para manipular e para visualizar as informações de bases vetoriais e de *raster*, de acordo com o recorte geográfico da área em estudo. Na Figura 7, ilustra-se o uso das imagens de satélites para facilitar a melhor localização das atividades produtivas, pela comunidade.

Figura 7 – Processo de interpretação territorial/uso da terra da Vila Mainardi em imagem de satélite



Fonte: acervo do autor (2021)

Elaborou-se, igualmente, um Banco de Dados Geográfico (BDG), por meio do SIG QGIS®, cujo procedimento de construção foi executado, através da coleta de bases vetoriais secundárias de instituições reconhecidas pelo Governo Federal, conforme Tabela 1.

Tal base, aberta ao público, pode ser acessada, de acordo com o recorte geográfico do local ou área de interesse. Ainda nesta etapa, utilizou-se um Sistema Global de Navegação por Satélite (*Global Navigation Satellite System – GNSS*) modelo Garmin Etrex 30®, para a aquisição de coordenadas geográficas de nascentes, de igarapés, entre outros elementos da paisagem, pertinentes a esta pesquisa, na projeção UTM (Datum SIRGAS 2000, Fuso 22 Sul), permitindo a sobreposição adequada das bases, tendo em vista a elaboração de produtos cartográficos, por meio dos sistemas de informações mencionados.

Tabela 1 – Fontes secundárias, utilizados na pesquisa

INSTITUIÇÃO	DADOS
Agência Nacional de Águas (ANA)	Dados de níveis fluviais, vazões, chuvas, climatologia, qualidade da água e sedimentos - Disponível em: http://www.snirh.gov.br/hidroweb/publico/apresentacao.jsf .
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)	Base vetorial de arruamentos, malha municipal, localização de vila e cidades - Disponível em: https://downloads.ibge.gov.br/ . Mapeamento cartográfico de dados digitais - Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default.shtm Manual técnico de geomorfologia - Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66620.pdf
Ministério do Meio Ambiente (MMA)	Base vetorial das delimitações das Ottobacias hidrográficas – Disponível em: https://metadados.ana.gov.br/geonetwork/srv/pt/metadata.show?id=121&currTab=simple . Mapa Integrado dos ZEE estaduais - Disponível em http://mapas.mma.gov.br/i3geo/datadownload.htm
Mapeamento Anual da Cobertura e Uso do Solo do Brasil (MapBiomias)	Mapas de cobertura e uso do solo em formato matricial (pixel de 30x30m) - Disponível em: https://mapbiomas.org/downloads_landsat .
U.S. Geological Survey (USGS)	Biblioteca de imagens dos satélites da série LANDSAT TM/5 e OLI/8 - Disponível em: https://earthexplorer.usgs.gov/ .

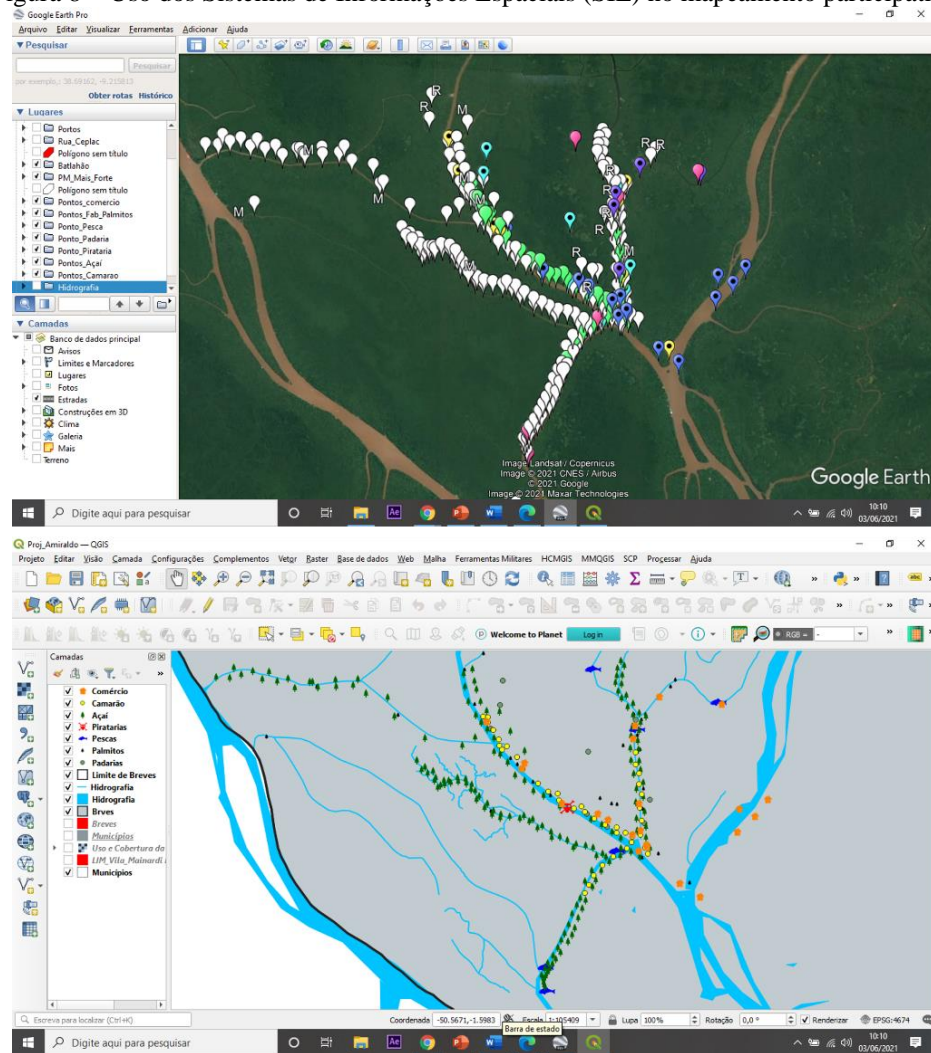
Fonte: adaptado de Carvalho e Di Maio (2009) apud Santos (2019)

Posteriormente, iniciaram-se os processos de espacialização e de vetorização das informações, criando-se um banco de dados espaciais. Com os SIE, foi possível armazenar, recuperar, analisar e manipular 22 atividades comerciais, 40 locais de pesca de camarão, 169 pontos de coleta de açaí, tanto residenciais quanto áreas de açazais manejados, seis locais de pesca artesanal e 35 pontos de extração de palmito (mais para fins de limpeza e de manutenção dos açazais).

Na Figura 8, ilustram-se as tecnologias dos sistemas de informações *Google Earth*® e QGIS®, relativamente à elaboração do mapeamento participativo. Cada ponto, linha e polígono

traçados indicam a posição relativa de um uso, como trajetos, rios, moradias, locais de lazer, equipamentos públicos, lugares, conflitos, fragilidades e potencialidades.

Figura 8 – Uso dos Sistemas de Informações Espaciais (SIE) no mapeamento participativo



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Os mapas temáticos oriundos da Cartografia Participativa terão escala variada — local, de 1:5.000, e regional, de 1:1.000 —, de acordo com a necessidade de representação dos fenômenos estudados. Outras informações vetoriais, que compõem estes mapas temáticos, terão escala de 1:250.000 e foram adquiridas, por meio de ofícios endereçados ao IBGE e ao SIPAM, para cruzamento e para análise espacial das informações geradas com a execução do projeto.

2.6 ANÁLISE PÓS-EXPLORAÇÃO

Para a realização de uma análise Pós-Ciclo Econômico (PCE), é necessário, antes de tudo, conversar com pessoas ligadas à localidade em questão, que tenham a vivência do cotidiano e um vasto conhecimento das características do território. Para o referido estudo, grande parte da sequência lógica do fluxo de trabalho de levantamento e das interpretações deve ser realizada sobre um recurso cartográfico oficial.

O PCE é definido como um conjunto de métodos e de técnicas de avaliação do uso e ocupação do solo, após qualquer tipo Ciclo Econômico (CE), visando a aferir e a estabelecer diagnósticos pautados num conhecimento sistemático do que ocorreu, durante as relações econômicas de escala, que são períodos marcados por flutuações na atividade econômica de um país em longo prazo, marcados por quatro períodos principais: expansão, *boom*, contração e recessão, alternando tempos de economia próspera com tempos de estagnação ou crise.

O PCE possui a vantagem de facilitar o processo de análise subjetiva inerente à interpretação visual e, também, a otimização de tempo no processo de caracterização dos aspectos ambientais. Trata-se, portanto, de um instrumento de análises de produção e uso do ambiente construído para um setor econômico, provocando sucessivas mudanças sociais, populacionais, políticas e culturais, dentro da sociedade. Assim, na última etapa deste trabalho, foi realizada uma análise pós-exploração, a partir dos croquis construídos pela comunidade, que mostram as características específicas da Vila Mainardi, a exemplo das mudanças dos ambientes pelo desflorestamento decorrente da exploração madeireira.

Entre a primeira e a segunda oficinas, iniciou-se o processo de análise pós-exploração, por meio da interpretação territorial/uso da terra em imagem de satélite da realidade espacial da Vila Mainardi, tanto no que se refere às suas estruturas globais quanto ao levantamento das potencialidades locais e das necessidades dos moradores rurais, com foco nas estratégias territoriais de sobrevivência, que são formas de subsistência, das quais os indivíduos se utilizam para garantir seus modos de vida.

Durante os três dias de oficina, parte da comunidade da Vila Mainardi assistiu palestras, para aprender a utilizar os instrumentos de mapeamento participativo, para promover a identificação de áreas de açais, de trilhas e de caminhos estabelecidos pelas atividades econômicas. Ainda nesta fase, realizaram-se trabalhos de campo na cidade e no interior do município de Breves entre janeiro e dezembro de 2020, com reuniões, com debates e com capacitações, para a elaboração de croquis e de documentos cartográficos, por parte da

comunidade, com vistas ao reconhecimento e à marcação dos espaços de vivência da população local, fundamentados em suas experiências de vida.

Nestas etapas, também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com os intuitos de buscar informações e de produzir a análise, por partes dos entrevistados, sobre as principais estratégias territoriais de sobrevivência, que refletem diretamente no ordenamento e no desenvolvimento territorial local. Os questionários foram redigidos em forma de perguntas abertas, que possibilitam uma investigação mais profunda e precisa, além de permitir identificar o pensamento ou o posicionamento dos moradores da vila Mainardi acerca dos seus modos de vida, para a coleta de dados primários, para o reconhecimento da área e para a efetuação de entrevistas *in loco*.

Realizou-se, ainda, a aquisição de fotos dos locais de coleta dos dados, o que potencializou a avaliação consistente e eficaz, em níveis e em demandas distintas, do modo de vida e das estratégias de sobrevivência dos moradores da Vila Mainardi, considerando o instante posterior ao do da exploração madeireira neste território.

Figura 9 – Reuniões para o mapeamento participativo e para a análise pós-exploração da área de estudo



Fonte: acervo do autor (2021)

A análise pós-exploração na Vila Mainardi trouxe informações, na medida em que foram feitos registros dos lugares do cotidiano, como trajetos, rios, moradias, locais de lazer, equipamentos públicos, lugares abandonados e potencialidades do espaço. Através desta oficina, foi possível obter dados de ocupação do solo e visualizar o panorama da situação do território, quando em áreas extensas. A Figura 9 ilustra as formas de abordagem do trabalho na Vila Mainardi, estabelecendo relações de confiança com os moradores do lugar, com o

propósito de apresentar o estudo e a metodologia do mapeamento participativo, bem como da análise pós-exploração.

Na última etapa, pós-elaboração do relatório final, deu-se a realização de seminários na comunidade pesquisada e no município de Breves, como forma de divulgar o resultado da pesquisa e de debater os efeitos da globalização na Amazônia paraense, com participação dos pesquisadores e da sociedade, com a finalidade de subsidiar os moradores das comunidades e o poder público com mais informações sistematizadas, para ajudar os gestores na montagem de políticas públicas para o ordenamento territorial das comunidades amazônicas, com a posterior publicação de um livro, pelos pesquisadores, enfocando os resultados da pesquisa.

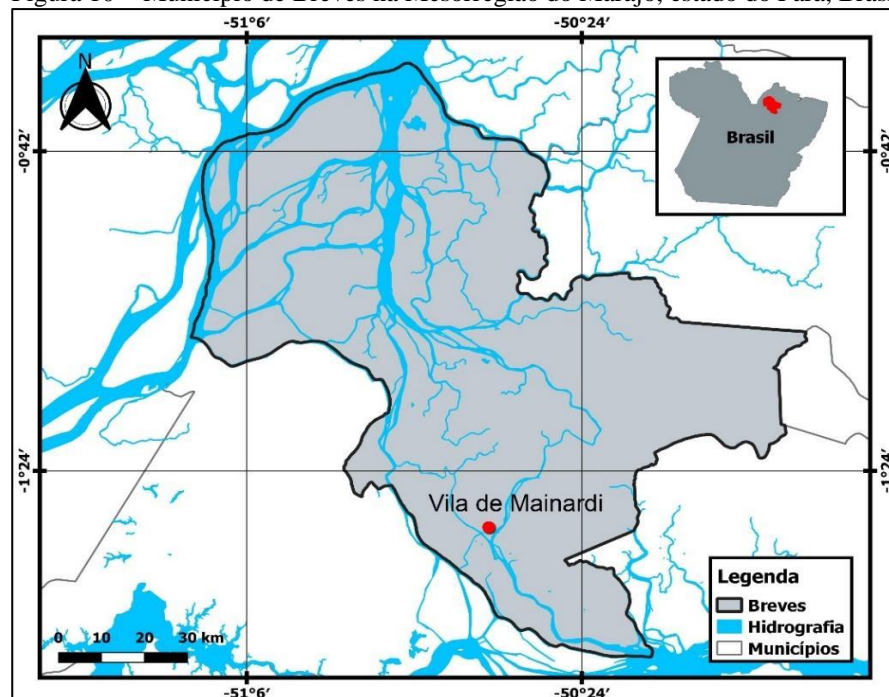
3 ÁREA DE ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida no município de Breves, que se encontra a sudoeste do Arquipélago do Marajó, na porção norte do estado do Pará, que conta com uma extensão territorial de 9.550,474 km² (IBGE, 2010). A Microrregião de Breves se encontra nas coordenadas 00°59'12" S e 49°56'24" W, com altitude média de 40 metros. A população do município é estimada em 102.701 habitantes (IBGE, 2019).

Breves é a maior e principal cidade da Ilha do Marajó e seu nome veio de homenagem aos irmãos portugueses Manuel Fernandes Breves e Ângelo Fernandes Breves, seus fundadores. Ao Norte, a cidade de Breves se limita pelas cidades de Afuá e de Anajás; ao sul, Melgaço; a leste, Anajás, Currealinho e São Sebastião da Boa Vista; e a oeste, Melgaço e Gurupá. O principal acesso à cidade, a partir de Belém, é por meio de barco (com duração de 12 horas, passando por São Domingos, por Bom Jesus, por Custódio, por Tamandaré, por Comercial, por Mundurucus e por Ankel) ou de avião (saindo do aeroporto Júlio César, com duração entre 30 e 45 minutos) (PARÁ, 2007).

Na Figura 10, observam-se o município de Breves e o seu território, recortado por diversos corpos d'água, com uma grande diversidade biológica. A área em questão comporta dois núcleos populacionais: moradores das vilas Mainardi e Global, pertencentes ao mesmo grupo de empresários, oriundos do Rio Grande do Sul.

Figura 10 – Município de Breves na Mesorregião do Marajó, estado do Pará, Brasil



Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Além destes portos, faz-se uso do Terminal Hidroviário do Porto de Belém, atualmente, do qual os passageiros utilizam os navios destinados a Manaus e a Santarém, que fazem escala em Breves. Em outras palavras, são várias as opções de transporte de cargas e de passageiros.

Inserida na chamada Amazônia marajoara, Breves, possui um valor paisagístico e cênico relevante, com grande biodiversidade e um significativo potencial econômico que, aliado ao saber local, oferece condições favoráveis para implantação de atividades sustentáveis para as populações que ali residem, uma vez que as potencialidades naturais específicas dessa região, com seu rico e diversificado banco genético, oferece condições, ainda não suficientemente exploradas, para multiplicação e diversificação de empreendimentos econômicos, como atividades de artesanato, farmacológicas/medicinais, criação de animais, processamento de óleos e plantas medicinais, além de atividades ecoturísticas que podem ser desenvolvidas aproveitando as paisagens naturais desses espaços (REDIG; SILVA, 2009)

Em Breves, o verão é curto e quente e o inverno é longo, morno e com precipitação. Durante o ano inteiro, o tempo é opressivo e de céu quase encoberto. Ao longo do ano, em geral, a temperatura varia de 23 °C a 35 °C, sendo raramente inferior a 22 °C ou superior a 37 °C, além de haver umidade elevada e alta pluviosidade nos seis primeiros meses do ano, caracterizados como os mais chuvosos e nos quais ocorrem as menores temperaturas, enquanto que, no restante do ano, ocorrem as temperaturas mais elevadas (INVEST PARÁ, 2018).

O clima do município não apresenta estação seca, mas abundantes chuvas estacionais, com precipitação pluviométrica média anual de 2.900 mm e mensal geralmente superior a 60 mm, o que é apropriado para a expansão agrícola, uma vez que as incidências de sol e de chuva são regulares, durante o ano inteiro.

O clima da região também possibilitou a que a flora desenvolvesse características de florestal tropical, como uma fauna marcada pela presença de inúmeras espécies ameaçadas de extinção, como a onça-pintada, a onça-parda, a jaguatirica, a preguiça, a ariranha, etc., além de muitos outros animais de importância na alimentação das populações locais, como jacarés, pacas, cutias, tatus, capivaras, antas, macacos, etc. Com essa grande diversidade biológica, a região é propícia para o estabelecimento de Unidades de Conservação e de outros instrumentos de gestão ambiental.

O território de Breves fica à margem esquerda do rio Parauaú, distante 160 km em linha reta de Belém, tendo, como principais formas de acesso, os transportes fluvial e aéreo, como já mencionado.

A hidrografia da região do Marajó é formada por uma intrincada rede de drenagem de canais recentes, tais como paleocanais, furos, baías, paranás, meandros abandonados, lagos e igarapés, estabelecendo um complexo em evolução, no qual se destacam os rios Amazonas,

Pará, Anapú, Jacundá e Anajás, com seus numerosos afluentes (CRISPIM *et al.*, 2016). Seus diversos corpos d'água servem de corredor logístico para embarcações de pequeno, de médio e de grande porte, com perfil adequado para escoamento de grãos e de produtos acabados e com um calado para manobra de navio com mais de 20 metros de profundidade.

O solo do município é constituído, principalmente, por áreas planas e ricas em minerais, que contam com grandes incidências de luz e de água e com condições apropriadas para o plantio de frutos e de grãos (INVEST PARÁ, 2018).

Breves é a 1ª economia da Região de Integração do Marajó, com o PIB de R\$ 743.286 e PIB per capita de R\$ 7.440,60 (Cidades IBGE, 2017). Envolve a extração e/ou produção de matérias-primas e, no caso da região de Breves, a extração da madeira, palmito, sementes e essências como o pracaxi, mururu, andiroba, açaf e pescado. O setor primário da economia, em relação à produção de alimentos, demonstra imenso potencial para novos empreendimentos e negócios em Breves em razão da economia local representar o maior mercado consumidor da região do Marajó e de sua crescente demanda, inclusive com a possibilidade da criação de um polo de produção de alimentos. (INVEST PARÁ, 2018)

A área urbana do município, como acontece com a maioria das cidades da região, surgiu em função da atividade madeireira, que se intensificou, a partir da década de 1950, principalmente, com o início das atividades da empresa Breves Industrial S. A. (BISA), que ocupava significativa área da cidade (ALVES *et al.*, 2020).

4 CARACTERIZAÇÕES HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DA VILA MAINARDI

Partimos das hipóteses de que o modo de vida e que o ordenamento territorial das populações tradicionais da Amazônia paraense são reflexos diretos das estratégias territoriais de sobrevivência de suas populações. Neste contexto, a Vila Mainardi teve, nos últimos anos, modificações em seu modo de vida, em seus costumes e em suas estratégias territoriais de sobrevivência e de convivência com o meio que a circunda. Durante a pesquisa, foi possível identificar que os habitantes da Vila Mainardi vivem em condições muito difíceis, principalmente, pela falta de infraestrutura e de serviços básicos, o que tem ocasionado anseios por mudanças sociais e econômicas.

4.1 A COMUNIDADE DA VILA MAINARDI

A exploração dos recursos naturais da Vila Mainardi se inicia com a extração da madeira, contudo essa região tem características próprias, que a diferenciam de outros espaços geográficos, sobretudo, pelo aproveitamento da potencialidade florestal, reflexo da relação desta sociedade marajoara/paraense com a natureza, bem como das atenções e das estratégias de exploração, que modificam ou destroem parte do meio natural da região.

A evolução espaço-temporal foi profundamente alterada por diversos empreendimentos empresariais-industriais instalados no território. Na perspectiva de elucidar os distintos processos socioprodutivos ocorridos na Ilha Santa Cruz, local de construção da Vila Mainardi, é imperativo compreender o papel exercido pelos diversos empreendimentos ali instalados e as relações destes na reconfiguração territorial, verificada a partir do início da década de 1970.

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólico-cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais como forma de ‘controle simbólico’ sobre o espaço onde vivem (sendo, portanto, uma forma de apropriação) e uma dimensão mais concreta, de caráter político disciplinar: o domínio do espaço pela definição de limites ou fronteiras visando à disciplinarização dos indivíduos e o uso/controle dos recursos aí presentes. (HAESBAERT, 2004, p. 42)

Abordar as transformações históricas na Vila Mainardi exigiu a minuciosa escuta das memórias dos moradores tradicionais do rio Jaburu, de herdeiros — antigos e atuais proprietários da Ilha Santa Cruz —, de moradores remanescentes e de residentes da vila, na condição de fontes históricas vivas. Delgado (2006, p. 135) define “[...] memória como uma

construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”. Para Halbwachs (1990, p. 75-76), “[...] a memória é percebida como reconstrução do passado com a ajuda de fatos presentes, cujas narrativas dos outros confirmam essa construção”.

Nesse sentido, o aprofundamento sobre a evolução histórica, sobre a identificação e sobre a caracterização das empresas e das demais estruturas relevantes, responsáveis pela transformação territorial da Vila Mainardi, foi precedida pela elucidação das dúvidas, quanto à substância conceitual e aos reflexos das transformações geográficas em espaços industriais rurais, envolvendo a categoria vilas operárias.

Através das referências históricas, destas estruturas e das suas especificidades conceituais, buscou-se estabelecer similitudes, em relação ao processo ocorrido na Ilha Santa Cruz, através da indústria madeireira. Desse modo, destacam-se, a seguir, fragmentos históricos, que definem e que caracterizam tais espaços de moradia na sua forma e no seu conteúdo:

No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, difundiu-se largamente a prática da construção, por empresas, de moradias para seus operários em cidades ou em localidades rurais. Tal prática deu origem a comunidades habitadas principalmente por empregados de uma única companhia que possuía parte substancial do mercado imobiliário e das casas e com frequência, também detinha o controle sobre os equipamentos e serviços coletivos. No território nacional, esses assentamentos estavam ligados sobretudo as indústrias têxteis, de papel, empresas de mineração, usinas de açúcar e frigoríficos. (CORREIA, 2001, p. 83)

Convém enfatizar que este processo se originou na ambiência industrializante europeia e, posteriormente, se expandiu para os EUA, incorporando-se à indústria, como mais um componente estratégico no desenvolvimento deste setor produtivo, implicando mudanças à geografia industrial.

Nas referências internacionais, esses lugares surgem com várias designações, como *company town*, *industrial village*, *cité ouvrière* e *cottage system*. Em um estudo sobre a constituição e a forma de tais lugares nos Estados Unidos, a pesquisadora Margaret Crawford usa o termo *company town* como uma forma genérica, enfatizando, entretanto, como ao longo da trajetória da industrialização americana uma série de mudanças na indústria e na geografia gerou uma sucessão de tipos de *company town*: a *mill village*, a *corporate city*, o *lumber camp*, a *mining town*, o *industrial suburb* e a *satellite city*. (CORREIA, 2001, p. 83)

No Brasil, a evolução desse modelo assume contornos muito particulares e passa a se configurar como um dos elementos do processo de urbanização e como sinônimo de salubridade e de morar bem.

Nas primeiras décadas do século XX, as vilas operárias surgiam como modelo privilegiado de reforma da habitação do pobre urbano, a qual era apontada como um dos problemas centrais da cidade. Elas definiam-se como um padrão de moradia popular oposto à favela, ao mocambo e ao cortiço, supondo ordem, higiene e decência. O termo sugeria casas salubres e dotadas de ordem espacial interna, que se distinguia da falta de higiene, de espaço e de conforto atribuída às casas dos pobres urbanos. Também sugeria casas de famílias de trabalhadores estáveis, em oposição às misturas entre estes últimos e os indivíduos afastados dos empregos regulares (autônomos, vadios, prostitutas etc.), favorecidas pelas formas de moradia e relações de vizinhança nas habitações coletivas e em moradias precárias. (CORREIA, 2001, p. 84)

A depender dos recortes territoriais, em que estejam localizadas, as vilas assumem singularidades socioespaciais muito específicas, sobretudo, quanto a sua origem, ao seu conteúdo social e as suas finalidades.

No Brasil, o tema é estudado por autores que se referem às vilas usando outras denominações que variam de acordo com a região, referencial teórico-metodológico e momento histórico. Na região Sudeste, mais precisamente no Estado de São Paulo, autores denominam esse espaço de “bairros rurais”. Queiroz (1973) identifica os lugares de residência no mundo rural como “habitats” dispersos e centralizados por pequenos núcleos de habitações (geralmente em torno de uma capela) com vínculos sociais que unem seus membros. Candido (1987) ressalta principalmente o sentimento de localidade entre seus moradores. Para o autor, esse sentimento é responsável pela definição das extensões do bairro. No Nordeste, predominam as denominações “povoados” e “comunidades”, assim como na região amazônica. [...] A literatura sobre os lugares de residência no mundo rural brasileiro é rica em estudos de caso. Em comum, os autores ressaltam a organização social para uma vida coletiva com fortes vinculações dos habitantes ao trabalho (na agricultura e em outras atividades), e na viabilização de políticas públicas. (RIBEIRO; MOTA; ALVES, 2017, p. 340)

No interior do estado do Pará, o processo de crescimento do setor madeireiro fez surgir uma série de pequenos povoados, que passaram a orientar suas economias em função da serraria, o que, por outro lado, traz o ônus da pobreza para essas populações nos períodos de crise (SILVA, 1987). O modelo habitacional da Vila Mainardi é compatível com as estruturas construídas, em função das atividades industrial e extrativista madeireira nos espaços rurais da Amazônia paraense, apresentando inúmeras diferenças, em relação a outras tipologias existentes em suas proximidades, no tocante à padronização arquitetônica, aos objetivos e ao conteúdo social. Estas particularidades são mencionadas na narrativa seguinte:

“Mas a questão da Mainardi ou das empresas que tem uma vila por trás, que tem uma população, que não é somente o pessoal envolvido na produção, mas que faz parte da comunidade, é diferente. A Mainardi, era centralizada na questão da indústria, e gerou uma dependência. E com avanço da tecnologia, aqueles meninos que viviam lá, e depois de eles terem acesso a informação e tudo, o pensamento deles ficou diferente. Por exemplo, as comunidades de Breves como aquelas ali do Curumú, é diferente, porque lá não nasceu disso, lá é uma coisa tradicional de extrativismo, de borracha e de outro tipo de atividade pulverizada que não é centralizada. Já a Mainardi, ela criou toda uma geração porque demorou muito mais. Criou toda uma geração e de formação e pelo distanciamento, não tão perto, trinta quilômetros. Ela

criou uma cultura própria. E aquela comunidade que nasceu lá ou que viveu lá. A coisa é tanta que a comunidade se tornou maior do que a indústria. A comunidade, ela ganhou importância, Vila Mainardi. Ninguém fala na serraria Mainardi, fala na Vila Mainardi. [...] E aquilo lá era uma efervescência que você via nos dias de pagamento, nas quinzenas, no mês. Aquele fluxo de produtos tantos os regionais como outros produtos, etc... etc... etc... e aquela atividade ela se baseava lá na vila aonde as pessoas habitavam, viviam e que criaram uma cultura própria de sobrevivência, diante do ambiente que se apresentava. Então a Mainardi ...é... enquanto indústria, quanto empregadora, quer dizer, ela criava essa diferença, essa diferença convivência com o meio ambiente e com a sobrevivência e outras vilas naturalmente que não possuem uma indústria dessa. Havia outros casos aqui, mas com a Vila assim tão pujante e relativamente próximo de Breves e que havia toda uma questão de transporte de ida, de vinda, disso e daquilo outro...então realmente o impacto era violento dela na região. Se você pensar como era na época o movimento econômico ali era um negócio sério, bonito de ver.” (informação verbal do entrevistado 1, 2021)³

A partir destas compreensões conceitual e conjuntural do objeto de análise, buscou-se resgatar os elementos estruturantes, que deram origem ao espaço que se transformou na Vila Mainardi, resultante de um longo processo histórico, desencadeado na Ilha Santa Cruz, à margem esquerda do rio Jaburu, no município de Breves, a partir da década de 1970. Destaca-se, inicialmente, que as estruturas físicas e logísticas, concernentes às empresas Porto Norsul, Madeiras Acará S. A. e Madeiras Minardi Ltda., foram responsáveis, dos pontos de vista histórico e geográfico, pela primeira fase da ocupação do território.

Chama-se a atenção para o fato de que as transformações ocorreram em tempos distintos na escala temporal, no entanto as primeiras empresas se utilizaram das mesmas estruturas físicas e logísticas para a produção madeireira, às quais foram incorporados novos elementos, o que as diferenciava na forma de organização, no volume de produção e nas técnicas empregadas no processo produtivo. A narrativa a seguir se refere ao momento inicial da apropriação e da ocupação do território, para o desenvolvimento da atividade produtiva madeireira:

“Eu fui nascido e criado aqui, meu pai me criou nesse terreno. (...) Eu criei todos os meus filhos aqui, um bocado já tão tudo casado, um ainda mora aí, mora bem ali, um filho meu. Tudo começou, começou com cinco trabalhador, não sete, começaram a roçar, a primeira firma que comprou foi a NORSUL, aí a NORSUL, trabalhou... trabalhou...fizeram a primeira serraria. Aqui era um sítio, sabe? Aí derrubaram todinho, aí assentaram aí, o negócio do maquinário, trabalharam aí, que até eu trabalhei, também aí. Trabalharam aí quase dois anos, aí não deu certo, aí a NORSUL, vendeu pra MACASA. (...) antes da atividade da madeira, caçavam, plantavam, arroz, milho, essas coisas. A terra era boa e ainda é até hoje, tem gente que trabalha aí em roça aí pra trás, (...) eu tô com 76 anos, nasci e me criei aqui, nativo daqui, (...) a minha família é daqui dos macacos, meu pai era Fabiliano Lobato, ele nasceu aqui, o velho Brasileiro que era meu avô, ele nasceu aqui, meu pai, se criou, criou os filhos dele tudinho, que foi um eu, e os outros morreram tudo, ‘semos’ só dois, aí eu criei os meus filhos todos aqui, e um ainda tá morando aqui. (...) são umas quatro gerações até chegar em mim e ainda tem meus netos que vieram depois (...) tudo morando aqui... (...) a pesca é boa, e ainda tem muita caça, ainda, pro

³ Entrevistado 1. Entrevista concedida em 11/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

sustento dá muita caça (...) eu mesmo tá fazendo uns vinte e poucos anos que eu parei de tirar madeira, mais inda tem alguma coisa.” (informação verbal do entrevistado 2, 2021)⁴

Indubitavelmente, a realidade manifesta, proferida pelo originário cidadão e por suas reminiscências, ao se reportar sobre sua ancestralidade genealógica e sobre a cotidianidade de seu espaço territorial, remetem ao entendimento da dinâmica espacial prevalecte, antes das intervenções do ciclo madeireiro. Trata-se de uma visão sobre as formas de sobrevivência, cujas relações se caracterizavam pelos modos de vida simples, harmônico e ambientalmente preservado, heranças de seus antepassados. A Figura 11 retrata, ainda hoje, o modo vida simples, que resistiu ao tempo e que não sucumbiu à empreitada industrial madeireira.

Figura 11 – Morador do rio Jaburu, descendente direto dos antigos proprietários da Ilha Santa Cruz, local em que foi construída a Vila Mainardi



Fonte: acervo pessoal do autor (2021)

Pela sequência imagética da Figura 11, tem-se a noção das diversas alterações ocorridas no território, em decorrência da atuação das empresas. Note-se que se trata da mesma área, a que se foram incorporando novas edificações, como: galpões, igreja e moradias para

⁴ Entrevistado 2. Entrevista concedida em 22/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

trabalhadores. Chama a atenção a ampliação da área desflorestada, para fins produtivos e de ocupação.

Figura 12 – Evolução histórica da Vila Mainardi, do Porto Norsul, da empresa MACASA S. A. e da empresa Madeiras Mainardi Ltda.



Fonte: acervo do antigo escritório da Madeiras Mainardi Ltda. (2021)

4.2 PORTOS NA VILA MAINARDI

Para melhor compreender as transformações ocorridas neste território, reconstituiu-se sinteticamente a sua linha do tempo, focando nas principais características das empresas, ali instaladas, evidenciando-se os fatos mais relevantes, que contribuíram com as alterações mais expressivas do espaço geográfico. As abordagens aqui apresentadas se sustentam em narrativas orais, em informações de domínio público, disponibilizadas em *sites* oficiais — especialmente, no da Receita Federal (RF) —, e em farta documentação, obtida e analisada em momento

posterior ao do trabalho de campo na Vila Mainardi. O produto da imersão na história das empresas resultou na identificação e na qualificação das seguintes estruturas:

- a) Porto Norsul - primeira indústria do ramo madeireiro a se instalar na Ilha Santa Cruz, oriunda do estado do Paraná, serrava, desdobrava e exportava madeiras brutas e serradas. Na maioria das vezes, seus produtos eram transportados para Belém em balsas e, depois, seguiam o fluxo exportador para o exterior. Esta empresa teve um curto período de operação na Ilha Santa Cruz (de 1970 a 1972), mas resiste ao tempo, mantendo-se como referência de endereçamento às empresas que a sucederam na ilha. Atribui-se a esta empresa a primazia nas transformações promovidas pela atividade madeireira no território, como a roçagem da área, para a construção dos primeiros galpões, nos quais foram instalados a serraria e o porto, propriamente dito.
- b) Madeiras Acará S. A. (MACASA) - inaugurada no dia 1º de junho de 1976, era uma filial do tipo sociedade anônima fechada, que se estabeleceu em Breves (PA), cuja atividade econômica principal era a fabricação de madeiras laminadas e de chapas de madeira compensada, prensada e aglomerada, voltadas à exportação.

Após vinculação inicial como funcionário e, posteriormente, como proprietário da empresa, o fundador do grupo Mainardi, senhor Wilson Fernandes Mainardi, migrado de Santa Catarina para o Pará, construiu a Vila Mainardi em terras paraenses, tendo residido, inicialmente, no município de Santarém, mudando-se em caráter permanente, juntamente com sua família, para a Ilha Santa Cruz, à margem esquerda do rio Jaburu, em que funcionava a Madeiras Acará S. A. (MACASA). Eis algumas nuanças de sua trajetória empresarial:

“Eu cheguei em Breves no dia 27 de fevereiro de 1977, às dez horas da manhã... chovia que era uma desgraça, eu com 21 anos. (...) eu já fui diretamente pro interior, no Rio Jaburu, na localidade MACASA, era Macasa depois virou Madeiras Mainardi, na Macasa eu era (...). Eu trabalhava com a Macasa – Madeiras Acará S. A., na Madeiras Acará eu trabalhei uns dois anos e meio, aí me passaram a serraria para mim... aí eu assumi a serraria e depois, continuou Madeiras Mainardi, hoje ela tá parada como Global Madeiras Comércio e Indústria. Então (...) é uma história assim sabe. (...) Foi interessante, eu tava em Santarém, já tinha minha esposa, na época tava gestante, eu cheguei aqui, era sozinho né, numa alvarenga velha, chovendo demais, pra onde eu vim me meter!?...vindo lá de Santa Catarina pra cá (...) Mais eu sempre fui bem relacionado com todo mundo, e tal, pra eu chegar de manhã, naquela desgraça, chovendo, no meio do mato, ali na beira do rio... graças à Deus eu consegui amizade com todo mundo, até hoje tô aqui, pode colocar aí que eu tô com 77 anos, cheguei aqui com 21 anos (...) rodei lá em Santarém, fiquei um ano e pouco (...) Aí eu vim pra cá, onde permaneço até hoje, é o mesmo terreno, tá tudo lá e inclusive, a dona Celina era moradora, me vendeu, eu tenho documento de 50 anos atrás, documentos das áreas de terra, está com 52 anos a gente comprou dos donos. a Madeiras Acará comprou da dona Celina e a Madeiras Acará vendeu pra

min, e o nome das terras é da Ilha de Santa Cruz.” (informação verbal do entrevistado 3, 2021)⁵

Utilizando-se das estruturas físicas e logísticas da antiga Porto Norsul, a Madeiras Acará S. A. empreendeu atividades de produção e de exportação de essências florestais no território, criando as condições locais iniciais para a instalação da Madeiras Mainardi Ltda. e para a conseqüentemente construção da Vila Mainardi, porque, durante o seu período de funcionamento, foi adquirida, por seus proprietários, uma área de terra maior, dentro da Ilha Santa Cruz, fator determinante, que favoreceu à ampliação das estruturas físicas e logísticas existentes, como a da primeira serraria, e o erguimento de outras, como a da pensão e a do restaurante, bem como proporcionou o início das construções das primeiras residências para os funcionários. Estas foram as condições embrionárias do que, anos mais tarde, transformar-se-ia na vila Mainardi.

A Madeiras Mainardi Ltda. é uma sociedade empresária limitada de Breves (PA), fundada em 23 de junho 1986, que tem, por atividades principais, as serrarias, com o desdobramento da madeira, cuja produção é voltada ao mercado externo. Sua denominação é uma alusão à família Mainardi e ao seu proprietário, o senhor Vilson Fernandes Mainardi. A Figura 13 representa momentos da trajetória do senhor Vilson: o momento de sua chegada à Breves, na década de 1970, e a ocasião de sua interlocução, como entrevistado, na atualidade.

Figura 13 – Montagem de ilustrações, com imagem anterior e atual do senhor Vilson Fernandes Mainardi, empresário do setor madeireiro, fundador do grupo Mainardi e proprietário da Vila Mainardi



Fonte: acervos de Global Madeiras (2008) e do autor (2021)

⁵ Entrevistado 3. Entrevista concedida em 17/06/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

As instalações físicas e logísticas da Madeiras Mainardi Ltda. foram construídas, inicialmente, segundo seu proprietário, na localidade Furo de Breves, afluente da margem direita do rio Parauahú, em frente à cidade de Breves. Pouco tempo depois, todo o maquinário foi deslocado para o antigo espaço de funcionamento das empresas Porto Norsul e Madeiras Acará S. A. na Ilha Santa Cruz, no rio Jaburu. Nesse momento, a companhia passou a se denominar Madeiras Mainardi Ltda., tendo, como sócios administradores, os senhores Gilson José Mainardi e Vilson Fernandes Mainardi.

Como parte da estruturação e da expansão da Madeiras Mainardi Ltda., o ano de 1992 foi marcado pela construção da primeira vila estruturada de casas, para dar moradia aos trabalhadores(as) e as suas famílias, e pela fundação da Comercial Rio Jaburu Ltda., sociedade empresária limitada de Breves (PA), fundada em 22 de julho de 1993, localizada à margem esquerda do rio Jaburu, a pelo restabelecimento da empresa Porto Norsul, cuja atividade principal era o comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios, atendendo a minimercados, a mercearias e a armazéns. Estas duas estruturas contribuíram para a construção de uma nova identidade e de um novo imaginário social neste local, que passou a ser reconhecido como Vila Mainardi.

“O comercial Jaburu (conhecido como “a cantina”) localizava-se ao lado do posto de saúde, funcionava três dias durante a semana: na quinta-feira que era o dia seguinte da chegada de mercadorias; dia em que era grande o fluxo de moradores que se aglomeravam desde a madrugada para serem os primeiros a efetuar as compras da semana; na sexta-feira seguinte e no sábado posterior para venda das sobras das mercadorias. Havia um refeitório que também servia de alojamento para funcionários sem família na vila.” (informação do entrevistado 4, 2021)⁶

A Comercial Jaburu exerceu e ainda exerce importante papel na vida dos moradores da Vila Mainardi, por atendê-los moradores em suas necessidades básicas, como: suprimentos alimentícios, utensílios domésticos, bebidas e aparelhos eletrônicos diversos, possibilitando a maior fixação das pessoas no território.

Em 1994, diante do próspero crescimento da empresa e das habitações dos trabalhadores, a empresa passou a investir em mais energia, “[...] passando a gerar energia, através de caldeira, aproveitando os próprios resíduos da produção como combustível”⁷. A geração de energia elétrica pela caldeira supria, tanto a demanda da indústria quanto as

⁶ Entrevistado 4. Entrevista concedida em 11/03/2021, através do preenchimento de um questionário estruturado. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

⁷ Entrevistado 3. Entrevista concedida em 17/06/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

necessidades dos moradores da vila. Até então, a geração de energia era realizada por motores geradores, movidos a óleo diesel.

A criação destas novas estruturas consolidou os processos estratégicos de ocupação, de uso e de controle territorial desse espaço geográfico, sobretudo, pela fixação dos funcionários e dos seus familiares na vila. Atribui-se a este processo a influência sobre a mudança identitária verificada no contexto da localidade, provocada pelo estreitamento dos laços de convivência entre pessoas das mais diversas origens em um mesmo território.

A identidade é constantemente reconstruída histórica e coletivamente, e se territorializa especialmente através de políticas (de gestão) e culturais. Há uma combinação da processualidade histórica e relacional na explicação da identidade e da formação do território (SAQUET, 2007, p. 149)

A fixação dos trabalhadores nas proximidades do local de produção favoreceu, sincronicamente, à maior centralidade comercial de produtos de primeira necessidade na vila, elevou os níveis de produção da empresa e aprofundou a dependência financeira, dos trabalhadores, em relação à empresa, sobretudo, com a criação da Comercial Jaburu.

Em suma, a expansão da empresa Madeiras Mainardi, tanto em estrutura quanto em produção, não resistiu aos efeitos de uma profunda crise financeira, ocorrida na década de 1990, levando ao seu fechamento, enquanto empresa. Nesse momento, o grupo empresarial criou uma nova empresa do mesmo ramo, para dar continuidade ao processo produtivo.

A Global Indústria, Comércio e Navegação Ltda. é uma sociedade empresária limitada de Breves (PA), fundada em 27 de março de 1997, cuja atividade principal é a serraria, com o desdobramento de madeiras. Esta empresa foi criada em um contexto de forte retração financeira, por parte da Madeiras Mainardi Ltda. A busca pela captação de novas frentes de financiamento e a imperiosa necessidade de manutenção do grupo estão entre os fatores, que levaram a sua fundação.

O estabelecimento da Global Indústria, Comércio e Navegação Ltda. inaugurou a segunda fase do processo produtivo madeireiro na Vila Mainardi, marcado pelo aprimoramento e pela expansão da cadeia produtiva, via agregação de valor, com a verticalização da produção, visando a atender às novas exigências dos mercados nacional e internacional, reforçando seu papel de destaque na região, como empresa produtora e exportadora de essências variadas, de origem florestal, incluindo madeiras serradas, laminadas, trabalhadas e pré-fabricadas.

Em paralelo à criação e à operacionalização da empresa Global Madeiras, foi construída uma nova vila na Ilha Santa Cruz, a Vila da Global, implicando a ampliação das áreas construídas e ocupadas pelo grupo empresarial, sobretudo, pela ampliação do número de

famílias dos(as) trabalhadores(as) residentes. As novas instalações físicas, logísticas e residenciais fizeram a vila dobrar de tamanho, acarretando a abertura de novas vias internas, para a integração física dos diversos tipos de instalações industriais, comerciais, portuárias, além dos logradouros diversos e das respectivas áreas circundantes.

Por sua vez, o Porto Alfandegado Mainardi, vinculado a Global Indústria Comércio e Navegação Ltda., foi o primeiro porto da região das ilhas a receber, em 10 de fevereiro de 2005, a *Declaração de Cumprimento*, concedida por unanimidade pela CONPORTOS/CESPORTOS, por ter cumprido as disposições do ISPS-COD e o previsto no seu Plano de Segurança Pública Portuária.

Figura 14 – Declaração histórica de cumprimento nº 068/2005



Fonte: acervo documental do antigo escritório da Madeiras Mainardi Ltda. (2021)

Refere-se à estrutura portuária segregada, vinculada à empresa Madeiras Mainardi Ltda., operada pela empresa Global Madeiras, sob o controle e o monitoramento permanentes dos órgãos portuários e sob a segurança e a fiscalização da Receita Federal (RF), da Polícia Federal (PF) e da Polícia Civil (PC), seguindo as normas especificadas no *International Ship*

and Port Facility Security Code (ISPS Code), o Código Internacional para Segurança de Navios e Instalações Portuárias.

4.3 ASSOCIAÇÕES NO CONTEXTO TERRITORIAL DA VILA MAINARDI

O Porto Alfandegado Mainardi se constituiu em um divisor de tempo nos procedimentos de exportação, promovendo a centralidade, o controle e o monitoramento das essências florestais exportáveis, no âmbito da mesorregião do Marajó, a partir de 2005, e influenciou diretamente no reordenamento destas operações, no contexto da Vila Mainardi, cabendo maior e melhor detalhamento, quanto às associações existentes, desde aquela época.

Associação Vida Nova (AVN) é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com sede na zona rural do município de Breves, à margem esquerda do rio Jaburu, na Vila Mainardi, voltada ao desenvolvimento de atividades associativas, de apoio à educação, de defesa a direitos sociais e de serviços de assistência social. Frise-se que a associação está regularizada, junto à Receita Federal, desde 30 de janeiro de 2007. As condições, para o desenvolvimento de suas atribuições coletivas e estatutárias, foram garantidas, pela empresa Global Madeiras, através da doação do terreno, para a construção da sua sede social, no interior da vila Mainardi, bem como de todos os outros recursos materiais e logísticos para o seu funcionamento.

“A vila contava com uma associação de funcionários (um galpão com capacidade para abrigar mais de duas mil pessoas, confortavelmente, e um campo de futebol) [...]. A denominada Associação Vida Nova servia como local de reunião de moradores e realização de festas e eventos mais diversos. Vários cantores e bandas de renome no cenário musical regional se apresentaram no local como: Banda Amazonas, Banda Caferana, Banda Fruto Sensual, Banda Gênese, entre outras... sempre reunindo um grande número de expectadores [...]. No calendário fixo de eventos destacavam-se a festa do trabalhador em 1º de maio, que contava com um torneio de futebol reunindo equipes locais e de várias empresas de Breves, a equipe vencedora era geralmente premiada com um boi, e a festa de natal que culminava com a distribuição de brinquedos para os filhos de funcionários das empresas Madeiras Mainardi e Global Madeiras.” (informação do entrevistado 4, 2021)

Na prática, a Associação Vida Nova se insere, no contexto territorial da Vila Mainardi, desempenhando importantes papéis, especialmente, os de ordem organizativa-colaborativa, sempre em sintonia com o corpo administrativo e com os proprietários das empresas do grupo Mainardi. Por ela, a diretoria do grupo mantém contato direto com todos os moradores. Além de prospectar articulações com as comunidades do entorno da vila, a associação provia a

comunidade com múltiplos momentos formativos e com campanhas preventivas, como a de combate ao escarpelamento — em parceria com a Marinha do Brasil, através da Capitania dos Portos —, a de combate ao abuso de crianças e de adolescentes — em parceria com os Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) regional e municipal —, a de prevenção e de controle da subnutrição infanto-juvenil — em parceria com a Secretaria Municipal do Trabalho e Assistência Social (SEMTRAS) e com a Pastoral da Criança —, entre outros.

Com o crescimento da população residente na vila, e com a maior complexidade em dirimir questões dos moradores, competia à associação reunir, discutir e deliberar sobre sugestões de soluções à coletividade, visando à organização e à manutenção da boa convivência entre os moradores, com focos tais quais a limpeza das ruas, a manutenção das redes de energia e de iluminação da vila, a garantia do fornecimento de água tratada a todos, bem como construções, ampliações, reformas e reparos nas habitações, considerando as necessidades dos trabalhadores e as da empresa. A Figura 15 mostra diferentes momentos da trajetória histórica e do desenvolvimento de ações da Associação Vida Nova, junto à comunidade local.

Figura 15 – Imagens da construção da sede social da Associação Vida Nova na vila Mainardi e registros da promoção de eventos desportivos e da confraternização anual



Fonte: acervo da empresa Global Madeiras (2008)

A Associação Vida Nova contribuiu muito na articulação, junto à empresa, aos órgãos públicos, às empresas privadas e às entidades filantrópicas, na busca por melhorias dos serviços de saúde, de educação, de assistência social, respondendo pelo planejamento e pela execução do calendário anual de eventos comemorativos da vila, além de colaborar com a realização de eventos desportivos e religiosos, em especial, a tradicionalíssima festividade de N. S.^a do Perpétuo Socorro, vinculada à Igreja Católica.

Além da associação, o grupo Mainardi inclui a empresa Norsul Fruits Indústria e Comércio de Alimentos Ltda., fundada em 09 de fevereiro de 2009, que está em pleno funcionamento e que tem, por atividade principal, a fabricação de sucos concentrados de frutas, hortaliças e legumes, com destaque para a produção e para a comercialização de açaí em polpa.

A instalação deste empreendimento nos territórios das vilas Minardi e Global se insere no contexto da transição entre a decadência da atividade industrial madeireira e o início dos desenvolvimentos econômico e social locais, em função da nova matriz produtiva extrativista, caracterizada pelo estímulo ao cultivo manejado e à fabricação do açaí regional, voltado às comercializações nacional e internacional, através da marca Açaí Frooty.

Pela instalação destas estruturas, notam-se importantes singularidades do território, com contínuos reordenamentos em sua escala espaço-temporal, conferindo-lhe diferentes formas e conteúdos paisagísticos, devido às formas de ocupação e de uso dos recursos naturais existentes ou trazidos de outras espacialidades municipais, sob a forma de matérias-primas, como toras de madeiras diversas, típicas da fase industrial madeireira, ou, mais recentemente, pela importação do açaí regional, considerando a insuficiência local em suprir a demanda da fábrica Norsul Fruits e o consumo diário, por parte da população, na complementação alimentar.

Subjazem neste território, desde tempos pretéritos, que remontam à década de 1970, distintas formas extrativas e produtivas, marcadamente similares às dos demais espaços florestais e ribeirinhos amazônicos, como as culturas da pesca, da coleta, da agricultura familiar de subsistência, da extração de borracha e, em particular, neste território, o cultivo de arroz de várzea em maior escala.

Na região ocidental há prevalência de florestas inundáveis, de grande potencial econômico, com espécies madeireiras e não madeireiras. Nessa região de florestas, o açaí (*Euterpe oleácea*) é considerado a árvore símbolo por sua importância na economia e na dieta alimentar típica das populações locais, que sobrevivem principalmente da coleta do fruto e da extração do palmito. (SALERA, 2009, p. 56)

Por este prisma, o recorte territorial em análise remete a uma intrincada rede de relações socioespaciais, que corroboram a compressão de um modelo de produção bem delineado e

estabelecido na produção e na reprodução de capitais, tendo, por base, a exploração e a transformação de bens de origem primária, que ensejaram significativas mudanças, no decorrer do tempo, no modo de viver das comunidades locais. A maioria das residências visitadas possui trapiche (rampa de acesso, que conduz até a casa), com apetrechos de pesca (redes e caniços) e de captura de camarão (matapis), além de paneiros, para a coleta e para o transporte do açaí aos locais de venda, artigos essenciais para a sobrevivência dos povos que habitam a Amazônia marajoara/paraense (Figura 16).

Figura 16 – Característica das moradias da área de entorno da Vila Mainardi na Amazônia marajoara/paraense



Fonte: acervo do autor (2021)

O plantio de hortaliças, de pimentas e de limoeiros em caixas de madeira suspensas, para o consumo e para a venda, foi identificado em parte das residências. As plantas medicinais, em canteiros próprios, também estão presentes nas residências, sendo utilizadas como medicamentos naturais e alternativos em vários problemas de saúde da família. A tecnologia de *internet* chega à região, por meio de duas antenas, instaladas na Vila Mainardi e em frente à vila, atendendo a poucos moradores (25 assinantes) e à empresa Norsul Fruits, sendo que o provedor remoto funciona com energia solar.

“Nós fizemos o levantamento na vila Global, e consta uma faixa de aproximadamente, de 12 (doze) a 15 (quinze) famílias, mas já estão falando em sair. Na Mainardi há uma faixa de 52 (cinquenta e duas) famílias que ainda residem aqui na vila Mainardi [...]. Muita gente permanece na vila e ainda nós somos 25 funcionários que permanecem aqui nas dependências da empresa, para que se tome conta dos bens

materiais que ficou, aqui na empresa até o presente momento”. (informação verbal do entrevistado 5, 2021)⁸

As principais personalidades entrevistadas foram o senhor Vilson Fernandes Mainardi, fundador e proprietário da Madeiras Mainardi Ltda, o senhor Dantas, liderança e dirigente da comunidade N. Sr.^a do Perpétuo Socorro da Vila Mainardi, atualmente, responsável pela administração da Vila, tendo participado de boa parte da história da construção deste espaço geográfico, o senhor Ivanilson e a sua esposa, moradores da Vila há mais de 15 anos, o senhor Benedito Cirino, ex-funcionário e morador histórico do rio Jaburu, produtor de açaí em área de manejo de sua propriedade e, atualmente, residente da margem direita desse rio, em frente à Vila Mainardi, o senhor Joaquim Fogaça de Miranda, um dos herdeiros e ex-proprietário da Ilha Santa Cruz, local de construção de todo o complexo industrial da Vila Mainardi, assim como outros moradores, remanescentes e ex-funcionários, que integram (ou integraram) o quadro gerencial das empresas.

No período áureo da exploração madeireira, a Vila Mainardi mantinha um vigoroso processo educativo, desenvolvido pela EMEIF Ivo Mainardi. Em 2008, havia 740 alunos matriculados na instituição, de acordo com dados do Censo Escolar do INEP, número alterado para 527, em 2010, 572, em 2014, e 413, em 2020, englobando crianças, jovens e adultos nos níveis de Pré-Escola, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Médio, via Sistema Modular de Ensino (SOME). Tal redução se deve ao fechamento e à dispersão populacional da vila.

O espaço da vila dispunha, ainda, de Posto de Saúde, de posto dos Correios, de antena retransmissora do canal da TV Cultura, de casa de ocorrências, de restaurante e de supermercado. A empresa apoiava as comunidades católica, através da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e evangélica, através da Assembleia de Deus (Figura 17). A associação de moradores Vida Nova e toda a comunidade ribeirinha participa de eventos de esporte, de cultura e de lazer promovido pela empresa.

⁸ Entrevistado 5. Concedida em 25/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

Figura 17 – Algumas das estruturas do período áureo da exploração madeireira na Vila Mainardi



Fonte: acervo da empresa Global Madeiras (2008)

De acordo com o senhor Luiz Teixeira, a vila era relativamente segura, em função da existência da “delegacia”, uma residência que abrigava um segurança, responsável por toda a vila e que, eventualmente, interferia em brigas de vizinhos, em desentendimentos de casais ou em roubo de galinhas e, em casos mais graves, conduzia o(s) envolvido(s) à delegacia de Breves.

Em relação às condições reportadas pelo conjunto dos colaboradores nos diversos momentos de escuta, houve menções recorrentes a um modo de vida conturbado, circunstanciado por diversos tipos de problemas de ordem ambiental, no interior da Vila Mainardi. Na época em que as serrarias, as fábricas, os portos, as caldeiras, os comércios, as embarcações, a movimentação de transeuntes e as máquinas pesadas operavam em seus níveis máximos, foram registrados diversos problemas de natureza socioambiental, tipificados e caracterizados da seguinte maneira: impactos visuais; impactos ambientais; e impactos sonoros.

Os impactos visuais são perceptíveis na dimensão da paisagem, sobretudo, pela presença das infraestruturas físicas e logísticas do parque industrial e das diversas vilas e vias de circulação, que foram construídas pelas empresas, ao longo do tempo. As alterações são visíveis e contrastam com as áreas florestais nativas remanescentes e com as áreas de plantio racional,

em forma de projetos de manejos florestais sustentáveis, efetivadas pelas empresas Madeiras Mainardi e Global Madeiras nas áreas circundantes à vila, a exemplo dos plantios de paricá (*Schizolobium amazonicum*), de açaí e de outras espécies de valor comercial, junto ao setor madeireiro.

Denota-se que a substituição gradativa e acentuada da cobertura vegetal original, para as construções da vila e das estruturas industrial e portuária acrescentaram elementos novos à paisagem, cujo conteúdo em muito se assemelhou aos dos espaços industriais urbanos, o que, por si, alterou profundamente a dimensão visual do território.

Os impactos socioambientais foram marcantes e ainda são muito visíveis na Vila Mainardi, cujo ambiente sofreu significativas alterações, com destaques para o rio Jaburu e para um de seus afluentes, com alcance no interior da vila, os quais, por mais de cinco décadas, receberam grande quantidade de deposição em seus leitos, ou seja, resíduos do processamento da madeira, como casqueiros, moinha, imunizantes, combustíveis, óleos, detritos orgânicos, entre outros, além de descartes eventuais, como de toras de jangadas. Adicionalmente, os corpos d'água locais também receberam grandes quantidades de aterramento nos pontos de construção dos portos, principalmente, os leitos de igarapés, afluentes do rio Jaburu, os quais originalmente serviam como fontes de irrigação e como espaços de drenagem naturais.

Somando-se a estes problemas, são perceptíveis e/ou foram relatadas outras intervenções relevantes, descritas a seguir:

- a) O desflorestamento, ocorrido para fins de construção das obras residenciais, de infraestruturais e de logísticas portuária e comercial das empresas;
- b) Emissões de fuligem, originadas da queima do refugo da madeira utilizada nas caldeiras ou, simplesmente, do descarte de excessos, além de partículas sólidas em suspensão no ar, produzidas e liberadas pela serragem de madeira em forma de moinha fina, as quais se alastravam das serrarias e dos demais setores da produção para as áreas residenciais.

“Em dado momento, a fuligem era tanto, que se chegou a ponto de se planejar o remanejamento das famílias, alocadas na vila Global, para uma outra área, localizada na zona de expansão, mais distante, portanto, dessas áreas geradoras de poluentes, com esta finalidade, foi aberta uma via de acesso e circulação de pessoas, até a referida área, mais, a ação de remanejamento não chegou a ser concretizada”. (informação verbal do entrevistado 6, 2021)⁹

Em 2003, a vila Mainardi foi surpreendida por um desastre ambiental: o desmoronamento de parte de estruturas da beira do rio Jaburu em local, no qual havia um curso

⁹ Entrevistado 6. Concedida em 02/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021

d'água de aproximadamente 300 m, originalmente, que descia, em direção ao centro da vila, e que chegava em um grande poço, em forma de lago, cercado por terra-firme. Tanto o igarapé quanto o lago vinham sofrendo aterramentos havia mais de duas décadas, com casqueiros, com moinha e com outros entulhos, produzidos nas serrarias, e estes acabaram sendo completamente soterrados e, sobre seus espaços originais, foram erguidas edificações diversas.

Pela ação erosiva fluvial das margens do rio Jaburu e pelo soterramento dos cursos d'água no interior da vila, ocorreu o desastre mencionado, a partir do ponto de contato entre o igarapé soterrado e o rio Jaburu. Este acidente ambiental envolveu o desabamento da portaria da primeira serraria, de cinco casas, de uma cantina, de um alojamento, além de árvores e de postes de eletrificação, com transformador e com toda a fiação. Não tendo havido perdas de vidas humanas, alguns trabalhadores sofreram acidentes graves e, por muito pouco, não desapareceram, junto com as edificações, nas profundezas do rio Jaburu.

[...] a abertura do comercial, era sempre esperada com muita ansiedade. Só que, nessa manhã, haveria uma surpresa maior para o povo da Vila Mainardi. Começou com alguns estalos, no início da madrugada, alguns atribuem à intuição, outros a providência Divina, mas o fato é que quem estava nas casas próximas ao comercial saiu às ruas e afastou-se da margem do rio. A partir daí, foi tudo muito rápido. Ouviu-se um grande estrondo, parecia que o mundo tinha vindo a baixo, e, em segundos, o Comercial, uma construção de dois pavimentos, com mais de 200 metros quadrados e seus produtos de limpeza, conservas, doces em compotas e eletrodomésticos, como que por encanto, foram engolidos pelas águas do rio Jaburu, juntamente com uma lanchonete, várias casas, a portaria da empresa Mainardi e parte da igreja católica. Tudo foi tragado pelas águas negras da correnteza forte que sempre foram o sustento e o temor dos moradores daquela região. [...] O desmoronamento provocou ondas que chegaram a invadir casas na margem oposta do rio, assustando moradores que jamais haviam presenciado a mãe natureza agir assim, com tanta fúria e voracidade. (O CAROÇO, 2009)

Este fatídico episódio tem suscitado diferentes explicações, quanto às razões, que teriam provocado o referido desmoronamento, o que merece acurado estudo. No entanto, pelas evidências narradas pelos moradores, o desastre foi resultado da profunda intervenção humana sobre o espaço natural, sem a devida acuidade técnica, ou seja, o soterramento dos leitos naturais dos cursos d'água da localidade culminou na ocorrência deste evento. Apesar das tentativas, nunca se conseguiu resgatar os equipamentos engolidos pelo rio, configurando grandes prejuízos para a empresa.

Também são relatados impactos sonoros no interior da vila, pelos moradores, no período da grande produção madeireira, assim, como impactos visuais, condizentes com os de ambientes industriais urbanos, quando da simultaneidade operacional de todos os equipamentos.

A extensa e complexa cadeia produtiva, típica do setor secundário, especializada em desdobro, em beneficiamento e em exportação de madeiras, dispunham de uma considerável frota de máquinas pesadas, que incluía tratores, empilhadeiras, pás carregadeiras, embarcações, como rebocadores, balsas, alvarengas — para os transportes de trabalhadores e de matérias-primas — e lanchas voadeiras — mais utilizadas no transporte de pacientes em estado grave de saúde e/ou de acidentados, até a cidade de Breves, no deslocamento de gestores, de técnicos e de proprietários, além de transportar pessoal de órgãos oficiais de controle e de monitoramento —, serrarias, fábricas de laminados, movelarias, caldeiras, ocorrendo, ainda, as diurnas movimentações de navios, com vistas ao transporte da produção.

A simultaneidade e a constância operacionais era causadoras de grande celeuma em toda a extensão da vila, e de demasiadas poluições sonora e visual, às quais os trabalhadores e os seus familiares estavam submetidos, não, apenas, no ambiente de trabalho, mas em toda a extensão da vila. No início dos anos 1980, com a criação e com o funcionamento da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), a empresa adotou uma série de medidas preventivas, as quais atenuaram, em parte, os efeitos negativos destes tipos de poluição, como o uso de protetores auriculares, de óculos e de botas, pelos trabalhadores, além de promover outras mudanças nas formas de execução dos trabalhos, para minimizar a produção de ruídos.

4.4 MOVIMENTO MIGRATÓRIO NA VILA MAINARDI

O dinamismo alcançado pelas empresas, e seu poder de atração, estimularam a procura por postos de trabalho, e a abertura desta frente empregadora absorveu parte considerável do quantitativo, tanto da mão de obra local quanto da de outras municipalidades marajoaras, provocando o êxodo urbano, as movimentações pendulares, a transumância e as chamadas migrações de retorno. Nesse sentido, foram identificados e descritos os seguintes tipos de movimentos:

- a) Movimento de pessoas, que fixaram moradia nas residências disponibilizadas pelas empresas, nas vilas Mainardi e Global, em sua maioria, constituído por famílias inteiras, que mudaram de domicílios e que se estabeleceram e empreenderam suas vidas, a partir da atividade madeireira, em sua fase industrial-exportadora, inequivocamente vislumbrada como uma “nova realidade” em novos espaços de vivência e de convivência, adaptando-se à nova configuração territorial, característica da prática do êxodo urbano, cujo sentido de movimentação era do urbano para o rural;

- b) Movimento de moradores das cidades vizinhas, que se deslocavam para as vilas no início de semana e que retornavam para suas cidades de origem — Breves, Portel, Melgaço e Bagre — somente nos finais de semana. Incluíam-se, nestes, servidores públicos, vinculados à escola e ao posto de saúde, estivadores e arrumadores, que trabalhavam nos embarques, nas arrumações e nos desembarques das essências exportáveis, na área portuária. Tal tipo de movimentação de pessoas é condizente com o fenômeno da transumância.
- c) Movimento de moradores da cidade de Breves, que, cotidianamente, faziam seus deslocamentos, até as vilas, pela manhã, desempenhavam suas jornadas de trabalho nas empresas, durante o dia, e que retornavam para Breves nos finais de tarde, horário em que outra turma de trabalhadores, também de Breves, deslocava-se para os espaços das vilas, para trabalhar no turno da noite, se assim fosse demandado pela gerência de produção, evidentemente. Tais movimentações, feitas em embarcações disponibilizadas pelas empresas, eram consideradas pendulares, do ponto de vista da Geografia.
- d) Movimento de moradores, residentes às margens dos rios Parauahú, Macacos, Jupatituba, Pracaxi, Pracaxi-açú, Jaburu, Aturiá, Oléria, Samahuma, formadores da malha fluvial circundante, às vilas Mainardi e Global, que, a depender dos horários de início e de término de seus turnos, deslocavam-se para as suas residências, localizadas às margens destes rios, em cujo deslocamento, também de caráter pendular, o transporte utilizado era, em parte, próprio dos trabalhadores — canoas e canoas motorizadas — ou pertencente às empresas.

Independentemente do tipo de movimentação, todos se utilizavam do transporte fluvial, como único meio de locomoção, seja nas embarcações da empresa, seja em barcos de linha, seja em transportes particulares. A articulação e a integração à rede fluvial foram marcadas pelos fluxos intensos e permanentes de navios de grande calado, de diversas nacionalidades, de embarcações de pequeno, médio e grande portes, de transportadores de cargas e de passageiros, além dos tradicionais cascos, canoas e batelões, utilizados pelos ribeirinhos. Este meio de transporte tradicional mudou com o tempo, transformando-se, em termos de forma, de estética, de quantidade e de utilização, inaugurando um novo tempo, marcado pela maior velocidade nos deslocamentos, com o predomínio dos rabudos e das rabetas sobre os transportes tradicionais, favorecendo a maior integração entre as comunidades e ressignificando as noções de tempo e de distância.

Sobre a dinâmica dos distintos tipos de movimentos de pessoas nas vilas Mainardi e Global, em seu transcurso temporal, chama-se a atenção para o incremento de moradores residentes fixos, de residentes temporários e de residentes transitórios, imprimindo, ao território, uma peculiar mobilidade, caracterizada pelas simultaneidades concentradora e, ao mesmo tempo, dispersiva de parcela de seus trabalhadores, arbitradas pela sazonalidade regional e pelo volume produtivo demandados pelo mercados importadores.

Advém deste dinâmico e contraditório processo a substancial alteração na rotina cotidiana das pessoas, em relação ao território, que, baseado em dados do censo comunitário realizado pela empresa, atingiu, em tempos de maior fluxo, um total de mais de 4.000 pessoas, residindo e em trânsito, nas vilas.

[...] nessa trama complexa e historicamente mutável de delimitação ou contenção por área de fluidez ou conexão por redes, podemos distinguir assim lógicas de dominância zonal e de dominância reticular que participam de processos ao mesmo tempo de ordenamento e desordenamento territorial. Ambas, portanto, podem ter efeitos contraditórios, redefinindo fixações e desenraizamentos, inclusões e exclusões, confinamentos e expansões, continuidades e descontinuidades (e territorializações e des-territorializações). (HAESBAERT, 2004)

Nesse sentido, a ruptura e a coexistência de diferentes formas estruturais do mundo do trabalho no mesmo espaço se constituiu na mais importante característica das (des)organizações social e territorial, a partir da existência e do desenvolvimento da atividade madeireira, como setor produtivo, principal e mais dinâmico, em que as atividades tradicionais de subsistência, apesar de secundarizadas, durante décadas, resistiram ao tempo e recrudesceram no interior do território original, à medida em que o setor madeireiro colapsou.

Pelo enfoque dado, por este trabalho, às migrações, evidencia-se a vultosa contribuição das empresas, impactando nos modos de pensar, de produzir e de fazer circular a produção, bem como, sistemicamente, no conjunto das transformações sociais do espaço em estudo, em que estas estiveram envolvidas, abrangendo importante parcela da população local e um intervalo temporal considerável de mais de cinco décadas.

4.5 CICLOS ECONÔMICOS DA VILA MAINARDI

Com uma visão mais aprofundada e mais apurada dos tempos na Vila Mainardi, podemos observar que houve praticamente três ciclos econômicos determinantes: borracha, madeira e açaí/palmito.

A produção de borracha imperou em toda a Amazônia, ao longo da década de 1960, sendo substituída pela exploração da madeira. A Vila Mainardi passou pelo auge da comercialização de madeira, após a década de 1970, e, no período dos anos de 1990, ocorreu a retração do setor, provocando o fechamento de inúmeras madeireiras na vila Mainardi. Com muitas dificuldades, esta atividade funcionou, até o ano de 2015, diminuindo os postos de emprego para a população. Mais recentemente, tem-se as produções do palmito e do açaí. Além dos ciclos econômicos, o modo de vida da Vila Mainardi também foi bastante alterado, devido aos vários planos econômicos do Brasil.

“O Plano Real ocasionou grande perdas de capital de giro e rentabilidade. Com um processo nítido da falta de capital de giro, teve atraso de folha de pagamento, problema de abastecimento na cantina, problema na questão de compra de matéria prima e produtos.” (informação verbal do entrevistado 1, 2021)

Em seu período de relevância para o mercado externo, a indústria madeireira da Vila Mainardi teve quatro grandes ciclos, empregando enorme contingente de pessoas nos mais diversificados processos da produção.

“Madeiras de sumaúma e louro atraíram os Europeus e suas multinacionais, em um intenso primeiro ciclo de exploração, dando início aos Distritos de Breves, Distrito do São Miguel, Distrito de Antônio Lemos e o Distrito do Curumú. Neste período, chegaram as grandes serrarias, como máquinas sofisticadas.” (informação verbal do entrevistado 7, 2020)¹⁰

O primeiro segmento é constituído pela serraria e pelo beneficiamento; o segundo, produz madeirite, laminado e compensado de madeira (Figura 18); o terceiro, produz artefatos; e, por fim, o quarto ciclo corresponde à produção de móveis, de casas pré-fabricadas, de modulados, entre outros produtos, sendo que este último já não ocorreu na Vila Mainardi. Nas serrarias, trabalhava-se com uma diversidade de espécies de madeiras, destinadas, principalmente, ao mercado externo.

¹⁰ Entrevistado 7. Concedida em 08/12/2020. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

Figura 18 – Fábrica de laminados na Vila Mainardi, em 2008



Fonte: acervo da empresa Global Madeiras (2008)

A empresa Mainardi Ltda. apostou no potencial da região para a atividade industrial madeireira, construindo um porto alfandegado e concentrando suas atividades no armazenamento e na exportação de madeira serrada e beneficiada. A criação de projetos de manejo florestal garantiu à empresa a sustentabilidade necessária para coexistir com o meio ambiente (Figura 19). Vários Projetos de Manejo Florestal Sustentável (PMFS) haviam sido aprovados, possibilitando a que a empresa atingisse uma produção diária de 40 m³ de madeira apenas do tipo de exportação, além da produção de laminados, para a fabricação de compensados.

Figura 19 – Manejo florestal feito pela empresa Mainardi Ltda.



Fonte: acervo da empresa Global Madeiras (2008)

A Global Madeiras operava nos processos de serragem e de desdobro de madeira (Figura 20), com uma produção de 12 m³ por hora, utilizando a sequência da serra número 1 para a serra número 2, fazendo o esquadrejamento dos blocos e a distribuição do desdobro para a resserragem, seguindo para as funções da serra circular e das multilâminas¹¹.

Figura 20 – Produção de madeira beneficiada, pela Global Madeira, em 2008



Fonte: acervo da empresa Global Madeiras (2008)

¹¹ Entrevista concedida pelo senhor Luiz Teixeira em 10/02/2021.

Na Figura 21, observa-se parte da moderna serraria de grande porte, agora, sucateada, na Vila Mainardi, que explorava madeiras de várzea e de terra-firme, para a fabricação de laminados para compensados. A serraria tinha uma serra de fita e produzia entre 250 m³ e 350 m³ de madeira por mês. O aproveitamento da madeira, por estas serrarias da Amazônia, era relativamente baixo, sendo necessários de 2 m³ a 3 m³ de toras para produzir 1 m³ de madeira serrada.

Figura 21 – Serraria com máquinas sofisticadas na Vila Mainardi



Fonte: acervo do autor (2021)

“Aí teve a primeira crise com o abandono das enormes estruturas de exploração e beneficiamento da madeira. Anos depois tivemos um “miniciclo” da madeira, que nasce aí no tempo do Lourival Nascimento e dos Furtados, grandes madeireiros do município de Breves. O terceiro ciclo, chega com novas empresas como a Macasa, Madenorte, Intel, Magebrás, Lawton, Robco Madeiras e a Mainardi, que tinham grandes complexos de serrarias. Neste terceiro ciclo de exploração, empregou-se muitas e muitas gentes, quase setenta por cento do município de Breves e da Vila Mainardi. Muitos dos trabalhadores vieram da agricultura do arroz e familiar de sobrevivência. A agricultura da mandioca e do arroz garantiam a renda até seis meses, provocando a procura pelo serviço nas serrarias, o que provocou uma decadência do ciclo do arroz e da mandioca.” (informação verbal do entrevistado 7, 2020)

Não obstante a crise da exploração da madeira, outras expressivas culturas se destacaram, paralelamente, tendo em vista a subsistência das populações, como as extrações do açaí e do palmito, sendo agregadas à agricultura familiar. A pesca, a agricultura e a cultura do

arroz permaneceram, durante o ciclo da madeira na Vila Mainardi, sempre movimentando a economia da Vila, hoje, de forma mais intensa.

A agricultura familiar é uma das formas de cultivo/plantio mais antigas, herdada pelos nossos ancestrais, a qual abrange pequenas produções para subsistência e comercialização. Nela, estão inseridos agricultores, produtores rurais, camponeses, ribeirinhos, etc. Geralmente é uma prática de tradição familiar em que os ensinamentos são repassados de pais para filhos(as) por meio de conhecimentos empíricos. Suas atividades envolvem, desde o plantio/cultivo de hortaliças, até a criação de pequenos animais, como aves, suínos, etc. (ALVES; DE MATOS, 2020)

A esse respeito, tem-se o seguinte relato: “*O ciclo do arroz de várzea, que temos como centro o Rio próximo a Mainardi, que é o Rio Jupatituba, um dos maiores focos de produção do arroz de várzea, que é muito diferente do arroz plantado em terra firme*” (informação verbal do entrevistado 7, 2020).

Após o fechamento da Global Madeiras, tornou-se evidente a saída de parte da população da Vila Mainardi para o município de Breves, acentuando a distinção entre campo e cidade e agravando os problemas econômicos e sociais, em função da maior concentração espacial da população na área urbana (ALVES *et al.*, 2020).

Com o fechamento das madeireiras, que formavam a base econômica da região, Breves passou a vivenciar momentos de total incerteza econômica e social, pois deixou de contar com os salários dos empregados das serrarias, com os grandes fluxos de pessoas e com todo o capital que aquecia o comércio local, gerando emprego e renda direta e indireta para a população brevesense e a dos municípios vizinhos, para contar, somente, com os empregos do funcionalismo público e com as rendas dos benefícios sociais e do comércio, voltado quase exclusivamente a bens de consumo. (ALVES *et al.*, 2020)

De acordo com Alves *et al.* (2020), entre os problemas sociais mais comuns estão a prostituição, as drogas, os furtos e os roubos, que acabaram se tornando uma alternativa para algumas pessoas, por não terem, de imediato, uma forma de obtenção de renda para o sustento da família, atentando para estes caminhos, como possibilidades de garantia de sobrevivência.

Estes fatos ocorreram, sobretudo, em virtude da falta de empregos, resultante da desestruturação econômica do município de Breves, uma vez que a exploração madeireira, que perdurou por décadas, mantendo economicamente o município, havia chegado ao seu declínio, propiciando marcantes transformações socioeconômicas, sentidas por muitas pessoas. O fechamento da Global Madeiras provocou alterações no ciclo econômico e a redistribuição populacional na região, o que influenciou o desenvolvimento da região de Breves/Marajó.

Figura 22 – Síntese dos ciclos econômicos no território da Vila Mainardi e adjacências



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Assim como em outras áreas da Amazônia, a Vila Mainardi teve ciclos econômicos importantes na construção de seus mosaicos de paisagens, que dão testemunho da funcionalidade do lugar para as economias local, regional e mundial, a exemplo da derrubada da floresta para a exploração da madeira. De forma geral, a Vila Mainardi é um espaço geográfico, que possibilita interpretações particulares de vários tempos, escritos uns sobre os outros e com idades e com heranças de diferentes momentos de sua história, as quais nos remetem a tempos igualmente diversos.

4.6 A DECADÊNCIA DA ATIVIDADE MADEIREIRA NA VILA MAINARDI⁴

A exploração de madeiras da Floresta Amazônica se inscreve no processo de acumulação primitiva do capital, que se alastrou pelo mundo, apropriando-se do espaço conquistado por métodos violentos e pela pilhagem (SILVA, 1987). Na Vila Mainardi, a produção madeireira ocupou a economia regional, após a crise da borracha, que teve parte do seu capital acumulado redirecionado para outros produtos do extrativismo. O senhor Dantas chegou a Vila Mainardi em 23 de março de 1992, vindo de Breves, a convite de Vilson Mainardi e de Joel, e revela a força da economia madeireira na Vila Mainardi.

“Quando eu cheguei aqui em 92 já, estava no auge da força madeireira. Eu tive o prazer de participar, era uma vila muito movimentada, muita gente, até comparava, assim como Breves, uma das vilas maiores daqui da região de Breves, o qual nós tínhamos todo o apoio da empresa, geração de energia 24 horas, água potável, tudo, as casas tudo bem organizada, o seu Vilson se preocupava muito sobre essa parte, da limpeza na vila, da organização na vila, e o bem estar de todos os funcionários, ele tinha o maior cuidado nessa parte.” (informação verbal do entrevistado 5, 2021)

As casas da Vila Mainardi eram habitadas, segundo o escalão de funcionários, atendendo à ordem de diretores, de gerentes, de encarregados, de chefes de setor e de demais empregados, que possuíam famílias. Algumas casas da vila, as mais distantes, não possuíam energia elétrica ou fornecimento de água, conforme este relato:

“Os diretores alojam-se na área da empresa em uma área denominada de ‘residência’ uma casa rústica, cercada de árvores; com água captada de um poço artesiano, energia elétrica fornecida pelo mesmo equipamento que mantinha as empresas. Os gerentes residiam na vila de funcionários, geralmente em casas maiores, com fornecimento de energia elétrica contínuo, algumas equipadas com ar condicionado, todas com fornecimento de água de três poços artesanais, dois localizados na Vila Mainardi e um localizado na área da empresa próximo à Vila Global. Os encarregados e chefes de setor moravam geralmente em casas novas e bem cuidadas, com fornecimento de energia elétrica contínuo apenas em alguns casos, alguns encarregados recebiam energia apenas no período noturno e no intervalo do almoço, quando a empresa estava parada, todas com fornecimento de água.” (informação do entrevistado 4, 2021)

Na Figura 23, observam-se imagens antigas, que retratam as casas da vila, nas cores verde e branco, e a cerca padronizada, com variadas plantas, presente nas casas do local.

Figura 23 – Organização e estilo das residências na Vila Mainardi



Fonte: acervo histórico da Vila Mainardi (2021)

Os demais empregados, que possuíam famílias, residiam às margens do rio Jaburu em casas eram mais humildes, sem fornecimento de água, a qual era retirada do rio e tratada com sulfato de alumínio — $Al_2(SO_4)_3$ —, e com energia elétrica, apenas, no horário noturno (Figura 24).

Figura 24 – Residências de empregados, que possuíam família, às margens do rio Jaburu



Fonte: acervo histórico da Vila Mainardi (2021)

Eis um relato de antigo trabalhador local, sobre a questão das moradias: “*Os empregados que moravam sozinhos, ficavam em alojamentos espalhados pela vila, principalmente aqueles que não tinha famílias, ou solteiros ou porque suas famílias decidiram não morar na vila*” (informação do entrevistado 4, 2021)

A empresa Global Madeiras participava de todo o processo madeireiro, envolvendo um número considerável de trabalhadores, cuja produção começava com as toras, feitas a partir de madeiras extraídas da floresta, as quais eram transportadas pelo método de jangada, em que são amarradas, umas às outras, para flutuar nos rios (Figura 25).

Figura 25 – Imagens da montagem das jangadas de toras e do pátio de armazenamento da madeira, para o corte na serraria



Fonte: arquivo histórico da empresa Global Madeiras (2021)

Depois da extração, as toras de madeira, tanto das regiões de várzea quanto de terra firme, eram transportadas por uma frota de embarcações, pertencente às empresas, para as serrarias. Na região de várzea, o meio de transporte utilizado era o das jangadas. De acordo com relatos, a madeira era arrastada, como jangada, e ficava às margens do rio, até ir para as serrarias, em que eram beneficiadas, passando pelo corte com serras de fita (Figura 26).

“Serrava a matéria-prima as tábuas ou régua, dependendo do pedido, aí chegava até o produto beneficiado, lá que ia preparara madeira, ia beneficiar a madeira para exportação, fazia a parte da embalagem, e depois de estar tudo prontinho, vinha para o porto alfandegário, para poder embarcar ao seu destino, pra a Europa, pra outros países.” (informação verbal do entrevistado 5, 2021)

Nas serrarias da Vila Mainardi, existiam três tipos diferentes de serras, a partir do equipamento usado: circular, de fita (ambas, geralmente médias) e a laminadora (Figura 26). Os produtos finais das serrarias eram tábuas para os mercados nacional e internacional. Outra parte da madeira era transformada na fábrica de laminados e de compensados da Vila.

Figura 26 – Serraria com serras de fita na Vila Mainardi, no período de grande produção



Fonte: arquivo histórico da Empresa Global Madeiras (2021)

De forma geral, as serrarias da Vila Mainardi geravam grande retorno econômico.

O transporte posterior da madeira era realizado, através de balsas, que percorriam os rios e os furos de Breves e de outros municípios, com destaque para Portel, em que estava situada uma das maiores áreas de extração de madeira, a do *Projeto Pracurú*, numa viagem de 15 dias de duração, segundo relatos dos trabalhadores.

“As madeiras muito comercializadas, tanto para o mercado externo quanto para o interno, eram o Jatobá e a Maçaranduba, que trouxeram estrondosos faturamentos na época [...]. A produção e venda da madeira tinha uma dinâmica. Os preços bons, só pra gente ter ideia, era assim: Enquanto a Madenorte trabalhava 10\$ (dez dólares) o metro cúbico, a Mainardi chegava a trabalhar até 6\$ (seis dólares) ou 7\$ (sete dólares) o metro cúbico, dependendo da madeira. Madeira branca, eles cobravam a tarifa de 6\$(seis dólares) por metro cúbico, enquanto que a Madenorte cobrava 10\$ (dez dólares). (informação verbal do entrevistado 6, 2021)

A exploração de madeira na Vila Mainardi se iniciou na década de 1970. Além da exportação de toras de madeira nobre, passou-se a comercializar madeira serrada (Figura 27).

Figura 27 – Imagens do auge da exploração madeireira na Vila Mainardi



Fonte: arquivo histórico da empresa Global Madeiras (2021)

A criação e a operacionalização do porto da Vila Mainardi inauguraram uma nova fase no processo exportador de essências florestais, via setor industrial madeireiro, no contexto territorial do arquipélago marajoara, a julgar pelas estruturas similares, que foram implantadas por outras empresas do mesmo ramo, sediadas, principalmente, no município de Breves.

4.7 A IMPLANTAÇÃO DO PORTO ALFANDEGADO E AS ALTERAÇÕES NO MODO DE VIDA, NA VILA MAINARDI

Dentro da logística portuária, definida em determinações legais, o fluxo das essências exportadas, tanto no Porto Mainardi quanto nos demais, passou a obedecer a rigoroso controle, parametrizado do seguinte modo: a) Recepção da carga, tanto da empresa Global Madeiras quanto das outras empresas, que contratavam serviços de armazenamento, de embarque e de desembarque; b) Quando o navio e o destino da carga eram definidos, os exportadores eram informados das datas-limite para entrar com as mercadorias no porto; c) Os exportadores deveriam chegar à área alfandegada com a carga e com a documentação necessária 48 horas antes da saída do navio; d) A mercadoria era inserida em um sistema chamado ASSAI, ao qual a Receita Federal tinha total acesso; e) O fiscal realizava as inspeções das mercadorias, junto

com um funcionário do porto, para indicar o local de armazenagem; f) Constatada a conformidade às normas vigentes, liberava-se o embarque das essências; g) Em casos de desconformidade, o despachante da exportadora era comunicado do problema, para corrigi-lo; h) Uma vez sanadas as inexatidões, a mercadoria era liberada para embarcar.

Esta sequência procedimental se constitui em uma importante mudança no modo de operação do processo exportador madeireiro, cujos rigor e controle portuários, feitos pelos órgãos fiscalizadores, estavam presentes em todas as etapas da ação. Para um maior controle sobre os volumes exportados e, principalmente, para a segurança preventiva, quanto à ocorrência de sinistros, os portos alfandegados dispunham de estruturas administrativa, operacional, de segurança e de monitoramento próprias, instaladas no território industrial, denominadas área controlada (Figura 28).

Figura 28 – Vista panorâmica da área controlada do Porto Mainardi



Fonte: acervo da empresa Global Madeiras (2008)

Para a execução das atribuições, relacionadas a toda movimentação portuária, tal estrutura dispunham de um quadro de pessoal, formado por um supervisor, por quatro auxiliares de supervisor e por uma equipe de vigilantes armados, periodicamente reciclada nas escolas de

segurança da capital do estado do Pará, que era autorizada pela CONPORTOS, pela CESPOTOS, pela PC, pela PM e pela PF, em estreita relação com o Ministério da Defesa.

As alterações nas dinâmicas territorial, social e produtiva madeireiras, na mesorregião do Marajó, resultantes da implantação e da operacionalização dos portos alfandegados, via ISPS Code, promoveram a readequação na relação das empresas com as comunidades locais, sobretudo, na forma de interação entre comunitários, trabalhadores e membros das tripulações dos navios, que passaram por rigorosa transformação, a partir do uso restritivo e limitado deste espaço de controle, o que veio na contramão e desestabilizou as redes de relações sociais, que gravitavam em torno do processo exportador.

“Antes das exigências do código ISPS, o porto Madeiras Mainardi, assim como todos os outros portos da região, não possuía restrições quanto ao acesso da área de acesso ao navio. Qualquer embarcação ou pessoa poderia se aproximar de embarcação sem qualquer intervenção. Era comum a comercialização de frutas e produtos de pesca pelos ribeirinhos que recebiam em moeda estrangeira. Assim como a venda de bebidas e cigarros pela tripulação do navio. Intensa também era a prostituição pelo livre acesso aos navios. O embarque de madeira serrada poderia ocorrer diretamente pelo rio, as vezes acontecendo mesmo fora do porto, o que dificultava a fiscalização alfandegária.” (informação do entrevistado 4, 2021)

A seguir, apresentam-se relevantes percepções sobre as alterações, ocorridas na Vila Mainardi e na mesorregião marajoara, com a criação e com a operacionalização dos portos alfandegados:

- a. Redução do número de estruturas portuárias, aptas a operar com exportação de essências florestais - Tradicionalmente, as serrarias com potencial exportador se valiam de suas próprias e modestas estruturas portuárias para o embarque de suas essências, destinadas aos mercados interno e externo, enquanto outras empresas optavam por deslocar suas produções, até a capital, Belém, para seguir o fluxo exportador. Com o advento dos portos alfandegados, estas estruturas foram limitadas a três;
- b. Centralização do armazenamento, do embarque e do desembarque de essências exportáveis – Isso implicou, tanto o substancial incremento do volume de essências nos portos alfandegados do município de Breves quanto o aumento do número de navios atracados no píer e/ou em espera, para atracação e para embarques, fato que se acompanhar pela ampliação de nacionalidades de origem, de portes, de capacidades de carga e, principalmente, de intensificação do fluxo em águas breveses, ampliando, também, a capacidade exportadora do município;
- c. Origem intermunicipal das essências embarcadas - O porto Mainardi e os demais portos alfandegados passaram a receber, a armazenar, a embarcar e a desembarcar essências,

oriundas de várias empresas, tanto do município de Breves — Global Madeiras, Madeiras Jacaré Grande, Reka Madeiras, Robco Madeiras, Madeiras Cunha — quanto do vizinho município de Portel — ABC, Sikel, ABED, BR de Oliveira;

- d. Alterações territoriais, sociais e culturais - Destaca-se o caráter sincrônico das mudanças na dinâmica de circulação da produção exportadora, através do Porto Mainardi, por parte das empresas madeireiras marajoaras, como fator influenciador de importantes alterações territoriais, sociais e culturais, no âmbito da Vila Mainardi e adjacências.

Com a criação e com a operacionalização do Porto Alfandegado Mainardi, alteraram-se, de súbito, as formas de utilização e de circulação de pessoas no espaço, sobre o qual ele foi construído, a começar pelas proibições ao acesso de pessoas “estranhas” ao seu contexto, passando pela valorização de suas finalidades específicas, qual seja, tão somente a exportação, com segurança, das essências produzidas aos países importadores (Figura 29).

Figura 29 – Imagens de operações de embarque no Porto Alfandegado Mainardi



Fonte: acervo particular de ex-funcionários da empresa Global Madeiras

Dentro deste espaço “segregado”, ainda que edificado sobre área pertencente ao grupo Mainardi e, conseqüentemente, ao território do município de Breves, havia a imposição de um conjunto de normas e de procedimentos, adotados pelo governo brasileiro, em alinhamento com

as normas previstas no ISPS Code, cujos protocolos e regramentos eram seguidos à risca, pelas empresas que obtinham credenciamento.

Por este prisma, não restavam dúvidas de que se tratava de uma nova e superposta territorialidade ou, no mínimo, de uma área sob forte intervenção federal, cujo acesso, por parte da comunidade, dos trabalhadores, dos moradores e, mesmo, dos proprietários, teve de ser submetido a ostensiva e ininterrupta vigilâncias, via monitoramento por câmeras, cujas capacidades de visualização transcendiam os limites do espaço industrial, a serem realizadas pelos órgãos de controle. Tal perspectiva era absolutamente inovadora, segregadora e estranha.

“O impacto na Vila Mainardi foi imediato a comercialização de produtos que já era costume na vila acabou, a circulação de dinheiro estrangeiro se resumiu aos dias de folga de marinheiros que acessavam a vila em busca de locais de venda de bebida, o que só ocorria em atracções de longa duração, a prostituição na área do navio não existia mais.” (informação do entrevistado 4, 2021)

Coadunando-se a esta forma limitante de mobilidade de transeuntes, de um lado, e levada pelo intenso fluxo de navios nos rios da região, e no caso específico do rio Jaburu e adjacências, de outro, a Vila Mainardi inaugurou uma fase de grandes adaptações, centrada no aprofundamento modernizador de seus recursos técnicos e operacionais, fato que favoreceu à modernização de sua indústria, ocasionando o seu incremento produtivo, ao passo que acentuou a dispensa de muitos trabalhadores, pelos fechamentos e pelas unificações de diversos setores.

A nova configuração territorial portuária, fruto da política de alfandegamento a região do Marajó, impôs transformações importantes às regras do fluxo exportador. A partir da primeira década do século XXI, este processo atendeu a exigências legais e os espaços portuários alfandegados passaram a ser condicionados e alinhados à aprovação de um plano de segurança portuária, baseado nas normas do ISPS Code, implementadas após os atentados terrorista de 11 de setembro em Nova Iorque.

Esta emenda às medidas de segurança de navios, de portos e de agências do governo entrou em vigor em 2004 e passou a prescrever responsabilidades de governos, de empresas de transporte, do pessoal de bordo e de portos/instalações em “[...] detectar ameaças de segurança e tomar medidas preventivas contra incidentes de segurança, que afetam navios ou instalações portuárias, utilizadas no comércio internacional.” (ENTENDA..., 2017).

O alinhamento brasileiro às normas internacionais de segurança portuária da ISPS Code contextualiza e esclarece, ao cenário geopolítico internacional dos anos 2000, que, desde o mais elevado patamar do fluxo de circulação de produtos, até os pontos de origem, todos os estágios das operações de exportação passaram a ser rigorosamente monitorados pelas agências

nacionais de controle e de administração portuárias. A necessidade da aplicação do ISPS Code em escala internacional é emblemática, relativamente a este processo, considerando sua história e seus objetivos, a seguir, transcritos:

Após o atentado terrorista às torres gêmeas (WTC), nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, a Organização Marítima Internacional (IMO) decidiu acelerar a implementação do Código Internacional para Proteção de Navios e Instalações Portuárias (ISPS Code). Em dezembro de 2002, na Conferência Diplomática da IMO sobre Proteção Marítima, novas disposições foram adotadas na Convenção SOLAS, aprovando-se o Código ISPS. Mas é em 1º de julho de 2004 que os requisitos entram em vigor [...]. O ISPS Code foi criado com o objetivo de estruturar a avaliação de ameaças e de definir ações de proteção apropriadas às embarcações e terminais portuários. Ele cria um organismo internacional de cooperação entre Governos Contratantes, órgãos Governamentais, administrações locais e as indústrias portuária e de navegação, promovendo a cooperação entre os sistemas e definindo métodos de proteção, na busca de evitar “Incidentes de Proteção”. (ENTENDA..., 2017)

Por este prisma, todas as indústrias que operavam e/ou que operam com exportação internacional passaram por tal alinhamento. No caso específico do Porto Mainardi, sua criação e seu credenciamento estavam alinhados às exigências previstas pela legislação nacional.

Desse modo, os portos alfandegados da Mainardi, no rio Jaburu, da Madenorte S. A. e da Robco Madeiras, localizados, respectivamente, às margens esquerda e direita do rio Parauahú, foram credenciados para operar com essências florestais exportáveis, sendo vinculados aos órgãos de segurança portuária, através da Comissão Nacional de Segurança Pública nos Portos, Terminais e Vias Navegáveis (CONPORTOS), criada pelo Decreto nº 1.507, de 30 de maio 1995, alterado pelo Decreto nº 1.972 de 30 de julho de 1996, e das Comissões Estaduais de Segurança Pública nos Portos, Terminais e Vias Navegáveis (CESPORTOS), atreladas, ambas, aos órgãos da segurança pública, da tributação e de fiscalização do Brasil — Polícia Federal, Receita Federal, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), entre outros. Para fins de operacionalização, estas comissões apresentavam a estrutura mínima descrita abaixo:

As Comissões Estaduais de Segurança Pública nos Portos, Terminais e Vias Navegáveis (Cesportos), coordenadas pelos representantes da Polícia Federal, são compostas, no mínimo, de representantes: da Polícia Federal; da Capitania dos Portos; da Secretaria da Receita Federal; das Administrações Portuárias; do Governo do Estado. (BRASIL, 2018).

Se, por um lado, os navios, através de seus comandantes, apresentavam suas comprovações, assegurando-se aptos a exportarem, em condições de segurança e em conformidade com as normas vigente, por outro lado, a empresa Global Madeiras, visando à normalidade no processo, seguia a execução de seu planejamento, com a seguinte rotina de

procedimentos: a) Fornecimento das essências, em forma de produto de origem florestal: a madeira beneficiada; e b) Prestação de serviços concomitantes de armazenamento, de transporte, de embarque e de desembarque de essências, oriundas de outras empresas. Em ambos os casos, detinha o controle e executava o manuseio de toda a documentação, pertinente à cadeia produtiva, exigidas pelos órgãos envolvidos na operacionalização do porto.

Órgãos, como RF, PF, IBAMA, entre outros, conferiam rigorosamente os produtos, de acordo com as guias e com os outros documentos, como relatórios de comandantes de navios, com garantias recíprocas de segurança e de cumprimento das normas de segurança do ISPS Code.

“O ‘crulist’ relatório de tripulação, nacionalidade, função, quantitativo, disto dependia a liberação do aportamento e circulação no porto e adjacências - vilas da empresa, por outro lado. Por parte do porto alfandegado expedia-se a declaração de garantia de segurança, obrigatória, através do ISPS - Cold. Sobre a garantia da origem das essências estas eram atestadas via ‘floring’ guia emitida pelos órgãos florestais, SEMA e o IBAMA. Autenticação da legalidade da origem.” (informação verbal do entrevistado 6, 2020)

As alterações, promovidas pela política de alfandegamento, através do Porto Mainardi, iniciado em 2005, vigoraram até o fechamento da empresa Global Madeiras, em 2015. Assim como as demais estruturas físicas do complexo industrial se encontram desgastadas pelo tempo e se constituem em elementos paisagísticos, que remetem saudosamente aos tempos de imponência e de prosperidade do ciclo madeireiro, o mesmo ocorre como os portos do rio Parauahú, que, hoje, também estão em ruínas. Entre as causas, que levaram ao desmonte dos processos industrial e portuário nestes territórios, destacamos a seguinte abordagem:

“Olha, eu vou falar primeiro sobre o que eu acho que foi a causa da decadência! A causa da decadência aqui, não foi a questão de matéria prima. Matéria prima tem muita, certo? É... não foi a questão da mão de obra, mão de obra tem muito, capital de giro tem muito. O que houve, foi exatamente o fim do porto. O fim do porto alfandegado aqui, decretou o fim da atividade. Você vê que a Robco ali era um porto acabou fechou foi embora, certo? O que que aconteceu? Mas isso não foi em função de não haver capital de giro aqui, nem interesse de investimento de se criar um porto aqui, um porto alfandegado, certo? Que pudesse operar com containers, o custo é muito alto, certo? Aquelas máquinas imensas que carrega os containers, né? Não havia como... um investimento primeiro do solo pra compactar, pra fazer um porto com capacidade pra isso, entendeu? então, essa inexistência de um porto assim e os transportes passaram a ser feito todas por container, não havia mais madeira a granel, a madeira aqui era que era embarcada a granel, a gente chamava a granel, não era no container, certo? E toda madeira passou a ser transportada em container, os navios começaram a usar seus containers. Você não vê mais hoje navios com os pacotes em cima como via antigamente, certo? Pra mim, no meu pensamento, na minha observação a mudança pra obrigatoriedade de transportar essa madeira daqui pra Belém, de Belém fazer ovação pra levar lá pra Vila de Conde, certo? Isso criou um custo adicional, primeiro operacional numa faixa de vinte e oito a trinta dólares por metro cúbico, certo? Com adicional de custo. Entre transporte, ovação, despesa lá e tal, ok? Também expôs o transporte nesse caminho daqui pra Belém, a

fiscalização...etc... atraso, entendeu? Criou-se toda uma dificuldade, nesse transporte, e começou a se tornar inviável, tornou inviável pras empresas trabalharem aqui e levarem o produto pra Belém, entendeu? E ainda manter lucratividade. Aqui nunca teve um mercado interno forte, ok? Os caras que trabalham lá no continente, é diferente as serrarias lá. Elas serram e jogam no caminhão e mandam pra São Paulo, mandam pro Sudeste, manda pro Nordeste, entendeu? Aqui não! Aqui tem toda essa questão de também, transportar mercado interno pra Belém, certo? Ai o custo...o que favorecia a atividade madeireira no município de Breves, era os portos, né? Que antes do advento de porto, antes do advento de Sindicato de Estivadores, era feito até pelos operários mesmo, certo? Os operários faziam isso, com a madeira o pessoal parava a serraria caia dentro do navio, não era estivador.” (informação verbal do entrevistado 1, 2021)

De maneira geral, as serrarias do município de Breves geraram pressão e impactos na exploração de madeira da floresta de várzea. Com o fechamento da Global Madeiras, empresa que empregava a maior parte dos moradores, houve muitas perdas, dos pontos de vista econômico e social. Com isso, a Vila Mainardi deixou de garantir a subsistência de grande parcela de moradores e de comerciantes, reduzindo a garantia de sobrevivência da população.

“Seu Vilson fez uma reunião, chamou todos os funcionários, e achou melhor, pelo denominador comum, que ia indenizar todos nós, veio um rapaz do sindicato, aqui com nós, reuniu e por um acordo, nós, aceitamos a assinar, dar baixa na nossa carteira, para que nós pudesse ter direito de receber o fundo de garantia e o seguro desemprego, o qual foi efetuado, recebemos tudo, mais o seu Vilson se comprometeu que ia se esforçar, pra arcar com a despesa e pagar todos nós, os funcionários, o que ocorreu uma parte, outra parte ele está devendo pra nós, mas isso é entre nós e ele, e até o presente momento, quando a empresa realmente parou, muita gente foi embora” (informação verbal do entrevistado 5, 2021)

A indústria madeireira foi muito forte na região, até ano 2000, mas o setor madeireiro começou a dar sinais de crise, com a progressiva diminuição das árvores de madeiras nobres no município.

“Eram vários tipos de arvores derrubadas, de preferência era o jatobá, cumaru, sucupira, angelim pedra, angelim vermelho. As madeiras brancas, esponja, breu, eram pra fazer laminado ou compensado, em uma fábrica muito grande onde fazia a secagem e a embalagem. As madeiras duras, iam pra serraria e pra ser beneficiada com vários funcionários e com muitas máquinas e depois vinha para o porto Alfandegado, para embarcar para o seu destino” (informação verbal do entrevistado 5, 2021)

“Antes era uma coisa absurda, com muito desperdício de madeira. Era um período assim, “rasgado” o trânsito da madeira. Depois, com a chegada do IBAMA o controle ficou fora do comum, aumentado as dificuldades de se extrair madeira” (informação verbal do entrevistado 6, 2021)

A partir da segunda metade do século XX, a Vila Mainardi vive o declínio de sua principal atividade econômica, a indústria madeireira, deixando um legado de incertezas. A

decadência da atividade extrativa de madeira alterou significativamente a localidade, trazendo a pobreza para a população, face ao período de crise (Figura 30).

Figura 30 – Imagens da Vila Mainardi, após a saída de grande parte de seu contingente populacional



Fonte: acervo do autor (2021)

A atividade madeireira, em torno da qual girava a economia local, entrou em fase mais aguda de crise, culminando com o êxodo de grande parte do contingente populacional, que lá residia, o que já vinha se esboçando, desde os anos 1990, com o fechamento sistemático de várias empresas da região e com a diminuição dos postos de emprego (RODRIGUES; DA SILVA, 2018).

“Com a crise ambiental que houve no Brasil, as grandes empresas começaram a fechar e atingiu nós, aqui, infelizmente. Todos os dias, rezo à Deus que melhore, mais tá muito difícil, muito difícil mesmo, mas a gente já passou por momentos bons e hoje a gente tá nessa decadência devido a essa crise, tão grande, que ocorreu no Brasil todo. Mesmo com tudo organizado, com a escassez da madeira, tudo ficou tão difícil, projeto não foram mais liberados e começamos a sentir a falta de trabalho. A crise não atingiu somente o Marajó, mas o Brasil, porque não dizer no mundo todo” (informação verbal do entrevistado 5, 2021)

As atividades econômicas da indústria madeireira da Vila Mainardi chegaram a seu ápice na década de 1980 e, posteriormente, veio o declínio, causando profundas alterações no meio social. Em razão do decaimento desta atividade, houve a redução do número de empregados (RODRIGUES, 2016).

“Oitenta e cinco por cento dos trabalhadores morava na vila. Outros vinham de Breves, e ficavam na Vila Mainardi de segunda a sexta, em alojamentos. O senhor Wilson se preocupava muito com as acomodações, que tinham desde atador de rede a geladeira, principalmente pro pessoal “solteiro” entre aspás, pois deixavam suas famílias em Breves, Portel, ou em regiões próximas. Havia barco a disposição pra levar esse pessoal que não eram moradores da vila.” (informação verbal do entrevistado 5, 2021)

A desestabilização e a conseqüente paralisação deste setor produtivo repercutiram na desestruturação de grupos familiares de moradores da vila Mainardi, e a crescente desaceleração do ritmo da produção se fez acompanhar pelas reduções gradativa e acentuada nos números de postos de trabalho na empresa e, conseqüentemente, demissões.

As perdas da renda salarial e do local de morada na vila, pois ambas deixaram de existir com o fim do vínculo empregatício, tiveram agudas repercussões na estrutura dos núcleos familiares locais. Dito de outro modo, a desestabilização das condições de sobrevivência, aliada às necessidades materiais e objetivas das famílias por subsistência, levou muitos grupos de indivíduos a buscarem alternativas de vida em outros lugares — cidades e/ou estados. *“Existem muitos casos de famílias que foram pra Breves, outros pra Macapá, outros, pra Vila de Conde, Mojú, Belém e até para Altamira se tem notícias de destino de alguns antigos moradores da Vila”* (informação verbal de moradora da Vila Mainardi).

Este processo dispersivo e desestabilizador se fez acompanhar de outro: a fragmentação familiar.

“Em muitos casos, o pai e a mãe ficaram por aqui mesmo, mais os filhos foram embora, em outros casos, os casais se separam e os filhos ficaram com as mães e o pai, se mandou, teve situações em os pais foram embora pra uma cidade e os filhos se dividiram por outras cidades. A verdade é que, muitos casais também se separaram, devido à falta de condições.” (informação verbal do entrevistado 8, 2021)¹²

Estas manifestações orais, por parte dos moradores, evidenciam o esfacelamento familiar, em conseqüência da dispersão geográfica de sua população, fruto do encerramento das atividades industriais madeireiras no território.

As narrativas apontaram que o fechamento das empresas ocorreu de forma gradual e, para muitos, os sinais eram sentidos de diversas formas: por um lado, pela redução dos postos de trabalho; por outro, pelas reduções gradativas no movimento da cantina, no fluxo de pessoas, no volume de compras, na escassez de produtos, sinais interpretados, pelos moradores, de que o fim estava próximo.

¹² Entrevistado 8. Concedida em 25/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

“(...) Ela - a cantina, foi diminuindo as quantidades, os tipos e a qualidade de produtos, pra gente comprar (...) A confirmação dessa percepção, por parte dos moradores, ainda que prenunciada, não demorou a se concretizar, e o fechamento da cantina de fato ocorreu. Esse dia é repleto de significados e sentimentos por parte dos moradores, como pode ser notado pelas vozes comunitárias, assim expressadas: (...) esse dia foi como, se caísse a ficha que todo aquele castelo, império, tivesse...tivesse vindo abaixo (...) Nesse dia tivemos a certeza que a empresa iria fechar (...) Nossas esperanças, foram abaladas nesse dia (...) e a pergunta que não queria calar (...) O que será de nós, daqui pra frente?” (informação verbal do entrevistado 8, 2021)

A partir deste momento, o grupo Mainardi encerrou suas atividades empresariais no ramo industrial madeireiro, na vila Mainardi, tendo havido, ainda, segundo relatos, uma tentativa de retorno às atividades nos anos seguintes, ocasião em que as serrarias foram alugadas por terceiros, com o estabelecimento de uma produção de menor escala, com reduzido quantitativo de trabalhadores e com baixa demanda de matérias-primas.

Nessa fase de retorno às atividades, o pagamento dos funcionários passou a ocorrer de forma quinzenal, adequação que explica o fato da cantina não ter voltado a funcionar, após a retomada das atividades, pois os trabalhadores-moradores da Vila Mainardi passaram a adquirir seus suprimentos nos comércios de médio porte, localizados nas proximidades da vila, como no Comercial Santa Cruz, localizado na confluência dos rios Jaburu e Pracaxi, ou nos estabelecimentos da cidade de Breves.

De acordo com informações obtidas com moradores da Vila Mainardi, mais da metade da população local teria deixado o lugar, em virtude da falta do emprego e de perspectivas de vida, fato agravado pela brusca diminuição da produção da serraria, que ficou em estado de quase fechamento. Com a crise no setor e com o declínio na produção madeireira na Vila Mainardi, houve o sucateamento dos equipamentos, como as serras de fita, seguidos das motosserras e das serras circulares e das estruturas de estocagem e de manejo (Figura 31).

Figura 31 – Estruturas, setores e equipamentos de serrarias sucateados na Vila Mainardi



Fonte: acervo do autor (2021)

A redução das atividades da Global Madeiras refletiu diretamente nas condições socioeconômicas da população, bem como nas condições estruturais da Vila Mainardi.

“Quando a empresa começou a perder força o pessoal se espalhou, muita gente foi pra Macapá, Porto Grande, Portel, Melgaço, Itaituba, Barcarena, Vila do Conde, outros foram pra Belém. Infelizmente aconteceu o que aconteceu, e seu Wilson lamenta muito até hoje. Converso muito com ele, ele lamenta muito, tem vontade de voltar. Ele diz Dantas, “eu vou tocar, mas eu tenho certeza que não vai ser mais como era, a gente não tem mais condição como a gente tinha naquele tempo, mas eu tenho vontade de tocar pelo menos uma serraria, pois foi dessa forma que comecei há muitos anos atrás, mais de quarenta anos.” (informação verbal do entrevistado 5, 2021)

“Era bem gente, entre a juventude e as pessoas de mais idade profissionais, entre jovens e adultos. A gente vê assim, muito jovem que trabalhava em serraria, muitos pais de família. Então com o fechamento das serrarias, a nossa juventude ficou sem perspectiva de vida. Foi difícil esse momento.” (informação verbal do entrevistado 7, 2020)

O abalo, ocasionado pelo declínio da atividade madeireira, refletiu fortemente no comércio local, provocando o fechamento de lojas, no âmbito das vilas Mainardi e Global e adjacências, além da Comercial Jaburu e da cantina, as quais acabaram impactando, principalmente e de forma imediata, os fornecedores de produtos que atendiam às necessidades

das mesmas. A falência da Global Madeiras provocou uma grande onda de desemprego, resultando na desestruturação econômica da Vila Mainardi. Contudo, algumas bases econômicas se mantiveram, em meio ao fechamento da empresa.

“As pessoas que ficaram, vivem da pesca, da produção do açaí, quando é a safra, quando não é, vai, vai, pra roça, faz outras atividades, pra não parar, A gente vai levando conforme Deus quer, aí um ajudando o outro. Agora foi encerrado o auxílio dado pelo governo federal que ajudou muito, mas agora foi cortado pra todo mundo e a gente sentiu na pele. Veio vários amigos conversar, vendo a necessidade que estão, sem saber o que vai fazer pra conseguir alguma coisa de alimentação pra sua família. Mas Deus é Bom, vamos se virando conforme como pode, um ajudando o outro na medida do possível, e assim a gente vai levando até dias melhores.” (informação verbal do entrevistado 5, 2021)

O declínio, causado pela escassez da madeira, em razão da intensificação das atuações dos órgãos de fiscalização, que proibiram a extração irregular de espécies nativas e de produtos naturais protegidos, também trouxe problemas econômicos às localidades: Vila Global; Vila Mainardi; Vila Corcovado; Comunidade Bom Jesus no Rio Aturiá; Comunidade do Rio Jaburu; Comunidade do Rio Jupatituba; Vila São Miguel dos Macacos, no rio dos Macacos; Comunidade do Rio Jipuuba, no furo da Ilha Grande de São Miguel dos Macacos; Comunidade de Santana dos Macacos; e sede do Distrito de São Miguel dos Macacos, em Breves.

“A crise da empresa começou após o combate a questão ambiental. Era uma cobrança muito intensa do Governo Federal, principalmente com relação ao controle dos produtos que vinham do mato. As notas eram emitidas no mato. Era uma contabilidade muito ferrenha, muito intensa. Era, maior controle das madeiras, tudo era registrado, era um período assim muito esquisito mesmo” [...]. O governo, ele fez uma verdadeira cassa ao produtor de madeira, o que certamente iria provocar a saída de muita gente do ramo da madeira. E foi o que aconteceu. Na época, o Severino da Madenorte viu aquilo, e foi logo saindo do ramo da madeira. Foi um período em que todas as madeiras sofreram com esse aperto. A semente chegou a prender várias carradas de madeira da Mainardi. Tudo isso foi dificultando, culminando com a falência das empresas, essa é a verdade. Um caso particular, foi com Reka Madeiras, que beneficiava a madeira que ela plantava. Ela tinha o selo de qualidade ISO 9.000 (nove mil) e continuou por mais tempo no mercado local.” (informação verbal do entrevistado 6, 2021)

A paralisação deste setor produtivo também trouxe efeitos deletérios à vida dos trabalhadores sindicalizados, dos estivadores, dos conferentes e dos arrumadores, que dependiam dos embarques nos portos alfandegados de Breves e do Marajó, entre os quais estava o Porto Alfandegado Mainardi.

As entidades sindicais, à época, sediadas no município de Breves, assim como o Órgão Gestor de Mão de Obra (OGMO), organismo responsável pela captação de pessoal, com atuação nos diversos portos da região, sob severo impacto, perderam grande parte de seus

campos de atuação na praça local, e os trabalhadores passaram a ser mobilizados em novas frentes de embarque nos portos de Vila de Conde, de Docas do Pará e de Icoaraci.

Além dos trabalhadores da estiva, todo um contingente profissional, formado por vigilantes terceirizados, por fiscais, por controladores e por técnicos operacionais, atuantes na segurança e no funcionamento dos portos alfandegados, também perdeu seus postos de trabalho, somando-se ao grande contingente de desempregados diretos da atividade madeireira, sendo difusamente dispersados pelos territórios regionais e extrarregionais.

“As consequências imediatas, da paralisação da atividade madeireira foi a perda o emprego e a consequente perda da renda, na comunidade como um todo e em toda aquela área de influência. O reflexo foi imediato, havia toda uma atividade, uma gama de atividades que viviam em função disso, foi-se os transportes, foi-se as vendas de produtos A comercialização de uma coisa e de outra e que vivia em função desse fluxo econômico. Com a decadência, aquilo ali voltou, voltou no tempo, praticamente à estaca zero. Com a diferença que aquela população da área de influência e todos aqueles agentes que trabalhavam lá, tinham uma memória em função do que viveram e um aprendizado em função da atividade. Então essa retomada de vida deles é muito mais caótica e mais difícil de quem antes vivia já lá na forma como era antes de haver indústria. Então essa retomada de vida dessas pessoas, o impacto maior é no próprio modo de vida de cada um. De pensamento, de realização, havia toda uma ascensão de toda aquela geração que usufruiu dali que trabalhou, que viveu, uma geração, duas gerações, pai pra filho, que aprenderam os ofícios, que foram trabalhar na indústria, os que tiveram ascensão, que começaram e que foram crescendo se sentiram realizados e viram isso fracassar. Quer dizer, há todo um impacto, é claro da sobrevivência, da manutenção, da questão econômica..., mas que as pessoas acabam fugindo, mudando de lugar...procurando outro caminho, porque a vida vai ensinar..., mas fica o grande impacto, da frustração, de tudo aquilo que a pessoa buscou aprender e dedicado grande parte da vida passar a não ter significado, passa todo aquele conhecimento adquirido a serem inútil. Diante de um ‘zeramento’ de uma atividade dessa tão complexa aqui na região. Então eu acho que a consequência pior de lá que atingiu, foi todo esse povo envolvido, independente da crise econômica, do proprietário, dos etc...etc...do caos econômico que gera toda uma questão pessoal e social muito grave. E que precisava ser olhado pelo poder público de outra forma, né? De outra forma. Não apenas com romantismo achando...ah porque quebrou outras madeireiras, é histórico. Não, não! A necessidade porque lá tem toda uma história, toda uma cultura implantada com escola, com tudo, que o povo vive e tinha que buscar uma outra atividade que pudesse compensar essa perda. Na minha visão eu sempre falava dessa questão... quando eu trabalhava na atividade madeireira aqui, que a gente precisava criar um novo ciclo porque o ciclo da madeira tava chegando ao fim, por uma série de fatores, lá na estrada, tinha uma placa com a frase “Este é o início de um novo ciclo”, tinham ido buscar um tipo de cultura, que aqui tinha plantio de açaí, plantio disso, plantio daquilo. Buscar um outro tipo de cultura que pudesse absorver essa mão de obra. Então! O impacto lá, além de econômico e social, é a essa questão pessoal muito grave, de você ter dedicado a sua vida a aprender uma função e ela se tornar inútil de repente. Ai quando você vê aquilo tudo que foi aprendido e todas aquelas gerações lá (...) simplesmente deixaram de existir, ai é duro” (informação verbal do entrevistado 1, 2021)

Por fim, além da deterioração das estruturas física, logística, residencial, de transporte e de maquinário pertencentes às empresas, outras obras estruturantes, como creche, escola, ginásio poliesportivo, que estavam em fase de conclusão, foram descontinuadas e, hoje,

encontram-se sem uma função social, como demonstrado pela Figura 32, em que observamos algumas obras paralisadas na Vila Mainardi, acarretando prejuízos irreparáveis aos moradores da vila e às comunidades do entorno, que certamente seriam beneficiadas por tais estabelecimentos públicos.

Figura 32 – Imagens de obras estruturantes paralisadas na Vila Mainardi: creche, escola e ginásio poliesportivo



Fonte: acervo do autor (2021)

4.8 ENERGIA ELÉTRICA NA VILA: MUDANÇAS, ADAPTAÇÕES E PERSPECTIVAS

Atualmente, a falta de energia elétrica contínua se apresenta como um dos problemas cruciais na vida dos moradores da vila Mainardi, pois o fechamento da indústria madeireira levou à interrupção do uso da caldeira, que era responsável pela geração e pela distribuição de energia para toda a vila. A falta deste recurso é fator limitante ao fortalecimento de atividades alternativas de sobrevivência.

“A empresa desativou sua caldeira, retornando ao tempo em que a energia para seu funcionamento era fornecida por grupo geradores movidos à óleo diesel, com isso o fornecimento de energia para a vila de moradores foi suspenso durante o dia e, posteriormente, algumas áreas da vila ficaram sem energia elétrica, conseqüentemente foi prejudicado o fornecimento de água. A maior parte dos moradores passou a retirar água do rio Jaburu.” (informação do entrevistado 4,

2021)

Os moradores passaram, então, a se responsabilizar pela geração de energia, através de motores conjugados e através de um embrionário processo de aquisição de placas solares. Como nem todos dispõem destes equipamentos, muitos ficam à mercê da generosidade de terceiros ou recorrem a meios mais rústicos para garantir o mínimo de iluminação. Esta condição diferenciada de acesso à energia elétrica não se restringe aos limites da vila, sendo identificada na maioria das comunidades do seu entorno, razão que tem despertado forte descontentamento entre as famílias desprovidas do recurso.

Atualmente, as comunidades se articulam, por meio de suas lideranças comunitárias e políticas, na busca de soluções para este problema, vislumbrando que a questão será resolvida, a partir da expansão, em baixa tensão, do Linhão de Tucuruí, em duas frentes: 1. A partir da Vila Corcovado, seguindo a margem esquerda dos rios, que dão acesso à vila; e 2. Expansão da rede de baixa tensão, interligada diretamente à rede de alta tensão do Linhão de Tucuruí, seguindo pela margem direita dos mesmos rios, que dão acesso à vila. Por esta iniciativa, centenas de famílias ribeirinhas já foram beneficiadas com o recurso, enquanto outras, incluindo-se os moradores da Vila Minardi, aguardam, com bastantes ansiedade e expectativa, a possibilidade de dias melhores, a partir da chegada da eletrificação.

“Se depender da energia, eu acredito que seja, não sei se alguém tem um projeto aí que tá a maior política. Mas futuramente se chegar é uma coisa que melhora a nossa sobrevivência muito mais ainda, porque é assim (...) mas pra gente é uma coisa que vai melhorar muito a nossa...a nossa...a nossa moradia, a nossa parte de alimentação. A gente que mora num interior desse aqui, a gente já ganha pouquinho, vai em Breves, o cara compra dois frangos e tem de comer em dois dias porque vai estragar, entendeu? A gente com uma energia dessa, se tiver um freezer vai jogar lá dentro e vai conservar ele dois, três dias, o que você vai comer num dia vai comer numa semana, entendeu? E outro, tem outras coisa aí...Dá até futuramente pra pessoa ganhar um dinheirozinho pra comprar o café e o açúcar. Porque tem coisas aí que dá pra fazê, o cara, ele ter um freezer parado, uma energia dessa aí se chegar, o cara vai fazer um chopp, vai fazer isso, se o cara não tiver vergonha de vender ele vai ganhar o dinheiro dele, dá pa fazer outas atividade dele, né!?” (informação verbal do entrevistado 9, 2021)¹³

Pazzini *et al.* (1997) destacam que o processo de eletrificação rural não deve focar o aspecto econômico, apenas, mas de considerar os impactos na qualidade de vida de quem tem acesso à energia elétrica. Higuchi e Seraphim (2009) complementam, observando que os programas de eletrificação rural contribuem para a inclusão social, dando oportunidades de trabalho e de geração de renda, favorecendo ao desenvolvimento.

¹³ Entrevistado 9. Concedida em 01/06/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

Denota-se que a insuficiência energética fragiliza as comunidades, reduz a capacidade empreendedora no território e contribui para o aprofundamento das desigualdades dos economicamente mais vulneráveis, demonstrando nuances das relações de poder, marcadas por aguda dependência. Não obstante ao antagonismo, que permeia as relações sociais, a demanda por energia elétrica se constitui em uma luta de todos, que almejam empreender o desenvolvimento local e a melhoria na qualidade de vida.

É importante destacar que as mulheres da Vila Mainardi sempre desempenharam, e ainda desempenham, importantes papéis, embora ainda muito secundários, dentro de algumas atividades produtivas da comunidade, ficando mais restritas, em alguns casos, ao ambiente doméstico, à agricultura, à criação de pequenos animais ou a setores, em que o capital incorpora o trabalho feminino, como na manutenção de equipamentos de pesca e coleta (Figura 33).

Figura 33 – Atividade desempenhada por mulheres na Vila Mainardi



Fonte: acervo do autor (2021)

A narrativa pode ser ajustada ao protagonismo das mulheres no acompanhamento da educação dos seus filhos e na complementação de renda mensal, quando trabalhavam na empresa Global Madeiras, momento em que a mão de obra feminina foi bastante utilizada na movelaria, nos serviços de acabamento, nos restaurantes e nos serviços administrativos diversos, mas, hoje, o acesso a programas sociais de transferências de renda, entre os quais, o Bolsa família, ajudam a formar a renda de grande parte das famílias da Vila Mainardi. Em dias de pagamento destes benefícios, o fluxo de passageiros, em direção à cidade de Breves e de retorno à Vila, aumenta significativamente, tanto nos barcos de linha quando nas lanchas que fazem

este percurso, no qual se observa a maioria de mulheres nestes meios de transporte. Além disso, a organização da vida em comunidade é feita primordialmente pelas mulheres, sem deméritos aos homens da localidade.

A construção do conhecimento sobre as estratégias de sobrevivência na Vila Mainardi é uma temática muito importante. Nesse sentido, a incursão a campo foi um passo fundamental para identificar os usos dos recursos naturais e as atividades de trabalho, que estão sendo realizadas para satisfazer as necessidades de alimentação e de geração trabalho e renda das populações locais. No caso da área estudada, observou que as principais estratégias de sobrevivência são as atividades de pesca, de cultivo e de extração de recursos naturais, o comércio e os serviços, além da criação de pequenos animais.

5 MODO DE VIDA E ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DE SOBREVIVÊNCIA NA VILA MAINARDI, APÓS A DECADÊNCIA DA ATIVIDADE MADEIREIRA

Após o declínio da atividade madeireira na Vila Mainardi, outras atividades econômicas passaram absorver certa parcela da mão de obra ociosa, como forma de garantir de obtenção de renda. O decaimento do setor madeireiro na região ocorreu, em razão da atuação dos órgãos de fiscalização na proibição da extração irregular de espécies nativas e de produtos naturais protegidos, o que vem dando mais visibilidade para a atividade do extrativismo do açaí, que, gradativamente, vem assumindo papel primordial nas vidas social e econômica das famílias (SILVA, 2006, 2012).

As estratégias e as formas destacadas, no cenário econômico da Vila Mainardi, para suprir as necessidades e para garantir emprego e renda à população, foram a pesca, a extração do açaí (*Euterpe oleácea*) e do palmito, ambos, ligados à agricultura familiar. Contudo, existem outras estratégias para garantir a sobrevivência.

5.1 ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DE SOBREVIVÊNCIA NA VILA MAINARDI

A caça e a pesca são estratégias de sobrevivência na Vila Mainardi, consoante à obtenção de alimentos para as famílias, e o verão é o período de maior incidência desta atividade. De forma geral, a pesca de comercialização é realizada com malhadeira de 30 mm, enquanto a artesanal, para alimentação da família, é realizada principalmente com linha e com anzol, em frente à residência ou em canoa, nas proximidades da vila: “*As pessoas da Vila Mainardi saem pra caçar, eles saem pra pescar, eles saem pra tapar igarapé, eles fazem roça de farinha. Hoje em dia nos programas sociais do Governo é o que tem mais ajudado o povo.*” (informação verbal do entrevistado 1, 2021).

Estas fontes de subsistência são complementadas por variadas atividades, ainda que, residualmente, a extração e o beneficiamento de madeiras exerçam considerável influência no território, o que confere à atividade uma multifacetada combinação de meios produtivos, nos quais os moradores estão inseridos.

“Muitos voltaram a explorar a madeira como fábricas de cabo de vassouras, trabalhar em serrarias artesanais, extrativismo da madeira, palmito em pequena escala, manejo de açaí também se fortaleceu, alguns foram pro serviço público, a caça e pesca também se tornou mais frequente na vida do morador dessa região, onde também os benefícios sociais como bolsa família, seguro defeso, bolsa verde, auxilio

maternidade, também o auxílio emergencial, sem contar que por o rio Jaburu ser um rio de com grande fluxo de transporte de cargas e passageiros, o comércio foi uma fonte de renda muito potencializada que movimentou a economia do local.” (informação verbal do entrevistado 11, 2021)¹⁴

A comunidade da Vila Mainardi realiza o cultivo de mandioca e, conseqüentemente, exerce a produção de farinha, conforme a Figura 34.

Figura 34 – Produção de farinha na Vila Mainardi



Fonte: acervo do autor (2021)

“Várias pessoas da Vila Mainardi, depois do fechamento da serraria, continuam lá, mas continuam sem perspectiva. Continuam sem sua renda, continuam sem trabalho. Os moradores da vila ainda têm a perspectiva de um dia a serraria voltar a funcionar, voltar os empregos. Porque a maioria deles hoje vivem de bolsa família, dos programas do Governo Federal. Se não fosse isso, era mais difícil a situação” (informação verbal do entrevistado 7, 2020)

Ainda, quanto ao processo produtivo desenvolvido nestas comunidades, destacam-se as agriculturas em terra-firme e na várzea, ambas, de pequena escala, e a exploração de sistemas produtivos nativos, que têm, como principal atividade, a extração de açaí (Figura 35), de palmito, de frutas, etc. (ALVES; DA SILVA; DE CASTRO, 2014).

¹⁴ Entrevistado 11. Concedida em 29/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

Figura 35 – Locais de extração do açaí na Vila Mainardi



Fonte: acervo do autor (2020)

A Vila Mainardi passa a ter esperança em um novo foco comercial, por meio do investimento na extração e no beneficiamento do açaí, um dos principais elementos da alimentação da população, que vai além das refeições principais e é servido como suco, como sorvete, como creme, como mingau e como outras variedades alimentícias, típicas da região. Na Vila Mainardi e arredores, a coleta do açaí vem se configurando como uma das principais atividades: “*O açaí foi uma coisa é que tá dando a sobrevivência da maior parte das pessoas na Vila Mainardi.*” (informação verbal do entrevistado 9, 2021).

Nos últimos dez anos, o açaí passou a ser comercializado em supermercados, em academias e em lojas de redes de *fast food*, com o propósito de atender a novos nichos de mercado, envolvendo consumidores de maior poder aquisitivo (NOGUEIRA; SANTANA; GARCIA, 2013). Portanto, como “alternativa” para as pessoas, que estiveram ligadas ao ramo madeireiro, a extração do açaí representa uma estratégia de sobrevivência, contudo é importante ressaltar que a maior parte da matéria-prima comercializada na vila tem procedência de outros municípios marajoaras, como Muaná, São Sebastião da Boa Vista, Portel, entre outros.

As estratégias de garantia da subsistência e da geração de renda, que se concretizaram na Vila, tem a finalidade de amenizar as dificuldades, advinda do fechamento da indústria madeireira. Outras rendas, decorrentes de estratégia de sobrevivência, são as pescas comercial e artesanal, bem como o plantio da mandioca, a criação de animais de pequenos portes, o extrativismo de produtos florestais, etc., contudo é importante destacar que não existiu apenas uma atividade econômica em cada período, na Vila Mainardi, tendo havido a sobreposição de formas de sobrevivência e de aquisição de renda, em alguns momentos.

Conforme as manifestações dos moradores, com o declínio das atividades madeireiras, os focos se voltaram novamente para os extrativismos da caça e da pesca e, posteriormente,

para a indústria de beneficiamento do açaí, com vistas à exportação, produção que vem absorvendo parte da mão de obra local. A Figura 36 demonstra a forma de comercialização do fruto, uma das mais importantes atividades de sobrevivência das comunidades da Vila Mainardi e da sua área de entorno.

Figura 36 – Produtor de açaí no rio Jaburu, na Vila Mainardi, em período de colheita e de comercialização



Fonte: trabalho de campo (2021)

A colheita é efetuada geralmente por meninos e por rapazes, utilizando a peconha, uma espécie de laço, feito de corda, de cipós, de pano ou da própria palha dos açaizeiros, que é colocada nos pés, para facilitar a escalada dos estipes. O escalador leva uma faca, para cortar os cachos que precisam ser descidos, para evitar que sejam jogados no chão, provocando perda de frutos. No sistema tradicional, os coletores mostram as suas habilidades, passando de um estipe para outro, em arriscadas operações (TAVARES; HOMMA, 2015).

Hoje, a Vila Mainardi é caracterizada como uma propriedade privada, que, atualmente, possui três núcleos principais de produção: fábrica de gelo e indústria de beneficiamento de açaí em polpa para exportação (RODRIGUES; DA SILVA, 2018). A Norsul Fruits vem trazendo estas mudanças e adaptações ao modo de vida na Vila Mainardi.

“A Norsul Fruits começou batendo 1200 latas de açaí, e hoje está batendo 4000 latas dia, no período de safra, trabalhadores. Hoje são 60 pais de famílias, que se emprega no período de cinco a seis meses, que é o período de safra, mais tem os produtores indiretos, com mais de 150 famílias cadastradas, eles são produtores pequenos de cacho de açaí e conduz sua produção da empresa Norsul [...]. Esse ano a gente produziu 30 carretas, cada uma com 30 toneladas. 95% do produto veio do município de Anajás. Essa é realidade, na entressafra, pois a gente sabe que a nossa região, não consegue abastecer a Norsul Fruits, assim é necessário acionar outros municípios, os que eles produzem açaí. O açaí na entressafra, quando diminui bastante sua produtividade, o fruto continua sendo de suma importância para as famílias” (informação verbal do entrevistado 10, 2021)¹⁵

Com chegada da empresa Norsul Fruits à Vila Mainardi (Figura 37), outras atividades, complementares à exploração do açaí, vêm ampliando as ofertas de trabalho, de emprego e de renda. O transporte e a produção de gelo têm gerado empregos diretos e indiretos na região. Na Vila Mainardi, barcos transportam os produtos das diversas produções, como açaí, farinha, frutas, sementes, entre outros recursos naturais, para serem vendidos ou enviados para compradores de outros municípios.

A empresa Norsul Fruits Indústria e Comércio de Alimentos Ltda. é uma sociedade empresária limitada de Breves (PA), fundada em 09 de fevereiro de 2009, em plena atividade, atualmente, que tem, por atividade principal, a fabricação de sucos concentrados de frutas, hortaliças e legumes, com destaque para produção e para a comercialização de açaí em polpa. Esta empresa exerce um papel importante, considerando que, com a crise pelo encerramento da atividade madeireira, o foco recaiu sobre a atividade de extração do açaí.

Tal mudança estimulou os trabalhadores a se voltarem ao plantio, de forma manejada, deste fruto, a fim de fornecer sua produção para a empresa Norsul Fruits, ocasionando a emergência de um nova etapa no processo produtivo de origem florestal no território, fator que assume grande relevância, uma vez que houve a absorção de uma parcela de trabalhadores, em boa parte, remanescentes das indústrias do grupo Mainardi, que voltou a obter renda: uns, por trabalharem na fábrica; outros, por venderem sua produção para a fábrica; outros, por transportarem a produção para a fábrica; e outros, ainda, por trabalharem nos açaiçais, como apanhadores e/ou nos trabalhos de limpeza e de manejo do açaiçal.

¹⁵ Entrevistado 10. Concedida em 01/06/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

Figura 37 – Sede da Norsul Fruits no rio Jaburu, na Vila Mainardi (Porto Norsul)



Fonte: acervo do autor (2021)

Hoje, a produção de açaí na Vila Mainardi movimenta uma cadeia própria de produção, gerando novos postos de trabalho, tanto nos açaizais quanto no transporte e na fábrica de produção de alimentos, como limpadores dos açaizais, apanhadores e transportadores. Em grande parte, o trabalho ocorre de forma familiar, incluindo trabalhadores contratados, em menor escala. O negócio do açaí tem dado oportunidade de trabalho aos pais de famílias da Vila Mainardi, pois os empregos gerados com a exploração do açaí requerem mão de obra humana, pela impossibilidade de mecanização do processo de colheita, exigindo, dessa forma, o dobro da necessidade de esforço humano, em relação ao sistema não manejado.

“Pra gente é uma satisfação ter a Norsul Fruits na nossa região, que tem poucas atividades econômicas. O açaí com a Norsul Fruits foi uma benção, surgir, no final do ciclo da madeira, porque muitos pais de família na região ficaram desempregados. A gente conta com seis meses de emprego” (informação verbal do entrevistado 10, 2021)

A Norsul Fruits trabalha com a polpa congelada de açaí, que é comercializada para outras regiões do Brasil. O processo de congelamento utilizado faz com que o produto seja consumido, durante todo o ano. Os produtos do açaí da Vila Mainardi são importados pela Norsul Fruits para a Europa e para a América do Norte, enquanto outros derivados têm sido remetidos para outros países, especialmente, para a Áustria, Alemanha, Estados Unidos, Itália e Japão. Uma prova da expansão do mercado de açaí na Vila Mainardi, pela Norsul Fruits, pode

ser vislumbrada pela utilização da embarcação *Ferry Boat Açaí* para o transporte da produção da vila para a fábrica da Norsul Fruits em Belém (PA) (Figura 38).

Figura 38 – Açaí congelado e Ferry Boat Açaí, para o transporte do açaí em fruto para a fábrica da Norsul Fruits



Fonte: acervo do autor (2021)

Os dados sobre produtividade de frutos dos açaizeiros da Vila Mainardi são ainda inconsistentes. Este fato se deve ao pouco conhecimento das estimativas de produtividade, que não foi objeto deste estudo, entretanto se percebeu que a extração do cacho fresco de açaí na Vila Mainardi cresceu, em volume de frutos, embora tal colheita se some à proveniente dos açaizais da região do estuário amazônico. Contudo, o crescimento na produção da polpa processada tem aumentado o interesse no plantio desta palmeira em áreas de terra firme do espaço em estudo.

Do ponto de vista estrutural a Norsul Fruits se apresenta como fator agregador dos trabalhadores remanescentes da atividade madeireira na vila Mainardi, ainda que seja pertencente ao mesmo grupo empresarial. O início da produção decorreu da visão empreendedora empresarial da família Mainardi, mais especificamente, do seu gerente-proprietário, Vilson Fernandes Mainardi, que, ao se deparar com o prenúncio de crise no setor madeireiro, projetou mais uma opção, em termos de matriz extrativa, paralelamente àquela produção.

No entanto, esta nova atividade ganhou maior impulso, e contundência, apenas com a paralisação definitiva da produção de madeira, momento no qual as condições naturais favoráveis, combinadas aos interesses econômicos do grupo, resultaram no desenvolvimento do novo ciclo econômico, estimulando a prática do manejo de açaizais, tanto na vila Mainardi quanto nas áreas de seu entorno.

A criação da Norsul Fruits provocou um significativo reposicionamento do papel econômico da Vila Mainardi no contexto comercial, em nível local, ao estabelecer nova rede

de relações comerciais com as comunidades do entorno, passando a operar na captação de matéria-prima, com a utilização da mão de obra local na fabricação do açaí em polpa.

A elevada trafegabilidade de embarcações no rio Jaburu também contribui na captação de açaí de outros municípios, o que garante à cidade a manutenção de um nível satisfatório de produção, durante o ano todo, mesmo em períodos de entressafra, quando a produção local tende a se reduzir a baixíssimos níveis.

Paralelamente à atividade do açaí, a Norsul Fruits movimenta a comercialização de gelo, produzido em uma fábrica de sua propriedade, servindo de insumo básico para as geleiras e para a conservação de produtos alimentícios em diversos tipos de embarcações, além de suprir os moradores da Vila Minardi e circunvizinhanças, em seus usos domésticos.

No plano das exportações, a Norsul Fruits exerce importante papel na cadeia produtiva nacional do açaí e se insere nos circuitos econômicos de produtos alimentícios, dada a sua conexão com a Açaí Frooty, com sede no estado de São Paulo.

A Frooty é referência global no mercado de açaí. Há 21 anos no comércio, a empresa tem sociedade com um produtor local de polpa em Breves, no Marajó, e uma fábrica de beneficiamento em Atibaia (SP). Com a assinatura, ela se compromete a expandir seus negócios no Estado. “Hoje compramos 80% da nossa matéria prima do Pará. A nossa ideia é fortalecer os nossos fornecedores para que façam parte do nosso produto final aqui, na indústria de beneficiamento que pretendemos implantar. Já investimos até agora aproximadamente R\$ 4 milhões na fábrica de Breves e estamos querendo nos associar de mais uma, que deve receber um investimento de quase R\$10 milhões”, afirmou o diretor fundador da Frooty, Marcelo Cesana. (PORTAL DO GOVERNO DO PARÁ, 2016)

Com tamanha capilaridade, a prática extrativa do açaí tem engendrado, na mesorregião marajoara e, de modo muito particular, na Vila Mainardi e em sua área de entorno, uma nova dinâmica territorial, principalmente, nas formas de ocupar e de utilizar a terra. Gradativamente, tem-se notado um maior empoderamento dos moradores ribeirinhos, quanto as suas percepções de pertencimento, e as suas propriedades, ampliando o nível valorativo do meio florestal, que passa a configurar um insumo básico de sobrevivência, agora, com uma diferença marcante: o sentido de preservar o meio de subsistência: “[O] *açaizal tem muito valor, se tiver de pé e frutificando, todo ano*” ou ainda “*o palmito rendia muito pouco e quando terminava a derrubada, só ficava a clareira, sem serventia nenhuma*” (informação verbal de morador do rio Jaburu, em oficina de Cartografia Social, 2021, inserção nossa).

Estas formas de perceber e de atuar na realidade local, no espaço de vivência e de sobrevivência, manifestam a dimensão cultural, intrínseca aos processos de desenvolvimento, centrados na sustentabilidade. Para Silva (2006, p. 34):

A dimensão cultural da sustentabilidade implica e requer que sejam consideradas as características físicas, geográficas e simbólicas dos espaços territoriais nos processos de desenvolvimento. A construção de uma nova racionalidade sobre o desenvolvimento deve considerar a dimensão cultural articulada ao contexto socioambiental. Requer a valorização da diversidade cultural, evitando a homogeneização dos modelos e propostas de intervenção na realidade. Nesse sentido, a convivência significa uma contextualização cultural do processo de intervenção para modificação qualitativa da realidade, mas considerando as crenças, as experiências, a memória e as diversas formas simbólicas de relação da população com sua realidade local.

O despertar, para a utilização manejada de terras no cultivo de açazais, revela o resplandecer de uma cultura sustentável no interior das comunidades locais. Ainda que não lhes seja perceptível, o sentido, a substância conceitual e o modo de se relacionar com meio mudaram e passaram a exercer influência sobre gerações presentes. Lamentavelmente, esta ainda não é uma realidade para todos, pois a situação de muitas famílias ainda é de muitas dificuldades, sobretudo, para aquelas, cuja propriedade da terra é privada, uma vez que isto impossibilita o acesso a políticas públicas de fomento à produção, entrave que compromete a complementação de renda das famílias, considerando a necessidade de garantir o mínimo básico para sobrevivência.

“Hoje o povo de Breves, ele tá passando necessidade. E isso não é uma ficção, é uma realidade. Ele tá passando necessidade em função do que não foi preparado pra ele subsistir, né? Que a gente podia ter preparado...e hoje o que acontece: Eu ainda tenho que falar assim: Hoje, tudo que tá sendo planejado é em função do açai, né? É, ah não! Não vou comprar agora no inverno, porque eu não tô tirando açai. Não vou comprar, não vou comprar um motor, uma rabeta, não vou comprar uma roupa nova. Eu vou esperar chegar a safra. Hoje é uma realidade, o povo do interior tá vivendo dessa maneira. É uma realidade! Aí ele passa seis meses...é no camarão, enfim. Acho que o ano todinho! Camarão, aí cultiva ali uma roça...é a mandioca pra fabricar a farinha. E quando chega no verão, ele vai extrair o açai pra poder ele pegar no dinheiro. Isso é notório! Não tem pra onde correr! Então, esses são os finalmente do que tá acontecendo hoje em Breves.” (informação verbal do entrevistado 6, 2021)

As percepções dos moradores sobre os açazais são diversas e definidas pelas formas, com que se relacionam com este bem florestal, e pela representação do produto na sobrevivência cotidiana. Preponderantemente, manifestam o desejo comum de fazer desta modalidade de extração a sua produção anual, evitando, dessa forma, os impactos da sazonalidade produtiva, realidade de outros contextos da mesorregião marajoara, da qual revelam ter conhecimento.

"O açaí passou a ser o ouro negro daqui, agora" (...) ".uns 'possui' açaizal perto da casa que dá pro consumo, outros, tem perto da casa e dentro do terreno, que dá pra vender, tanto pros barqueiros que passam, no rio comprando, e também pra Norsul Fruits..." "no tempo da safra, a Norsul compra bastante, o açaí daqui" (...) "quando passa a safra, o açaí vem de outros lugares, de Anajás, de Gurupá, daquelas partes onde já produz açaí o ano todo" (...) 'aquí tá faltando a ciência pra produzir o ano todo também" (...) "tem uns que além do consumo, vende só pros barqueiros" (informação verbal do entrevistado 10, 2021)

As condicionalidades da sazonalidade produtiva são fatores que impõem limites e dificuldades à obtenção contínua de renda, pelas comunidades locais. O depoimento anterior é compartilhado pelos moradores e a entressafra exerce influência na dinâmica produtiva e no padrão de consumo das famílias, que passam a planejar suas compras, mediante estas alternâncias, sobretudo, dos bens de consumo duráveis, como motores para rabetas, máquinas de lavar roupas, máquinas de bater açaí, geladeiras, televisores, fogões, *freezers*, etc., e dos semiduráveis, como calçados, roupas, utensílios domésticos, ferramentas agrícolas, insumos de pesca e aparelhos celulares.

Os açaizais se estendem pelas margens dos rios e se fundem à vegetação ciliar, formando uma extensa mancha verde nas margens dos rios, adentrando no interior dos terrenos dos moradores. Há presença desta palmeira em toda a extensão das margens dos rios, bem como em terra firme, de forma consorciada às roças, na área de plantio racional de espécies comerciais, definindo uma faixa de transição entre a área desflorestada da vila e a floresta nativa. A Figura 39 reproduz a característica dos múltiplos usos da terra na Vila Mainardi.

Figura 39 – Plantio racional de açaí em terra-firme, consorciado à roça e a espécies de valor comercial, na Vila Mainardi



Fonte: acervo do autor (2021)

Como observado, há mudanças importantes em curso no modo de vida dos moradores locais e esta nova realidade socioespacial é permeada por particularidades, materiais e simbólicas, às quais os vilarejos, gradual e continuamente, buscam se adaptar.

5.2 ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DE SOBREVIVÊNCIA NA VILA MAINARDI

Nas oficinas e nas entrevistas, fundamentadas numa periodização dos marcos históricos da trajetória das estratégias de sobrevivências dos habitantes da Vila Mainardi, foi possível cartografar, com o auxílio de recurso cartográficos e de imagens de sensoriamento remoto, os principais territórios das atividades produtivas dos moradores, o que possibilitou a elaboração de um mapeamento participativo, promovendo a localização das atividades produtivas e descrevendo os usos de recursos naturais.

O mapeamento participativo da Vila Mainardi pode ser entendido como um exercício de confecção de mapas, construídos a partir da compreensão da espacialidade/territorialidade dos espaços de atividades produtivas, por parte dos moradores. que incluem a pequena agricultura em terra-firme e na várzea, a extração vegetal de açaí, de palmito, de frutas, etc., e a retirada de outros recursos naturais (madeiras, peixes, fibras), com vistas à manutenção da vida neste estuário amazônico.

Após a crise e a decadência da indústria madeireira na Vila Mainardi, a comunidade intensificou o processo de exploração da espécie mais abundante e comercialmente cultivada na Amazônia, hoje, que é o açaí-de-touceira. O estado do Pará, em que ocorrem grandes concentrações desta espécie, é o maior produtor, perfazendo quase 90% da produção nacional (TAGORE; DO CANTO; SOBRINHO, 2018).

A extração do açaí ganhou destaque na região, devido ao aumento do seu consumo nos grandes centros urbanos de todo o país e, até mesmo, no exterior. Este fator interfere no próprio comportamento da população ribeirinha, não, apenas, da Vila Mainardi, mas de toda a região do Marajó, que passou a produzir para além do consumo próprio. O manejo de açazais nativos nas proximidades da Vila Mainardi é desenvolvido, por meio da produção extrativista, praticada por grande parte das populações nativas da região da Amazônia marajoara/paraense, ainda que esta não atenda à demanda total do mercado.

O problema maior no processo de exploração do palmito na região da Vila Mainardi se concentra no corte indiscriminado de plantas, que não rebrotam, embora a desmatamento e a destruição dos açazais já s faça sentir, por parte da comunidade local, que percebe que a

produção vem se reduzindo, ano a ano. Hoje, a extração de palmito ocorre mais em razão do manejo, da limpeza da área, para tornar o açazal mais viçoso, pois os moradores estão se conscientizando de que o açazal é virtuoso e provedor, no entanto precisa ser cuidado e preservado, e as comunidades estão passando por este processo de mudança de mentalidade e começam a desejar transformar seus terrenos em espaços especializados na produção de açaí: *“A coleta do açaí é muito importante hoje aqui na Vila. Tem levantado a economia e dado de comida pra muita gente, mas é preciso preparar o pessoal daqui, por causa da derrubada pra tirar o palmito”* (informação verbal do entrevistado 5, 2021).

Com o mapeamento participativo, identificou-se que os açazeiros explorados ocorrem, na sua maioria, em áreas de várzea, e, posteriormente, realizou-se a incursão a campo, para a confirmação e para a análise dos aspectos gerais da exploração do açaí. Através da coleta de pontos geográficos, utilizando um aparelho de GNSS, produziu-se um mapa da atividade de exploração de açaí nas proximidades da Vila Mainardi. A Figura 46 mostra paisagens típicas da área de estudo: um local de coleta do cacho de açaí, próximo a uma residência — tal estratégia facilita a colheita do fruto — e um área, em que foram derrubados centenas de açazeiros, para a extração do palmito.

Figura 40 – Locais de coleta de açaí e de extração de palmito, próximos à Vila Mainardi



Fonte: acervo do autor (2021)

Com o mapeamento participativo, observou-se os pontos de fontes de renda e de alimentação das populações ribeirinhas e da Vila Mainardi (Figura 41). Os pontos de coleta de açaí estão concentrados no rio Jaburu (30 pontos de coleta), no rio Jupatituba (36 pontos de coleta), no igarapé Pracaxi-açú (46 pontos de coleta) e no furo do Aturiá (23 pontos de coleta). Dos pontos de coletas de açaí, 27,2% ocorrem no igarapé Pracaxi-açú, distante 1,64 milhas náuticas (MN), correspondendo a 2,154 km, da Vila Mainardi. A área de influência da coleta de açaí, a partir da Vila Mainardi, é de 20 km.

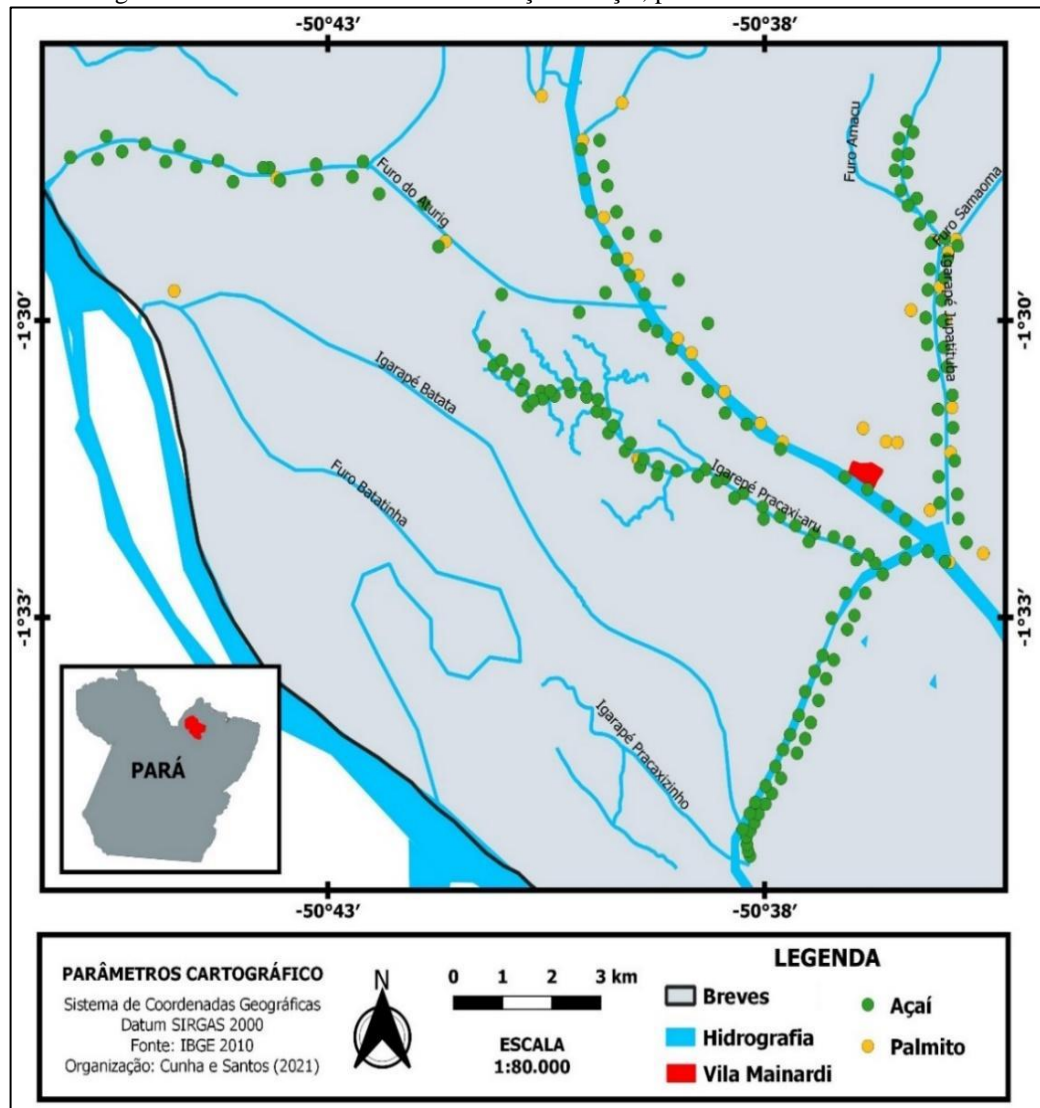
“Os rios da circunvizinhança, assim como o Jupatituba, rio Macacos, rio Pracaxi-açu, o rio Jaburu. Quando o açaí não consegue atender meta diária de produção da empresa a gente aciona outras regiões. Recebemos açaí do município de Anajás, Melgaço, e um pouco do município de Portel.” (informação verbal do entrevistado 10, 2021)

A exploração do palmito é um fato interessante, pois este pode ser considerado um produto coexistente com a produção do açaí, mas produz os mesmos ganhos da produção do açaí, embora seja visto como complementar na renda de alguns moradores. Na visita *in loco*, foram georreferenciados 35 pontos de extração de palmito, dos quais 16 ocorrem no rio Jaburu, dez, no igarapé Jupatituba, dois, no igarapé Pracaxi-açu, dois, no furo do Aturiá e um, no igarapé do Batata.

Deve-se ponderar que a extração de palmito vem se reduzindo bastante e que sua prática ocorre, principalmente, para auxiliar na limpeza dos açazais. Esta é uma tendência crescente de mudança na cultura ribeirinha local: *“Antes a extração do palmito ocorria de forma aleatória, hoje os moradores querem, manter o açazal deles, de pé pra consumir e vender o restante, tanto pra NORSUL quanto pra Feira do açaí, na cidade de Breves.”* (informação verbal do entrevistado 10, 2021).

No rio Jaburu, que dá acesso à Vila Mainardi, observou-se que há pouca extração de palmito. Nesta hidrografia, que possui 36 pontos de coleta de açaí, a comunidade não destrói os açazais mais próximos. Na Figura 41, ilustra-se a distribuição dos pontos de atividades de extração de açaí e de palmito. No caso deste último, a ação de colheita é mais intensa na zona nordeste da Vila Mainardi, em que estão instaladas algumas fábricas de palmito. Para atender ao crescente mercado de palmito, as áreas de ocorrência de açazeiros desta região sofreram uma grande destruição.

Figura 41 – Locais de atividade de extração de açaí, próximos à Vila de Mainardi



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Constatou-se que, hoje, o açaí é o centro da vida dos moradores, pois o produto se tornou uma renovação na forma de viver ou sobreviver, o que justifica a necessidade de um estudo sobre este assunto, isto é, o processo de mutação do modo de vida da comunidade da Vila Mainardi. Assim, a produção do açaí na Vila Mainardi e arredores, além de ser um recurso gerador de renda, representa, na atualidade, a construção de uma nova identidade local.

Contudo, há alguns problemas neste produto de extração, os quais começam na coleta do açaí: falta material de proteção para o coletor e o risco de acidentes de trabalho é grande, assim como é grande a possibilidade de contaminação da colheita com micro-organismos, tais como Salmonela e coliformes fecais (TAVARES; HOMMA, 2015).

Acrescente-se que o recrudescimento dessa atividade extrativa, concomitantemente, ensejou a intensificação da rede de circulação do açaí, enquanto matéria-prima, para a cidade

de Breves e para outras localidades, via transportadores. Esta prática, muito presente no território, atende, simultaneamente, aos interesses dos produtores e dos transportadores, formando uma intensa e complexa rede de negócios.

Paralelamente à atividade de exploração do açaí, ocorre a utilização, de forma artesanal, de recursos pesqueiros, como peixes, camarões, entre outros, que constitui uma estratégia secundária de sobrevivência, desenvolvida com os conhecimentos tradicionais da região. As cadeias produtivas do peixe e do camarão representam, para a população da Vila Mainardi, importantes estratégias de sobrevivência e, apesar dos seus baixos valores de produção, têm auxiliado no sustento da vila e, por conseguinte, nas seguranças alimentar e nutricional (Figura 42). Os pescadores da Vila Mainardi vendem estes produtos para compradores de lugares distantes da própria comunidade, mas por preços irrisórios.

Figura 42 – Atividade extrativista do pescado na Vila Mainardi



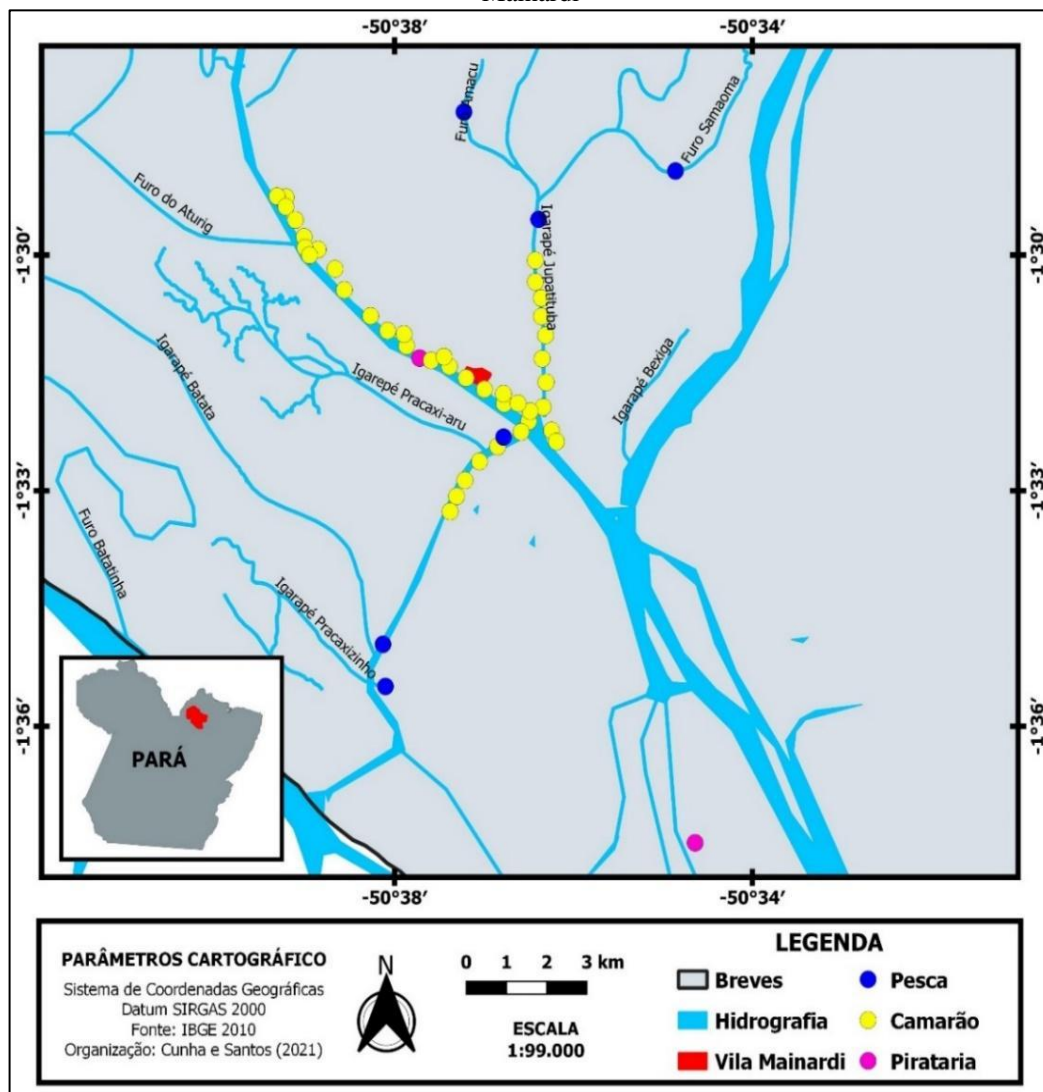
Fonte: acervo do autor (2021)

Na Figura 43, ilustra-se a distribuição espacial da atividade de exploração de recursos pesqueiros na circunvizinhança da Vila Mainardi. Foram indicados, pelos entrevistados, seis pontos de explorações artesanal e sustentável de pescados, como peixes e camarões. Os pontos de pesca de camarões, apresentados na figura, totalizam 40 locais de pescaria de pequena escala, usados por famílias da Vila Mainardi e das comunidades do entorno.

Com base em um mapeamento participativo, as mulheres e os homens pescadores têm uma visão dos principais pontos de exploração dos recursos pesqueiros, que dão segurança alimentar e renda à região pesquisada. Mulheres e jovens possuem papel fundamental na atividade de pesca na Vila Mainardi, pois ajudam a preparar os petrechos e as iscas e a realizar as despescas. Por fim, a Figura 43 traz à luz um ponto delicado, relatado pelos entrevistados,

quanto à insegurança e à sensação de medo, proveniente de pontos de ação de piratas, cujas atuações são constantes nos arredores da região de Breves.

Figura 43 – Localização de atividades de extração de pescados e de camarão e de piratarias, próximas à Vila Mainardi



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Poucos colaboradores manifestaram vínculo à Colônia de Pescadores Z-62, com sede na cidade de Breves, mas há registro deste procedimento em, no mínimo, seis depoimentos. Destes, duas situações são de aposentadoria, via Colônia dos Pescadores. Todos os que se manifestaram sobre este tipo de vínculo organizativo seguem as regras do defeso e acessam aos benefícios, inerentes ao cumprimento das normativas, que regem o setor de pesca no Brasil. É relato exemplar o que segue: “Os ladrões e piratas pega a embarcação, tem gente armada e roubam o pescado, a rede e linha de pesca, tudo que encontrar. Impõem medo principalmente no final da tarde e noite.” (informação verbal do entrevistado 5, 2021).

As pescas artesanais do camarão e do peixe ainda são fontes de renda para as pessoas da Vila Mainardi e, no período de entressafra, promovem as inclusões econômica e social de homens e de mulheres da região, juntamente com outros produtos, como o pescado congelado seco e salgado, muitas vezes, comercializado na cidade de Belém. Muitas das mulheres da Vila Mainardi parecem ter a mesma participação na renda da família, mas, agora, em atividades culinárias ou de comércio. A intensificação do comércio local, após o ciclo da madeira, ampliou as estratégias de sobrevivência local, ao assegurar fontes de renda e de cultura.

A panificação também ocupa espaço na cadeia produtiva da localidade, havendo uma padaria de relevância na vila, embora tenha sido relatado que parte da venda de pães engloba produtos, vindos da cidade de Breves nos barcos ou lanchas das linhas Breves-Mainardi e Mainardi-Breves, os quais são colocados à venda nos pontos comerciais deste trajeto. De todo modo, o pão é um item muito comum entre os produtos alimentícios comprados nos supermercados e dos padeiros ambulantes, na saída dos barcos e das lanchas, com destino à vila.

5.3 MANIFESTAÇÕES RATIFICADORAS DO MODO DE VIDA E DAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA NA VILA MAINARDI

Através da realização de uma rodada de conversas com os moradores remanescentes da Vila Mainardi, previamente planejada e constante da programação da oficina sobre mapeamento participativo, tratou-se do modo de vida e das estratégias de sobrevivências. Esta construção coletiva se norteou pelo seguinte questionamento gerador: “como era o modo de vida na Vila Mainardi no período da atividade industrial madeireira e o que tem sido feito para garantir a sobrevivência das famílias, com a decadência da indústria?”

Com os consentimentos de todos os participantes, os diálogos foram gravados e, posteriormente, fidedignamente transcritos e analisados, para a inclusão neste trabalho. Quanto à evidência física deste momento, apresenta-se o mosaico de imagens da Figura 44, em que se observam momentos de interlocução na rodada de conversas com os membros da vila, relativas ao tema gerador: modo de vida e estratégias de sobrevivência.

Figura 44 – Momentos de interlocução em rodada de conversas com membros da comunidade da Vila Mainardi sobre o tema modo de vida e estratégias de sobrevivência



Fonte: registros disponibilizados pelos participantes

Na essência, esta construção coletiva possibilitou a ratificação de todas as informações grafadas nos mapas, contribuiu para a elaboração consubstanciada do relatório de campo, tornou possível traçar um panorama sobre as diferentes formas de subsistência, no âmbito do território, e, sobretudo, garantiu o espaço de fala dos comunitários. É importante destacar que o momento da escuta foi precedido pela sensibilização dos participantes, que foram prestados todos os esclarecimentos sobre os objetivos da aplicação metodológica e que foram seguidos todos os protocolos preventivos contra a COVID-19. A sequência de falas dos participantes ocorreu de formas espontânea e voluntária, em que os desejosos de se manifestar fizeram o gesto de levantar a mão, antes de suas intervenções, e fizeram uso da palavra. Todos se apresentaram como membros da comunidade e reportaram nuances significativas de suas atuações no contexto territorial.

“Eu sou (...) Eu foi nascida e criada aqui na região, antes da primeira vila, a gente trabalhava com farinha de mandioca e depois veio a empresa NORSUL, essa empresa trabalhou todo o tempo com virola, madeira que era muito vendida aqui era virola, ela funcionou por sete anos, aí depois dela que veio a MACASA, e depois da Macasa foi que veio a Mainardi, aí se desenvolveu bastante, a Mainardi cresceu muito, enquanto a MACASA não cresceu muito, nem a NORSUL, só deu suporte pra Mainardi, a Mainardi foi uma empresa, muito grande e com muitos funcionários, aí as pessoas que não trabalhavam empregadas na empresa. Mas faziam suas vendas de camarão, do peixe, de açaí, de farinha, de tapioca, de milho, e muita gente foram embora depois que veio a decadência, que ela fechou, né?! Quem não era daqui foi embora e tem bem poucas pessoas que eram daqui que permanecem até hoje aqui, e teve grande sabedoria na vida pra sobreviver de outra maneira como hoje, muita gente vive da venda do açaí, a maior renda daqui do município, de quem mora como ribeirinho é a venda do açaí, inclusive eu sou uma delas. Outros é camarão, peixe é bem pouco, mais camarão é bastante, e outras pessoas estão empregadas na escola, outras botou uma vendinha, uma quitanda como se fala, né?! E tão sobrevivendo por aqui, mas a maioria foi embora, então a minha fala é essa desde o começo o que eu tenho a dizer, por que tem muita gente pra falar muita coisa né e até hoje eu tô aqui, foi nascida e criada aqui nesse lugar, a gente se mudou pro outro lado, a gente mora do outro lado, o ‘terreno’ é nosso lá, e a gente vive é do açaí.” (informação verbal do entrevistado 12, 2021)¹⁶

Chamou a atenção o desenvolvimento de atividades tradicionais, paralelamente à atividade industrial madeireira, tais como venda de camarão, de peixe, de açaí, de farinha, de tapioca, de milho, entre outros. Estas atividades perderam impulso, durante o ciclo madeireiro, mas sempre fizeram parte do cotidiano dos moradores do rio Jaburu e arredores.

“Meu nome é: (...) “Eu vim pra cá em noventa, assinaram minha carteira em 2002, mexia com fogo, via eles crescerem, que quando eu cheguei, eles só existiam uma serrariazinha, cabo de vassoura e a gente foi vendo eles crescerem, devagar, foi, foi, de uma serraria passou pra duas de duas ficou que só fizeram mudar pra GLOBAL, da Mainardi passou pra global, já começaram a comprar as caldeiras, e foi daí que foi mexer com fogo, daí a gente ficou até a hora, 2008, que eles já começaram se balançar e foi caindo, mais a gente também não percebia, né?! Depois que meu patrão entrou na política, aí já foi piorando mais, é um cara, muito bom, muito inteligente, é uma pessoa que sabe lidar com as coisas, né?! E a agente ficou aí, que quando foi agora esses quatro anos atrás que desabou de uma vez, e a gente ficou aqui, sem saber que fazer... foi aí que a gente foi criar fazer outras coisas, aprender que a gente nunca esperava fazer, eu com a minha esposa. Ela também é muito inteligente, a gente não tem muita série, mais a inteligência, graças a deus a gente pede pra Deus, e agente foi tocando pra nós ficar vivendo aqui, a gente teve que aprender a fazer pão pra sobrevive, cê sabe que o pão, não é mil dois mil reais, não é centavo e daquele centavo agente sobrevive hoje. Hoje a gente agradece a Deus porque eu sempre tive inteligência pra mexer com caldeira, com pina, né?! Aparecei aí a NORSUL, o Edson Mainardi, que ele me convocou pra mim montar e desmontar uma coisa pra ele, hoje eu tô ensinando uns pessoal lá. É do que a gente ‘tamos’ vivendo.” (informação verbal do entrevistado 13, 2021)¹⁷

¹⁶ Entrevistado 12. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

¹⁷ Entrevistado 13. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

Este depoimento condiz com a visão histórica sobre a evolução da escala produtiva e sobre a ampliação da estrutura empresarial, ocorridas no decorrer do tempo, no interior do território, com detalhes sobre a atividade de geração de energia, através da caldeira, e sobre o envolvimento dos trabalhadores com este equipamento técnico, que assumiu grande importância, tanto para a produção quanto para a vida cotidiana na vila.

“Meu nome é: (...) Meu esposo é o (...), que acabou de falar, nem citou o nome dele, mais eu vivi, eu tô aqui na verdade, desde 2000, eu casei com ele, e 1990 e estou com 21 nos, na vila Mainardi, da vila Mainardi eu já passei por uma vila próxima, que a Global, morava aqui, depois voltei, depois não, moramos pra lá, pelo fato do dono ter compaixão e misericórdia de nós, nós não tinha local pra gente morar e no momento agente ‘ficamos’ sem estrutura. Sem ele sem salário, sem trabalho, a gente não sabia o que fazer, porque a empresa tinha parado. E a gente não sabia, o que a gente vamos fazer? Pelo fato dele não ter pago, mais a gente tava com aquela esperança que tudo ia ser resolvido depois, e nesse depois agente foi criando uma forma de sobrevivência, junto com os nossos filhos, então ficamos na vila Global e montamos essa pequena padaria, pra gente poder sobreviver com nossos filhos, e de lá pra cá a gente tem aprendido muita coisa na vida, que a gente tem que aprender a superar. E a cada dia na vida da gente é somente confiar em Deus e pedindo a ele que a gente possa sair desse momento, né?! E Mainardi, Vila Mainardi pra mim foi uma história muito grande, que eu acho que vou contar pros meus netos, que eu tenho fé eu que eu vou ver os meus netos, foi uma história que eu também vi crescer. Vi os navios que vinham buscar as madeiras, né?! Que sentia, nós como mulher, ‘os nossos maridos trabalhavam’, quando diziam assim, o navio já chegou na Mainardi! Sabemos que ia sair o quê? O dinheiro. Risos, o navio já ia embora e era cargueiro, navio de fora e enchia de madeira. Aquela quantidade, e no dia seguinte saia realmente o dinheiro, então era uma alegria pra gente quando a gente via os navios virem buscar madeira né. Falar do Mainardi, ‘pra mim foi uma pessoa muito legal, né?! Pelo qual nos passemos momentos difíceis, aqui foi momentos de alegria, momentos de tristezas, mais também pra mim foi muito mais de alegria, né?! Que a gente viveu na vila Mainardi e a gente vive até hoje, passamos, eu pelo menos passei momentos de tristeza com doenças, né?! Que qual ele veio ajudar bastante, me deu, me fez superar tudo aquilo, dando suporte ao meu marido me ajudando, ajudando a gente financeiramente pra mim faze um tratamento na cidade em Belém, e de lá pra cá, eu tenho que agradecer a Deus porquê, tudo a gente passa nesta vida né?! Em superar, vamos superando e até hoje a gente estamos por aqui. Eu creio que muita coisa vai ser realizado ainda por aqui. E falando das alegrias, falando das festas, né?! Que tinham festas, muitas festas juninas, festa de confraternização da associação, que da qual eu tenho as fotos até hoje em dia e agente olhando as fotos, a gente começa até querer chorar e eu tenho essas fotos. Então foi momentos de alegria e momentos de tristezas. Momentos de superar tudo aqui, então é uma história muito grande de vila Mainardi, vi crescer e também vi ficar dessa forma que a gente olhando, mato... muito mato... agente fica até triste... né?! Como a gente criou os nossos filhos. Né?! Deu esse suporte e até hoje, a gente vive por aqui até hoje, ainda, não sei até quando. Mais a gente espera que a gente possa passar desses momentos aqui. Muito obrigado.” (informação verbal do entrevistado 14, 2021)¹⁸

Esta narrativa revela a condição de incertezas, vivenciada pelas famílias, e a forma, com que foram impactados pelo fechamento das empresas madeireiras, ao passo que manifesta

¹⁸ Entrevistado 14. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

saudades de suas vivências, de suas alegrias, de suas tristezas, de suas conquistas e de suas expectativas, quanto ao futuro, no âmbito do território.

“Meu nome é: (...) Na Mainardi eu comecei trabalhando, eu trabalhava, eu não teve estudo, meu estudo que eu estudei foi a primeira série, só, aí a partir dos meus doze anos comecei a trabalhar em cabo de vassoura, e foi, foi, foi passando pra serraria e vendo o crescimento, também da empresa, aí foi passando de uma serraria pra outra e foi, quando passou a parte da Global aí já, ele a já foi caindo, caindo... foi até que nas bandas de 2008 ela caiu e ela seu Vilson Mainardi não teve condição mais de pagar o funcionário, aí a gente ficou, por aí...depois, foi até que ele liberou o negócio da terra pra gente trabalhar, hoje em dia, eu trabalho com negócio de roça, é isso aí...é isso. PESQUISADOR: É aqui mesmo na área da vila, que tem a roça, ou é aqui no entorno, da área da Mainardi? É na área da Mainardi, trabalho com os produtos, de banana, mandioca, macaxeira, farinha, tapioca, é bem pouca a venda, é mais pro consumo familiar, PESQUISADOR: tem mais alguma atividade contribua com sobrevivência? Tem sim, agora eu estou trabalhando na diária, aí pra cima, numas terras, numa serrariazinha, é isso aí...pequena serraria, está à uma hora de viagem da vila, fora da área de entorno.” (informação verbal do entrevistado 15, 2021)¹⁹

Esta manifestação aborda os efeitos da crise sobre as famílias e, ao mesmo tempo, revela o retorno às atividades tradicionais, como estratégias de sobrevivência, no período subsequente ao do ciclo industrial madeireiro.

“Meu nome é: (...) Estou com 35 anos, nós moramos aqui na vila Mainardi há 29 anos, e eu agradeço primeiramente a Deus a seu Vilson Mainardi, se hoje eu tenho uma profissão, eu agradeço a ele, eu fui secretaria na empresa dele e trabalhei por dois anos e seis meses, hoje está falida sim, mais eu fico triste, que tem pessoas que chegam e falam mal dele, eu não gosto, porque se hoje em dia o meu pai tem o que tem na casa dele, igualmente eu, o que eu tenho na minha casa eu agradeço a ele tenho dois filhos e sou feliz até hoje contribuindo aqui na empresa Mainardi, meu muito obrigado. No momento estou desempregada, mais eu trabalhei na escola Ivo Minardi, como auxiliar escolar e na educação é...a gente de alimentação, PESQUISADOR Os que trabalham na escola são maioria daqui ou não? Tem uns daqui, mas tem de Breves também, tem professores da vila também.” (informação verbal do entrevistado 16, 2021)²⁰

Além das atividades de cunho produtivo, a EMEIF Ivo Mainardi desempenha relevante papel na formação de crianças, de adolescentes, de jovens e de adultos, residentes na Vila e na sua área de entorno, e, ainda, é geradora de diversos postos de trabalho para professores e para equipes técnico-operacionais.

¹⁹ Entrevistado 15. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

²⁰ Entrevistado 16. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

“Meu nome é: (...) Eu fui nascido e criado aqui no rio Jaburu, o que vi aqui na vila Mainardi, foi... tinha duas vilas, né?! Era ali acima e essa outra aqui abaixo, aí com os tempo, aí foi tirado a vila de lá e passou tudo pra cá [as vilas se referem a Vila Mainardi e a vilas Global] e quando eu foi crescendo também eu trabalhei, no cabo de vassoura, como meu irmão falou ali agora, e hoje em dia estou desempregado, PESQUISADOR o senhor trabalhou em que atividade dentro da firma? Eu trabalhei braçal foi..foi.. até eu peguei uma profissão de bitoleiro, classificador e foi o tempo que ela faliu e eu estou desempregado, e estou trabalhando lá pra cima no rio Jaburuzinho, PESQUISADOR: como era o dia-a-dia, nessas atividades que o senhor desenvolvia? Quando eu fiquei desempregado, eu colocava matapi, tirava um açaí, assim eu ia levando a minha vida e da minha família.” (informação verbal do entrevistado 17, 2021)²¹

Este depoimento evidencia uma característica recorrente entre os trabalhadores da vila: a progressão funcional, dentro da cadeia produtiva. Comumente, o trabalhador iniciava suas atividades laborais em um setor e, com o correr do tempo, ia “passando” por diversos setores, adquirindo novas habilidades e alcançando postos mais elevados. Por esta narrativa, fica claro que a região comporta duas vilas principais: Mainardi e Global.

“Meu nome é: (...) A Vila Mainardi, eu cheguei pra cá em 1997, era uma empresa poderosa, como a dona Regina falou, vinha os navios fazer os embarques e a gente trabalhava, eu comecei a trabalhar como carpinteiro, eu trabalhei seis meses, depois eles me transferiram pra serraria, fui colocado na profissão de galgador e depois eu passei pra operar MAMUTI, e graças à Deus, trabalhei dezoito anos na empresa né?!, aí depois que eu saí, comprei um pedaço de terra aqui em cima, fomos trabalhar com o negócio do açaí, né?!, e desenvolvendo, aí entra a vez dos amigos arrumaram, um trabalho pra mim na escola, eu trabalhei quatro anos na escola, e agora estamos parados devido a pandemia, né?! Tudo parado, aí pra gente não ficar parado numa vez, aí nós fomos arrumar um trabalho ali pra cima, eu meu compadre esse rapaz aí, PESQUISADOR: no que é que vocês trabalham hoje? ‘Nós trabalhamos’ numa pequena serraria, assim pra gente ficar sobrevivendo, mais graças à Deus a empresa na época que eu cheguei, era uma empresa poderosa, tinha mesmo, ela tinha mesmo o comércio aqui, que foi embora pro fundo na época, quando foi embora pro fundo esse comercio, foi um desespero, tanto pro dono do comercio, como pra nós, né?! Que e da onde a gente tirava o alimento pra gente. PESQUISADOR: foi uma parte da frente da vila que foi pro fundo? foi...foi... uma parte da vila que foi pro fundo, esses moradores que são antigos, eles que pode contar, né?! Aí fiquemos praticamente, como diz a história dos antigos: sem o rancho né?! Aí no entremeio do patrão que tinha, tinha condição né?! Montou um negócio prali, até o nosso amigo preto mora lá, né?! Aí nós fiquemos, fiquemos trabalhando, foi na época que a empresa foi caindo um pouco né?! Agente foi percebendo que a empresa ia dá uma falidazinha, aí procuramos se colocar nos seus lugares, né?! Foi aí que eu comprei esse pedaço de terra lá, e que até hoje nós temos lá... graças à Deus eu fiquei alegre, que quando eu cheguei pra cá, meu filho mais velho tinha um ano e seis meses e agora ele tá com 24 anos. Bem dizer não nasceu aqui, mas eu acabei de criar ele aqui. PESQUISADOR Tem uma segunda geração já aqui, né? Da sua família né? - Graças à Deus. Essas eram as palavras que eu tinha a dizer.” (informação verbal do entrevistado 18, 2021)²²

²¹ Entrevistado 17. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021

²² Entrevistado 18. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021

Este depoimento reforça a questão da progressão funcional, mas é relatado outro aspecto de grande importância sobre a produção do açaí, como estratégia de sobrevivência, bem como é feita referência a pequenas serrarias, voltadas à produção, em pequena escala, de cabos de vassoura, alternativa encontrada para garantir o sustento de muitas famílias.

“Meu nome é: (...) Eu moro aqui na vila há dezoito anos, já né?! E eu vou falar hoje um pouco sobre a construção da escola e de algumas construções que foram construídas aqui dentro da empresa, que foram todas feitas pelo seu Vilson, tanto a escola, a Escola Ivo Mainardi, hoje ela se ela tem um prédio, foi quando ele ainda trabalhava, que morava ainda aqui, foi ele que fez a escola Ivo Mainardi, hoje nós temos um prédio que está sendo construído, mais está parado à mais de quatro anos, que não conseguiu levar essa construção pra frente, também falar sobre o posto, todas essas construções que poderiam ser públicas foram ele que fez, e tanto a comunidade, hoje nós temos essa capela, a gente está com dificuldade pra gente reconstruir, trabalhando pra construir, novamente pra manter ela em pé, porque a gente, hoje não tem patrocínio, ainda na época o patrocínio também foi dele. Eu já como eu falava, já tenho dezoito anos aqui na vila, sou moradora daqui até esse ano, ainda trabalhava na escola, né?!, espero trabalhar, desde de 2012 que eu vim pra cá pra trabalhar, e com o os outros colegas já falaram, era uma empresa que a gente aqui na vila, não via como está hoje, mais o antes porque, pra gente que viu a realidade do que aconteceu coo a empresa tava no auge, por cima, as festas tanto da comunidade, quanto as festas da escola, da empresa, quando chegava o final do ano, tinha festa de confraternização, primeiro de maio, a festa dos trabalhadores, então era um trabalho muito importante pra nossa comunidade, pra nossa vila, pra nossa comunidade, e eu vendo a realidade de hoje, hoje por exemplo, tem muitas pessoas desempregadas, muitos tiveram que sair, se deslocar daqui... até mesmo moradores que próximos daqui, tiveram que se deslocar, por motivo do trabalho, desemprego, porque afetou muito né?! Na região, não só aqui na vila, mais quanto a região toda, porque a empresa ela...ela...abraçava a causa junto com os funcionários, não só os regionais, mais também as pessoas de fora, então muitas pessoas hoje tiveram que procurar melhoria e hoje, como eu falo graças a essa empresa agente ainda consegue sobrevivência por aqui, mais a nossa sobrevivência, hoje também, quero falar da NORSUL que veio já, de muitos e muitos tempos e hoje foi reformada a empresa NORSUL, trabalhando com açaí é que muitas pessoas também continuam, nesse trabalho, e hoje eu falo que ainda moro aqui porque eu tenho esse meu trabalho, na escola Ivo Mainardi. Meu esposo, meu filho que trabalham na empresa, graças à Deus. E assim a gente vai levando, eu deixo pra que as outras pessoas possam falar mais, porque muitas coisas que eu ia falar, muitos já falaram, né?! A gente vai complementado que toda a realidade é verdade. Seu Raimundo falava num ponto muito importante que é a empresa. No meu conhecimento. Que eu acho que fez com que a empresa também fracassasse, foi iniciou, quando foi afundou comercial. Que foi atacado pela natureza mesmo que afundou, então daí pra cá ela já foi começando a fracassar, então eu acho que foi em 2018, por aí assim que fechou, não to lembrando bem se foi 2017 ou 2018 que fechou totalmente, então hoje nós, a nossa região, eles trabalham, a sobrevivência do nosso meio é açaí, roça, que muitos fazem, venda do camarão e a empresa que é a NORSUL. Esse é o meu ... PESQUISADOR como a senhora avalia o papel da NORSUL na vida das pessoas aqui depois da atividade madeireira. Ter praticamente se esgotado? É uma importância muito grande né?! Porque eu sei que a NORSUL, ela não consegui acolher todos os trabalhadores que trabalhavam na empresa, na GLOBAL, e... mais pelo menos uma parte, a gente espera que com o trabalho e funcionamento que tá acontecendo de gerar mais emprego, pra mais famílias, mais pais desempregados que estão, porque eles estão construindo uma nova fábrica de gelo eu sei que isso vai dá mais oportunidade, a gente nunca pode dizer, essa vila se acabou, pode se acabar pra sempre, ela pode ser reconstruída também, né?!, então a gente espera que alguém faça mais alguma coisa por nós, então pelas famílias que estão por aqui, a esperança é essa de construir mais, acolher mais funcionários, mias trabalho pra que pais de família possam ter a sua sobrevivência

dos seus filhos. PESQUISADOR Nesse momento a NORSUL está expandindo as atividades dela pra outro ramo, que seria a questão do gel? Gelo sim, com certeza, a construção de uma fábrica de gelo. E é isso.” (informação verbal do entrevistado 19, 2021)²³

Essa manifestação faz referência resgata aspectos do modo de vida na vila e a utilização dos equipamentos urbanos construídos e utilizados pela comunidade, com destaque para a EMEIF. Ivo Mainardi e a Associação Nova Vida (AVN), bem como, sobre as mudanças ocorridas na base produtiva entre a atividade industrial madeireira e a produção industrial do açaí, na vila Mainardi, com a criação da NORSUL FRUIT. Observa-se o envolvimento de grande parte dos moradores na cadeia produtiva do açaí, o que tem refletido em substancial mudança, na relação da comunidade com o meio natural, ao passo que esta nova atividade industrial, absorve um contingente considerável da mão-de-obra remanescente da atividade indústria madeireira.

“Meu nome é: (...) Tenho 29 anos, sou filha do Paulo Afonso, que antes eles foram donos dessa áreas aqui, no qual meu avô conta, que quando eles chegaram aqui, o empresário comprou a área deles e comprou outra parte pro outro lado do rio, que deu para eles morarem, então ali os...que nem meus pais por exemplo começou a trabalhar aqui na empresa e eu como filha dele, estudei na vila, nunca trabalhei na empresa, mais trabalhei na casa de algumas pessoas que moraram aqui na vila quando trabalhava aqui na empresa, então eu trabalhei também na casa dessas pessoas e quando parou tudo, parou também o trabalho pra mim. Assim pequeno trabalho de casa, mais me ajudava, no meu estudo, estudei até o ensino médio, completo, agradeço à Deus por isso e hoje a gente mora no mesmo lugar lá, mais que a gente faz parte daqui também é que a gente trabalha também na roça, no açaí, eu como veio um pequeno curso de hortaliças pra cá, que eu estudei também, ali eu já comecei a plantar também, como planto por exemplo lá...na minha hortaliça só que não tenho aquele, a renda que possa me fortalecer pra cuidar, né?! São pequenos mesmo, pelo menos dá pra me manter na minha casa, que em vez de eu ir gastar comprando o cheiro verde por exemplo, eu planto lá pra minha, pro meu consumo e as vezes pouquinho vendo também para os vizinhos, mais próximos e é isso que... PESQUISADOR tem mais famílias, ou mais senhoras que trabalham nessa atividade? Tem sim, porque foi um curso que veio, pra nós, um curso da EMATER e foram várias pessoas que fizeram esse curso. Mais que iam mandar...tipo fazer um empréstimo, alguma coisa mais que nunca saiu isso, o incentivo pra levar nossos trabalhos a frente, então algumas pro seu consumo, né?! Elas plantam, mas muitos não plantaram por causa disso, então tem vaias pessoas que tem aqui no nosso meio que trabalham com hortaliças. PESQUISADOR aqui no Jaburu? Mais também tem outros que moram pra outros rios, no caso que fizeram o curso certo com a gente. PESQUISADOR: ficou o aprendizado, mais ainda falta alguma coisa né?! Que seria a parte do incentivo? É... PESQUISADOR: alguns de vocês trabalham com a venda de parte dessa produção? Não...no caso eu que vendo mais é pouquinho, só que agora no momento, eu não to vendendo, porque realmente acabou, assim como por exemplo. Pra eu ter lá o adubo, faltou os meios pra trabalhar, eu tenho pequenas coisas na minha horta, eu continuo a me esforçar pra levar ela em frente... PESQUISADOR O que que a senhora espera, assim em termos de futuro próximo sobre essa vida aqui na comunidade? Por exemplo, que nem o meu sonho era que nem a EMATER, falou pra gente que iria, fazer esse empréstimo pra gente continuar a nossa hortaliça, para

²³ Entrevistado 19. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021

vender ora outras pessoas, vender em Breves por exemplo, para os comércios, mais só que tudo isso foi pra lua, né?! Foi interrompido, não levou nada a frente, então a gente não tem a condição de continuar isso, no meu caso eu gostei muito desse projeto, no qual eu me habituei a plantar, como eu não sabia plantar, por exemplo a alface, o coentro e hoje em dia eu sei, tudo isso, então seria melhor se a gente tivesse a consideração de ter alguém que nos ajudasse, por exemplo, né?! A levar esse projeto a frente.” (informação verbal do entrevistado 20, 2021)²⁴

Esta abordagem apresenta uma alternativa, adotada por diversas famílias que moram na Vila Mainardi e na sua área de entorno: o plantio de hortaliças, para consumo e/ou para venda. Esta prática faz parte do cotidiano ribeirinho e está presente na composição paisagística das residências. Como fonte alternativa de complementação de renda, é apontada como atividade potencial, a ser fomentada, pelo poder público.

“Meu nome é: (...) Olha eu tenho poucas palavras, por que eu não orava aqui, sabe...eu sou lá do Aramã, sou do município aqui, mais não...quando eu cheguei pra cá, essa empresa já era montada aqui, sabe?! Aí eu trabalhei seis anos aqui, aí eu achava que não dava mais pra trabalhar na empresa, me tiraram, né?!...me tiraram... eu saí... com o dinheirinho que eu recebi daqui deu pra eu manter minha família aí eu inventei uma vendinha de açaí, né?! Comprar pra revender em Breves. Né?!, na feira lá...né?! aí a gente tá levando a vida...eu trabalho fazendo compra, revenda e o transporte de açaí, eu compro e levo pra vender na cidade... PESQUISADOR tem mais pessoas que trabalham nessa atividade, assim como o senhor, nessa atividade? Tem, tem vários aqui nesse meio, foi a forma que encontram pra sobreviver, eu sou casado com a filha do dono das terras daqui ela tem muitas coisas pra explicar, eu estou com poucos tempos aqui, só que ela estava um pouco ‘bronqueada’ da cabeça. Que ela tem um problema de dor na cabeça né?! Ela procurou ficar lá pro barco, ela não pode pegar muita quentura, né?! Aí as minhas palavras são essas, mais graças a Deus, eu trabalhei seis anos aqui, me senti bem, acertaram comigo, bacana, aí esse dinheiro que peguei daqui que eu envolvi com pra comprar açaí aqui na beirada pra vender pra Breves, em forma de investimento. PESQUISADOR Como o senhor vê a questão da produção do açaí aqui, tem bastante açaí por aqui? Olha tem bastante, PESQUISADOR: onde que predomina a produção do açaí? Olha aqui na região do Jaburu, Pracaxi, Aturiá, Jupatituba, Macacos, PESQUISADOR tem bastante açaizal? Tem bastante açaizal, bastante mesmo, o pessoal depois que parou as empresas eles se dedicaram só no açaizal, né?! Aí eles não deixaram mais falhar açaí, né?! Porque depois que eles saíram dos empregos deles eles cuidaram do açaizal, deles. Aí o que eles fizeram? Eles rebaixaram tudinho, que de ‘premero’ não dava assim, depois que acabasse a safra, acabava tudo, agora não, né?! Agora já está dando mais açaí no inverno que no verão, já né?! Mais por causa disso, eles meteram em tratamento o açaizal deles, né?! Rebaixaram e aquela renova que tá vindo. Aí já não falha mais açaí. PESQUISADOR Vocês vendem só pra cidade de Breves ou pra outros lugares: não! eu vendo, quando é na safra mesmo, eu vendo, quando quebra em Breves, e melhora em Macapá eu passo pra Macapá, açaí, né?! PESQUISADOR E pra NORSUL o senhor também vende? Eu vendo, já vendi muito açaí pra NORSUL, muito mesmo, PESQUISADOR: A NORSUL compra muito açaí daqui? Muito...muito açaí mesmo...muito açaí mesmo.” (informação verbal do entrevistado 21, 2021)²⁵

²⁴ Entrevistado 20. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021

²⁵ Entrevistado 21. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021

A produção do açaí, em suas diversas forma e etapas, foi narrada em detalhes pelo próprio produtor, fator de grande contribuição na espacialização das áreas produtivas, na circulação e na comercialização deste importante recurso natural, no contexto da Vila Mainardi.

“Meu nome é (...) Eu tenho 62 anos, nós trabalhávamos em roças, sabe?! Roçado pra mandioca aí quando chegou a NORSUL pra cá, aí começou o negócio do emprego, aí a gente já começou trabalhar com eles aí...roçagem de rua, ganhava na diária, nessa época, não era PESQUISADOR A NORSUL já era madeireira? Era a primeira empresa daqui...não...aí de lá... passou pra MACASA, aí a gente continuou trabalhando, com eles... aí foi aí... já começou já assinando a carteira, assim aí de lá, passou pra Mainardi, aí com essa evolução do trabalho de Mainardi, aí foi que a vila cresceu, as coisas melhoraram, mais aí a gente num... como diz o senhor... a gente faz aquilo que Deus quer, e não aquilo que a gente quer. Então o que for da vontade de Deus. Nós paremos de trabalhar de novo e ‘voltemo’ a trabalhar na roça de novo, aquele pouquinho, ao menos pra sobreviver... são essas as minhas palavras. PESQUISADOR: E o senhor ver a possibilidade de retorno dessa atividade de madeira na região? Continua alguma atividade de madeira? Não, por causa da idade...AMIRALDO: Mas eu digo assim, as atividades na região, ainda tem atividade da madeira? Olhe! Por aqui, só essas pequenas, ‘madeireirzinhas’ que trabalham com esse negócio de cabo, com essas coisas, essas empresas grandes, não. PESQUISADOR E essas pequenas? Elas apareceram mais depois da Mainardi fechar? Ou elas já existiam? Elas já existiam, mas era pouco, né?! Mais agora cresceu mais o movimento dessas madeireiras pequenas por causa de que as pessoas precisavam trabalhar, e não tinham emprego, na minha opinião cresceram, mais depois do fechamento das grandes madeireiras. A gente tem que criar alguma coisa pra sobreviver, né?!” (informação verbal do entrevistado 22, 2021)²⁶

Esta manifestação reporta mudanças nas relações de trabalho, especialmente, no processo de assalariamento, ocorrido a partir da implantação das empresas madeireiras na Ilha Santa Cruz, sem deixar de enfatizar que a atividade madeireira ainda resiste, como prática produtiva e garantidora de renda para algumas famílias, embora, não, mais, em larga escala, como no passado recente, cujas finalidade e volume de produção foram bastante alterados.

“Meu nome é: (...) Cheguei pra cá pra trabalhar em 2003 e era muito bonito aqui essa vila, mesmo, realmente, serraria, fábrica de laminado, trabalhei cinco anos na fábrica de laminados, produtos beneficiados, na serraria trabalhei e foi aonde eu criei meus filhos, né?! Eu trouxe três filhos pra cá pequeno, aí aqui já veio mais dois, e graças à Deus eu agradeço a Deus muito por isso, e a empresa foi só evoluindo...evoluindo e o povo vinha chegando... isso aqui era tudo vila de casa, tanto a Mainardi quanto a Global, outra vila lá... e eu trabalhando, trabalhei por treze anos aqui...aí como o dono falou que fechou a exportação, né?! E aí não teve mais como vender a madeira, aí foi assim que foi parando aos poucos, aí chegou um tempo que ele falou pra gente que a gente ficasse por aqui mesmo, né?! Fizesse roça, zelasse pelo terreno, eu moro no terreno da Mainardi graças à Deus, aí eu fiquei, e estamos aqui graças à Deus. Aí quando a gente, quando funcionou essa fábrica de açaí, a gente trabalha aí, no verão. no inverno, na safra, ela dá uma pausa de um mês, três meses, conforme o açaí tiver preto e quando para ‘a gente vamos’ tirar o açaí e vender também, pescar, PESQUISADOR: o senhor vende pra onde o açaí? A gente

²⁶ Entrevistado 22. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021

vende aqui mesmo para os compradores, daqui da beira, né?! Quando a gente não tá trabalhando [na Norsul] a gente faz isso. PESQUISADOR: tem um grupo só de compradores de açaí, né? Tem sim, um grupo de compradores de açaí e eles vendem pra Breves, eles vendem pra Belém, né?! E tem outro grupo de outros barcos de já compra deles, também... é vende pra Macapá, tudo isso. PESQUISADOR Da sua família envolve quantas pessoas direto no açaí? Olhe! Eu com meu filho, mas é assim: quando nos não estamos no nosso serviço de nós temos né?! Pra gente não ficar parado, a gente já vamos tirar o açaí pra vender...uma lata, duas... assim que a gente vamos vivendo. E é isso, né?! PESQUISADOR: O senhor o açaí tanto pra alimentação, quanto pra venda? Isso tanto pra alimentação como pra venda. É isso que a gente sobrevive aqui... PESQUISADOR: A questão da pesca o senhor tem conhecimento. Se tem alguma atividade da pesca aqui, ou não? Não a pesca é somente pro consumo, o peixe daqui é difícil já, mais a gente puxa, piramutaba, piaba, camarão a gente pega bastante.” (informação verbal do entrevistado 23, 2021)²⁷

O conteúdo desta manifestação faz referência ao processo de verticalização da produção madeireira, desenvolvido pela empresa Global Madeiras, marcado pela agregação de valores às essências florestais de exportação. Como pode ser notado, o cultivo de açaí se apresenta como estratégia recorrente, apontada, pelos moradores, como fonte alternativa de sobrevivência no pós-ciclo madeireiro. Outro aspecto bastante presente diz respeito ao papel das famílias — pais, esposas e filhos — envolvidas neste processo produtivo.

“Meu nome é: (...): Eu moro há quarenta e um anos por aqui, pela região. Aí aqui na vila mesmo eu morei dezesseis anos. Aí depois eu me mudei pro outro lado - margem direita do rio Jaburu, em frente a vila Mainardi, nós compramos um ‘terreno’ e se mudemos pra lá...aí eu morei aqui...tive meus filhos, criei aqui, e eles casaram, moraram alguns anos aqui. Aí a empresa faliu. Aí eles foram pra outros lugares, uns moram em Macapá, outros moram em Almeirim, e eu tô por aí...Aí nós temos plantação de frutas, cupú, de limão de açaí, tenho uma horta pequena. Aí antes, quando meu marido parou de trabalhar ele ainda não era aposentado. Aí com essa horta era que nós ajudávamos. Eu vendia o cheiro verde, com meu bolsa família, aí algumas coisas que meus filhos mandavam de lá, aí a gente ia se mantendo até que graças à Deus, ele conseguiu o benefício dele, aí melhorou um pouco, né?! Aí meus filhos aprenderam também, muita coisa aqui na empresa, ele começou a trabalhar na idade de doze anos, aprendeu muitas coisas meus filhos, e aí falo bem assim pra eles, nós conversamos em casa e eu digo bem assim pra eles: Manoel aqui na Mainardi, ela foi uma empresa, mais aí foi uma escola, porque muita gente trabalhou aqui e aprendeu as coisas aqui, como serrador, empilhador, laminador, tudo aprenderam aqui. Aí eu falo né?! Que ela era uma empresa e ao mesmo tempo uma escola, que o Vilson de liberdade pras pessoas aprenderem, né?!, só não aprendeu quem não quis. Aí às vezes as pessoas falam que ele não pagou, isso aquilo outro, mas eu falo assim. Pra mim ele foi uma excelente pessoa, que ele ajudou muito nós. Graças à Deus.” (informação verbal do entrevistado 24, 2021)²⁸

A desarticulação familiar, ocasionada pela dispersão das famílias, está no contexto desta narrativa. Esta decorre da paralisação da atividade industrial madeireira e do fluxo migratório

²⁷ Entrevistado 23. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021

²⁸ Entrevistado 24. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021

de retorno, que promoveu acentuada redução do número de moradores na vila Mainardi e que comprometeu em muito a unidade familiar, pela busca de novas oportunidades de trabalho em outras localidades, municípios e/ou estados, por parte de seus membros.

“Meu nome é: (...) Eu tenho cinquenta e sete anos, eu cheguei pra cá eu tinha seis anos de idade, meu marido Vicente Miranda ele é filho da terra com quinze anos eu me casei com ele. Ele era trabalhador aqui da terra, ele trabalhou no trabalho rural, em roça. Aí quando começou aqui né?! A primeira empresa que era a NORSUL, eu tinha uma irmã por nome Lourdes, ela era cozinheira nessa época e eu cresci me casei e ficamos já morando aqui na empresa, meu marido trabalhava aqui e eu nessa época já comecei a estudar, o nome da professora dessa época era Maria das Consolação Leal Sacramento, depois seu Vilson Mainardi chegou com a família Miranda, né?! Que era parte do meu marido também, negociou a área, mais aí continuamos amigos e o seu Vilson deu emprego pra toda família Miranda e alguns tempos atrás seu Vilson cedeu pra nós a terra pra gente trabalhar, né?! Com plantio, graças à Deus eu gosto muito de plantar e eu trabalho com hortas mais também, vendo cheiro verde, a gente tem roça também, há uns quatro anos atrás agente começou a trabalhar com plantio de macaxeira, mandioca, jurumum e outras. E hoje eu graças à Deus continuo no meu plantio, de hortas, já fiz até cursos de trabalhar em horta e trabalho aqui na Igreja, na comunidade, sou ministra da eucaristia, me dou muito bem com eles aqui, compadre Dantas a família, graças à Deus, somos amigos e continuamos esse trabalho nessa caminhada, unidos, um dando a mão pra outro. A gente mora do lado de lá, já em frente a Mainardi, mais continuamos amigos. Graças à Deus, rogamos também a Deus pelo seu Vilson Mainardi que foi uma pessoa que sempre nos ajudou, graças à Deus, até quando meu marido ficava doente, nós ajudávamos, minhas filhas, duas adoeceram seu Vilson ajudou muito nós e Graças à Deus continuamos aqui ainda, na mesma caminhada, na mesma direção.

PESQUISADOR: Como que era assim o dia-a-dia? Na Vila, quando ainda estava em desenvolvimento a Mainardi e a Global? Assim era... seu Vilson tinha um recurso muito forte, como ele tem até hoje, né?! Aí a empresa ela era uma empresa cheio de população, tinha escola como continua tendo, mais antes era muito mais animado, muito mais bem organizado, graças à Deus, seu Vilson dava um impulso muito grande, né?! E todos aqui que viviam aqui se sentiam bem, graças à Deus. Seu Vilson foi uma pessoa que sempre gostou de ajudar, tratar bem as famílias, como até hoje continua, ainda com algumas famílias aqui, né?! Mais essas poucas que tem ele tá ajudando, graças à Deus, e nos resta também agradecer à Deus porque, pelo que houve aqui e continua, hoje fraco mais graças à Deus, nós já tivemos muita oportunidade pra chegarmos até aqui. E tá com vida e tá com saúde Graças à Deus é através da união que vinha vindo sempre, né?! Graças à Deus temos vencendo, né?!

PESQUISADOR: E as atividades que o povo desenvolveu aqui para sobrevivência? Era os empregos, né?! Que tinha, né?! As serrarias até quando ia tendo uma serraria, depois já colocavam mais outra, que foi no lugar que cresceu muito a população, né?! Uns vendiam peixe, açai, camarão, eu também sempre gostei de trabalhar com venda de peixe, de açai, que nós chamávamos as geleiras, que elas vendiam aqui pro povo né?! Peixe da geleira e graças à Deus, a gente se sentiu bem, eu me sinto bem até hoje, graças à Deus.

PESQUISADOR: essa atividade de comprar peixe da geleira, pra vender pras pessoas. Ainda existe? Não eu não quis mais trabalhar e nem tem outras pessoas, o peixe, só os meus filhos que pegam na rede, que ele também é pescador, trabalha com rede grande, pega peixe e sempre ele vende,

PESQUISADOR: Qual o peixe que sempre dá por aqui? Ele trabalha com pescada, aracú e aqueles peixe branco que parece que é piaba o nome, tem acará também, traíra, tudo ele pega, que as vezes ele pesca mesmo, nesses lugares que tem esses peixes.

PESQUISADOR: tem uma época em que dá mais ou não, como é que é? Tem, a partir de agosto, a gente tem uma parte também pra pesca de proibição que são dezembro, janeiro e fevereiro. Março e abril. É só de maio em diante que tem abertura da pesca pra pescar. Eu era castrada na pesca, eu trabalhei mais de dez anos na pesca, aí graças à Deus através dessa pesca que eu ia pagando, né?! E ia tendo aqueles comprovantes, eu já consegui, graças à Deus meu dinheiro, minha

aposentadoria através de ser pescadora, mesmo, eu era cadastrada, na Colônia Z-62, PESQUISADOR: Como a senhora, tem mais pessoas cadastradas na Colônia dos pescadores, aqui da área da Mainardi ou da área de entorno, que você conheça? Sim, eu Maria Santana, Maria Raimunda Miranda Gomes, seu João de Deus e a esposa dele, é... e outras pessoas mesmo, tem um número maior de pessoas, que são cadastradas na Colônia. Eu era cadastrado e desenvolvia a pesca e a cata do camarão, PESQUISADOR: qual o outro meio de sobrevivência, de vida que as pessoas tem aqui, que a senhora tenha conhecimento? Eles têm mais mesmo é a venda de açaí, que todos graças à Deus, tiveram uma sabedoria tão grande de fazer plantio, né?! E cuidar né?! Dos seus plantios, PESQUISADOR: A senhora pode nos dizer que com o fim da atividade madeireira industrial daqui o que substituiu foi o açaí? Como atividade principal? Sim, uma parte mesmo é açaí, graças à Deus, essa parte aí, eu posso dizer que tá todo o Marajó, é açaí, muita gente tá sobrevivendo de seus açaís, tanto pra vender como pra se manter. PESQUISADOR e a terra é boa pro açaí? É sim, tanto desse lado como do outro é muito boa, dá muito açaí, cada qual cuida do seu plantio, de açaí, já plantavam açaí, e o açaí que cá está sendo plantado, ele já dá mais açaí e baixinho, já começa a produzir. PESQUISADOR: Na parte assim de comércio a senhora consegue enxergar pequenos comerciantes, depois da atividade da madeira ou não? - - Tem mais é pouco, eu tenho sobrinho, que é o (...), outra minha sobrinha ali a (...) com o marido dela, que o apelido dele é (...), mais ali em cima que é a (...) também com outra sobrinha minha é A (...) e o (...), moram ali abaixo um pouco da boca do rio Aturiá, que eu sei é que as pessoas tão trabalhando, né?! Em roça, fazendo seus plantios aqui, nessas áreas mais um pouco vizinhas também estão trabalhando em roças e o plantio mesmo do açaí, eles estão trabalhando pra sobreviver.” (informação verbal do entrevistado 25, 2021)²⁹

Nesta manifestação, verifica-se a presença de pequenos pontos de venda nas próprias residências, em que os pequenos negócios se transformam em fonte de geração e de complementação de renda, garantindo a subsistência familiar. Reforça-se, aqui, o caráter diversificado da apropriação dos recursos naturais, pelos moradores, definindo hábitos alimentares e uma cotidianidade muito particular, no âmbito do território.

Como produto da imersão nos distintos olhares das narrativas orais dos agentes construtores da realidade territorial, verifica-se e se ratifica a diversidade de meios de sobrevivência utilizada pelos moradores para superar as dificuldades imanentes à decadência da atividade madeireira, não obstante o fato de que grande parte destas mesmas estratégias perpassou todo o ciclo madeireiro na forma de atividades complementares, a exemplo da pesca, da agricultura de subsistência e da extração do açaí.

Ao mesmo tempo, são revelados outros aspectos do cotidiano e das relações sociais em distintos momentos da história deste território, através de referências ao período anterior ao da atividade madeireira, durante o processo industrial e após a sua decadência. No geral, o desenvolvimento das atividades produtivas implicou a constituição de diferentes modos de vida, aos quais as comunidades foram se adequando e sobre os quais construíram diferentes contornos territoriais, frutos da interação entre os agentes sociais e os meios produtivos e entre

²⁹ Entrevistado 25. Concedida em 21/03/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021

estes e o meio natural. Tais aspectos foram evidenciados, cartografados e apresentados neste trabalho, com a utilização das ferramentas do mapeamento participativo.

5.4 A MALHA FLUVIAL E A CIRCULAÇÃO DE PESSOAS: MEIOS DE TRANSPORTE E DE SOBREVIVÊNCIA NA VILA MINARDI

Favorecido pela malha fluvial, o transporte de passageiros e de pequenas cargas também movimentam pequenos negócios paralelos, além do concorrido negócio da venda de passagens. É recorrente, por exemplo, a venda de alimentos variados no percurso das viagens, que saem de Breves, com destino à Vila Mainardi e às demais comunidades do percurso, pois as lanchas voadeiras recolhem os passageiros, residentes nos diversos afluentes, que compõem a malha fluvial, durante o trajeto das viagens. No percurso, os barcos e as lanchas atendem aos chamados, via rádio ou via o simples balanço de peças de roupas, para chamar a atenção dos comandantes, que, em resposta, dirigem-se às residências e aos portos ou enviam lanchas, para transportar os passageiros, até as embarcações. Quando os passageiros precisem desembarcar, as embarcações fazem paradas em suas residências ou, novamente, utilizam-se das lanchas, como suporte. A Figura 45 se refere a este dinâmico processo de circulação de pessoas.

Figura 45 – Imagens da malha fluvial e do fluxo de transporte de pessoas e de mercadorias



Fonte: acervo do autor (2021)

A circulação de pessoas e de mercadorias entre a Vila Mainardi, Breves e as áreas circunvizinhas é diária, seja pelos meios de transporte que saem da vila ou por outros, que trafegam na região. A constância no fluxo de pessoas está atrelada à necessidade de os moradores resolverem problemas na cidade de Breves, com ênfase nas questões do recebimento de proventos e da captação de financiamentos, para projetos agroextrativistas, bem como para executar compras diversas, para viajar a Belém ou, ainda, para participar de eventos artísticos, culturais, desportivos e religiosos. Em vista disso, a movimentação dos moradores segue o ritmo dos meios de transportes disponíveis, que definem os dias e os horários destes regulares deslocamentos.

“C/M Marcelo faz viagem na segunda, quarta e sexta-feira, sai às 06:00 da manhã da Vila Mainardi e chega às 07:40 em Breves; sai de Breves às 11:30 e chega na Vila Mainardi às 13:30. (...) B/M Manoel Garcia: faz viagem terça, quinta e sábado, sai 06:00 da manhã da Vila Mainardi, chega em Breves 07:40, sai de Breves às 11:30 e chega na Mainardi às 13:30. O B/M Manoel Garcia: saia de Breves às 15hrs da tarde e chegava na Mainardi às 17:30. Saia às 18:00 da Mainardi e chegava em Breves às 19:30 (...) L/M Agir de Deus: faz viagem na segunda, quarta, sexta e sábado. Passa na Vila Mainardi, às 06:15 da manhã, chega em Breves às 07:00h da manhã. Sai de Breves às 12:00 e passa na Vila Mainardi às 13:00 da tarde. Na sexta-feira, ela passa 2 vezes passa de volta 16:30 chega em Breves 17:30.” (informação verbal do entrevistado 26, 2021)³⁰

Outro tipo de pequeno negócio, envolvendo os transportes, gira em torno da venda de combustíveis, favorecido pelo elevado crescimento no número de rabetas — meio de transporte bastante utilizado pelos moradores, para deslocamentos internos, em pequenas distâncias. Indiretamente, estas rabetas operam nos deslocamentos dos moradores de suas residências, nos igarapés, nos furos e nos paranás, até os pontos de embarque e de desembarque das embarcações e das lanchas nos rios principais. O aumento do fluxo deste meio de transporte fez surgir, às margens dos rios, diversos pontos de venda de combustíveis (gasolina e óleo diesel). Em muitos casos, estes combustíveis são obtidos na troca por produtos regionais, quando da passagem das grandes embarcações, que trafegam pela região.

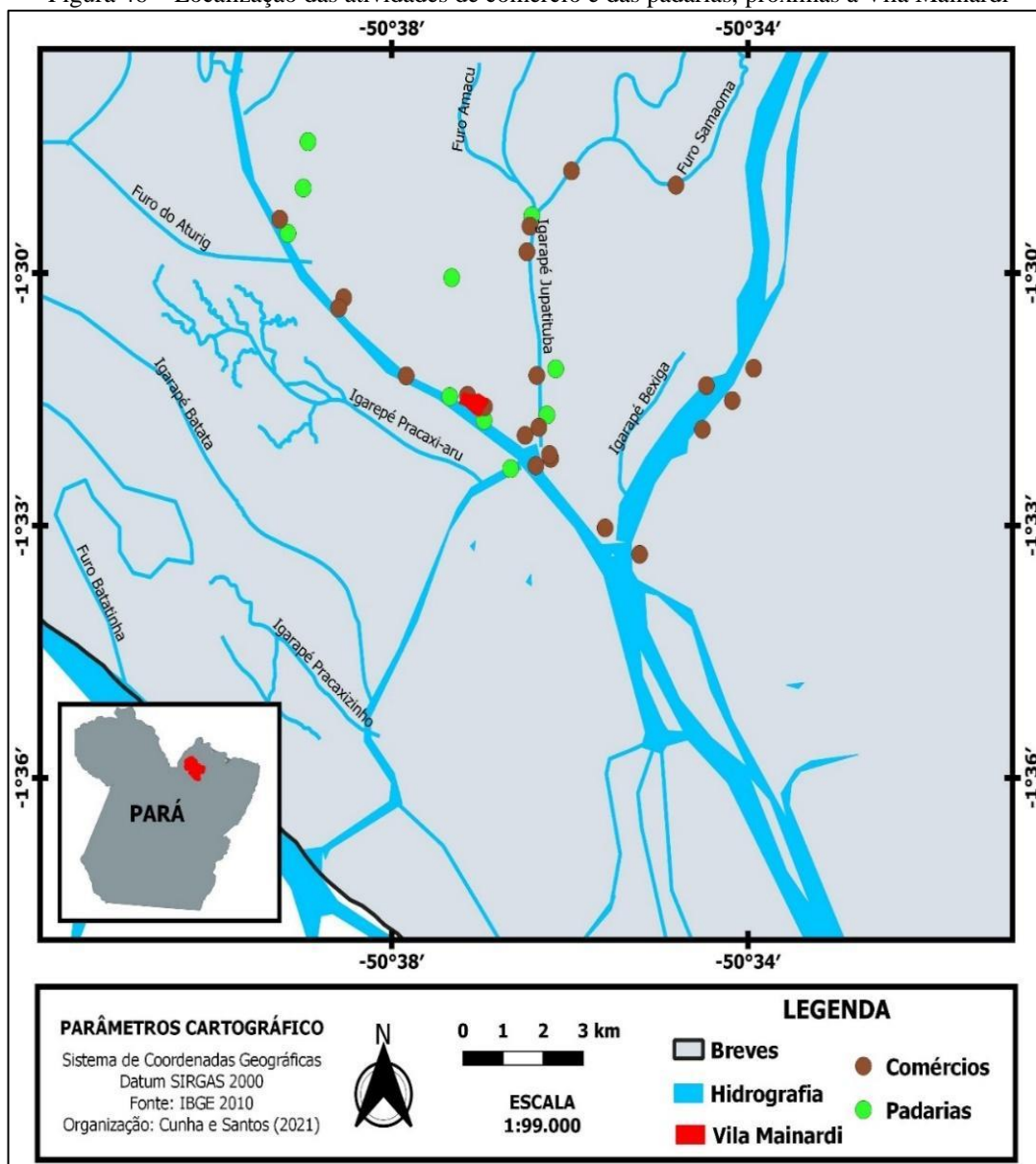
Em resumo, este é um fato conhecido e reconhecido por todos, não obstante as demais formas de sobrevivência, em última análise, a circulação de pessoas também mobiliza recursos de diversas fontes, sejam os ligados aos benefícios governamentais, sejam os de origem comercial, sejam os da prestação de serviços, como é o caso do próprio serviço de transportes. Os locais mapeados pelos participantes desta pesquisa facilitam a interpretação das principais estratégias de sobrevivência da comunidade da Vila Mainardi, após o fim da exploração da

³⁰ Entrevistado 26. Concedida em 16/06/2021. Entrevistador: Amiraldo do Socorro Soares da Cunha. Breves (PA), 2021.

madeira, representando um importante instrumento para os locais, pois faz uma espécie de síntese dos principais dados e das informações do contexto socioeconômico da comunidade, enfatizado suas estratégias de geração de trabalho, de emprego e de renda.

Na Figura 46, observa-se o mapeamento das atividades comerciais, praticadas nos arredores da Vila Mainardi, correspondendo aos pequenos pontos de vendas residenciais e às cantinas, em que os moradores podem adquirir itens básicos de alimentação e de higiene. Os pontos comerciais residenciais e as cantinas são reabastecidos pelos mesmos barcos que coletam a produção dos ribeirinhos ou por barcos de linha, que, semanalmente, fazem o trajeto Breves-Belém-Macapá.

Figura 46 – Localização das atividades de comércio e das padarias, próximas à Vila Mainardi



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Assim, a exploração extrativista do açaí emerge da necessidade de aquisição de renda e de sustento, por parte destas famílias, logo se pode dizer que fazem parte de um conjunto de estratégias e/ou de atividades, que têm fundamental importância para o dinamismo das comunidades e de suas famílias, conforme verificado por Arima, Maciel e Uhl (1998), quando enfocam a grande riqueza de recursos naturais — madeira, peixes, fibras, entre outros —, os quais, desde que utilizados racionalmente, possuem relevante importância econômica para o sustento das famílias e representam importante fator de manutenção da vida dos moradores do estuário amazônico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da atividade madeireira na Vila Mainardi foi extremamente marcante, do ponto de vista socioeconômico. Como outros lugares da Amazônia, a Vila Mainardi sofreu enormes metamorfoses — não raro, brutais — sobre o conjunto das formas naturais do seu território, as quais deixaram marcas e matrizes no espaço e no imaginário da população, principalmente, na expansão da atividade de retirada da madeira. A Figura 47 reproduz a síntese das considerações mais relevantes, resultantes da realização desta pesquisa.

Figura 47 – Síntese das considerações mais relevantes, resultantes da pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A metodologia de construção da base cartográfica participativa possibilitou a que a população criasse sua própria simbologia, para a representação dos elementos da Vila Mainardi. Isto é necessário, para que as pessoas se sintam participantes em todas as etapas de produção da cartografia local, facilitando os entendimentos das reivindicações da comunidade e dos recursos explorados na região. As reuniões e as oficinas renderam uma visão sobre a organização territorial da Vila Mainardi e do seu entorno, quanto aos arruamentos, ao uso e cobertura da terra, à hidrografia, bem como quanto aos limites da análise, o que é extremamente necessário, consoante o resultado final do mapeamento participativo.

Neste sentido, o mapeamento participativo se apresentou como um importante recurso metodológico da Cartografia Social, em que foram relatados e grafados os espaços da área em

estudo, que está bem diferente dos tempos passados, resultado da exploração dos recursos naturais, em larga escala, por corporações gigantescas ou firmas transnacionais.

O encontro do tempo real, através do esforço de mapeamento participativo, possibilitou-nos sincronizar os eventos em padrões gráficos (mapas), facilitando uma análise, segundo seus respectivos conteúdos históricos, que interage com outros territórios, que, por sua vez, dialoga com as lógicas espaciais globais, geralmente, econômicas. O método participativo utilizado permitiu propagar as tecnologias de mapeamento e promover a inclusão social, representando um avanço na forma de olhar o uso da terra, na região amazônica.

As tecnologias, com destaque para os Sistemas de Informações Espaciais (SIEs) facilitaram a sistematização dos dados e a visualização dos resultados obtidos, para o planejamento futuro e para a tomada de decisões. O resultado mais importante desta fase, quanto ao uso dos SIEs, diz respeito à possibilidade de os moradores da Vila Mainardi terem contato com novas tecnologias, que possibilitem a constituição de visões diferenciadas (de cima para baixo) do território, fazendo despertar o interesse, por parte dos participantes, por mais treinamentos, adquirindo confiança nos métodos aplicados.

Outrossim, o uso dos SIEs e dos BDGs possibilitou realizar a análise pós-exploração, através do mapeamento participativo da Vila Mainardi, inaugurando uma nova percepção das comunidades tradicionais, voltada à gestão ambiental e ao diagnóstico de carências e de necessidades, que podem nortear políticas públicas futuras, associadas a estas comunidades e/ou às áreas, em que vivem.

Percebeu-se que o açaí é o grande representante econômico na Vila Mainardi, depois da decadência da exploração da madeira na região, contudo é necessário conhecer o potencial produtivo deste fruto, para garantir a permanência e, quem sabe, ampliá-lo. Ou seja, o açaí tem um grande potencial econômico de uso, no entanto é necessário conhecê-lo melhor, por meio de pesquisas, relacionadas ao potencial produtivo, e desenvolver sistema de exploração, haja vista que se trata de um produto que já é explorado, em larga escala, na região. Nesse contexto, seria interessante a realização de cursos e de oficinas de boas práticas de colheita e de manuseio do açaí, junto às comunidades produtoras.

Apesar do fortalecimento de antigas estratégias de sobrevivência, como a extração do pescado e das frutas e a intensificação do consumo nas cantinas, observou-se que tais práticas ainda precisam melhorar e se mostram ineficientes, sobretudo, na manutenção da qualidade de vida da população, principalmente, no que diz respeito à segurança alimentar.

A conversa com os moradores locais fez com que novos questionamentos fossem levantados, os quais servem como base para propostas de estudos sobre o modo de vida na

Amazônia, não, somente, quanto ao emprego de recursos naturais, como as tradicionais extrações vegetal, animal e mineral, mas quanto à tendência de inserção de práticas econômicas sustentáveis e mais rentáveis, para garantir algo além das refeições principais, como a criação de peixes ou outros animais silvestres e/ou o manejo florestal de madeira, de açaí, de palmito, entre outros.

Com o mapeamento participativo, buscou-se contribuir no incremento da produção científica de mapas, para subsidiar o diagnóstico e o planejamento de áreas ocupadas por populações tradicionais, com vistas à melhoria de suas realidades imediatas, por meio da construção de políticas mais assertivas, públicas ou privadas, que possam garantir melhores desenvolvimentos econômico e social, principalmente, após o encerramento de ciclo econômicos.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. (org.). **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro: UFRJ - IPPUR, 2008.

ALVES, K. M.; DE MATOS, C. C. O papel da mulher ribeirinha nas relações de produção e comercialização na agricultura familiar no município de Breves, Pará. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 16, p. 417-432, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2854>. Acesso em: 24 mar. 2021.

ALVES, O. J. A.; DA SILVA, C. N.; DE CASTRO, C. J. N. Uso dos recursos naturais por populações tradicionais na RESEX Mapuá (Breves–Pará). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <http://ihgp.net.br/revista/index.php/revista/article/view/9>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ALVES, O. J. A.; DA SILVA, C. N.; REIS, J. F. G.; DA SILVA CAETANO, V. N. Desterritorialização Produtiva e Mudanças no Marajó: Arrecadação, Desemprego e Violência na Cidade de Breves (Pará-Brasil). **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 31, n. 2, p. 406-427, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/8788>. Acesso em: 25 fev. 2021.

ARAÚJO, F. E.; ANJOS, R. S.; ROCHA-FILHO, G. B. Mapeamento participativo: conceitos, métodos e aplicações. **Boletim de Geografia**, v. 35, n. 2, p. 128-140, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/31673>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ARIMA, E. M.; MACIEL, N.; UHL, C. **Oportunidades para o desenvolvimento do estuário amazônico**. Belém: Imazon. 1998. p. 34. (Série Amazônia, v. 15)

BEZERRA, M. M. **Desenvolvimento Institucional da Educação Superior no Marajó: um estudo sobre a implementação dos programas REUNI, PARFOR UAB e PROUNI no município de Breves (PA), no período de 2009 a 2013**. 2014. 95f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Gestão Pública para o Desenvolvimento, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

BRASIL. Ministério da Segurança Pública. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Comissão Nacional de Segurança Pública nos Portos, Terminais e Vias Navegáveis. Resolução nº 52, de 20 de dezembro de 2018. **Diário Oficial da União**, Brasília, 27 dez. 2018, ed. 248, s. 1, p. 172. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/56969471. Acesso em: 18 fev. 2020.

BRASIL. **Plano de Desenvolvimento Territorial Sustentável do Arquipélago do Marajó**. / Grupo Executivo Interministerial / Grupo executivo do Estado do Pará. [S. l.]: [s. n.], 2007. 296 p.

CORREIA, T. de B. De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, núm. 4, mayo, 2001, p. 83-98

CRISPIM, D. L.; RODRIGUES, R. S. S.; DE ABREU VIEIRA, A. S.; DE OLIVEIRA SILVEIRA, R. N. P.; FERNANDES, L. L. Espacialização da cobertura do serviço de saneamento básico e do índice de desenvolvimento humano dos municípios do Marajó, Pará. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 11, n. 4, p. 112-122, 2016. Disponível em: <https://editoraverde.org/gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/4507>. Acesso em: 15 fev. 2021.

CRISTO, A. C. P. **Cartografias da educação na Amazônia rural ribeirinha**: estudo do currículo, imagens, saberes e identidade em uma escola do Município de Breves/Pará. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ENTENDA o ISPS Code. RBNA Consult, 14 jun. 2017. Disponível em: <https://rbnaconsult.com/isps-code/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HIGUCHI, C. A. P.; SERAPHIM, O. J. Avaliação da evolução do consumo de energia elétrica do Programa “Luz Para Todos”, implantado na cooperativa de eletrificação rural de Itaí, Paranapanema e Avaré – Ceripa. **Revista Energia na Agricultura**, Botuacu, v. 24, n. 3, p. 24-33, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO RESIDENTE NO BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO COM DATA DE REFERÊNCIA EM 1º DE JULHO DE 2019**. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2019/POP2019_20210331.pdf. Acesso em: 22 fev. 2021.

INTERNATIONAL FUND FOR AGRICULTURAL DEVELOPMENT (IFAD). **Good practices in participatory mapping**: a review prepared for the International Fund for Agricultural Development (IFAD). Itália: IFAD, 2009.

INVEST PARÁ. **Guia de Breves, 2018**. Disponível em: <http://investpara.com.br/wp-content/uploads/2019/12/Guia-de-Breves-2.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

LA BLACHE, P. V. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Cosmos, 1954 [1922].

LA CONDAMINE, C. **Viagem na América meridional descendo o rio Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000.

LITTLE, P. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da territorialidade**. Brasília: [s. n.], 2002. (Série Antropologia)

MELLO, N. A. de. **Políticas territoriais na Amazônia**. São Paulo: Annablume, 2006.

NOGUEIRA, A. K. M.; SANTANA, A. C.; GARCIA, W. S. A dinâmica do mercado de açaí fruto no Estado do Pará: de 1994 a 2009. **Revista Ceres**, v. 60, n. 3, p. 324-331, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rceres/a/5Nk5bYG7bxrHwWQcYDzDDFp/?lang=pt>. Acesso em: 22 abr. 2021.

PAZZINI, L. H. A. *et al.* Energia e desenvolvimento: modelo participativo de eletrificação rural. In: XVI CONFERÊNCIA LATINOAMERICANA DE ELECTRIFICACION RURAL - XVI CLER. Santiago do Chile, setembro de 1997. Anais [...]. Santiago do Chile, 1997.

PELICIONI, M. C. F. *et al.* A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, p. 115-121, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/kFzCC9Dfbfv7WzPNQbJZVmF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 abr. 2021.

RIBEIRO, L. B.; MOTA, D. M. da; ALVES, K. dos S. Vilas rurais na Amazônia oriental: o nordeste paraense em questão. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 34, n. 3, p. 339-358, set./dez. 2017

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1983.

RODRIGUES, J. M. P.; DA SILVA, G. P. O Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) na ótica de egressos no município de Breves-Pará. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 3, n. 1, p. 260-286, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/4541>. Acesso em: 23 abr. 2021.

SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. London: Cambridge University Press, 1986.

SALERA JÚNIOR, G. Breves: Capital das Ilhas. 2009. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1896227>. Acessado em fevereiro de 2021.

SAQUET, M. A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade, **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 55-76, jan./jun. 2007

SILVA, C. N.; PALHETA DA SILVA, J. M.; CHAGAS, C. A. N. Territorial analysis in environmental studies on fisheries: a question of scale and spatial representation. **Open Journal of Social Sciences**, v. 2, p. 304-313, 2014.

SILVA, C. N.; VERBICARO, C. O mapeamento participativo como metodologia de análise do território. **Scientia Plena**, v. 12, n. 6, 2016. Disponível em: <https://scientiaplenu.emnuvens.com.br/sp/article/view/3140>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SILVA, M. G. **Os Trabalhadores de Várzea no Serviço da Madeira: Contradições Sociais no Desenvolvimento e Crise do Extrativismo no Vale Amazônico**. 1987. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1987. Disponível em: <https://www.ppgdstu.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Dissertacoes/2000,1999,1998,1996,1987/Disserta%C3%A7ao%20Marly%20G%20da%20Silva2.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021.

SILVA, R. M. A. DA. **Entre o Combate à Seca e a Conveniência com o Semi-árido: Transições Paradigmáticas e Sustentabilidade do Desenvolvimento**. Universidade de Brasília. 2006, p. 271.

SORRE, Max. A noção de gênero de vida e seu valor atual. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia Cultural: Um século** (3). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. p. 15-63.

TAGORE, M. P. B.; DO CANTO, O.; SOBRINHO, M. V. Políticas públicas e riscos ambientais em áreas de várzea na Amazônia: o caso do PRONAF para produção do açaí. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 45, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/51585>. Acesso em: 23 maio 2021.

TAVARES, G. S.; HOMMA, A. K. O. **Comercialização do açaí no estado do Pará: alguns comentários**. [S. l.]: Embrapa Amazônia Oriental, 2015. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/1031486>. Acesso em: 10 maio 2021.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. Trad. Clotilde da Silva Costa. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WEINSTEIN, B. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec, 1993.